

Invenções de Maceió

*pequeno atlas do imaginário social-urbano
das águas*



INVENÇÕES DE MACEIÓ

pequeno atlas do imaginário social-urbano das águas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em atendimento ao requisito final para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Isabela Camargo Ribeiro Fidelis de Moura Marques
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Michaello Dias

Maceió – Alagoas
Abril de 2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M357i Marques, Isabela Camargo Ribeiro Fidelis de Moura.
Invenções de Maceió : pequeno atlas do imaginário social-urbano das águas /
Isabela Camargo Ribeiro Fidelis de Moura Marques. – 2024.
174 f. : il. color.

Orientadora: Juliana Michaello Macêdo Dias.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 168-174.

1. Urbano-natural-urbanizado (Imaginário urbano). 2. Cidades das águas. 3.
História cultural. 4. História urbana. 5. Imaginário urbano. 6. Maceió (AL). I.
Título.

CDU: 72(813.5)

“É uma vocação natural da inteligência
especulativa da região. A tentativa de
explicar a loucura da nossa sociedade.”
(GUTEMBERG, 2012, p. 110)

RESUMO

Maceió é uma cidade composta por muitas águas e essas águas estiveram muito presentes em sua urbanização. Este trabalho apresenta uma investigação da relação da cidade com suas águas pelo viés da subjetividade, a partir da literatura e de outras narrativas que compõe o imaginário urbano. Esta dissertação concluiu que a relação da cidade com suas águas tende a reforçar o imaginário de tamponamento que a originou. O imaginário de tamponamento das águas explicita essa relação conflituosa entre a urbe e suas águas, onde coexistem o vínculo profundo e uma dependência complexa e o desejo de controle, tapagem e desvio, em vez de adaptabilidade a essas águas, gerando um imaginário urbano-natural-urbanizado. Isso indica para estudos futuros a necessidade de se refletir sobre outros modos de se relacionar com as águas urbanas, no caso de Maceió, mas também em outras cidades, principalmente com o advento das catástrofes climáticas cada vez mais presentes na era do antropoceno do século XXI.

Palavras-chave: Urbano-natural-urbanizado; Cidades das águas; História cultural urbana; Imaginário urbano; Maceió.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Autorretrato cego - cena de "Percurso das narrativas da dimensão humana", curta-metragem produzido por mim para a disciplina "Práticas e instrumentais de pesquisa" do PPGAU/UFAL. Disponível em: https://youtu.be/ZMfBnytLiS8.....</i>	14
Figura 2 - Mapa esquemático visual das Maceiós de cada romance. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió com alterações da autora.....	28
Figura 3 - Diagrama de vetores da expansão urbana de Maceió. Fonte: Marques, I. C. (2018).....	31
Figura 4 - Capas dos romances maceioenses escolhidos como base de montagem da dissertação....	39
Figura 5 - Cena de "Entrelaço", curta-metragem produzido por Isabela Camargo, Synara Holanda e Rafael Almeida para a disciplina "Corpo como espaço habitado" do PPGAU/UFAL. Acessível em < https://youtu.be/-vvH-a-QsVQ >	51
Figura 6 - Painel visual online. Fonte: Arquivo pessoal da autora.	55
Figura 7 - Processo de montagem. Fonte: Arquivo pessoal da autora. Figura 8 - Processo de montagem. Fonte: Arquivo pessoal da autora.....	57
Figura 9 - Montagem das águas - subtemas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.	59
Figura 10 - Montagem das águas - cidades das águas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.....	61
Figura 11 – Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: https://www.cavalofilme.com.br/sobre	66
Figura 12 - Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: https://www.cavalofilme.com.br/sobre	68
Figura 13 - Foto aérea antes da construção do Dique-Estrada. Foto de José Ronaldo s/d. Acervo de Ailton Pacheco. Fonte: Rubens Duarte (2019). Figura 14 - Dique-Estrada em processo de aterramento. Fonte: Rubens Duarte (2010).....	78
Figura 15 - Frame da cartografia em realidade expandida “Habitat Mestiço Circulador”. Fonte: https://hmc.art.br/	80
Figura 16 – Riacho Maceió separando centro e Jaraguá no séc. XIX. Base da Planta e nivelamento para o encanamento das águas do riacho bebedouro à cidade de Maceió, 1859 com alterações da autora. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176743/cart176743.jpg . Acesso em 06/03/2024.....	88
Figura 17 - Mapas da Evolução urbana da Planície Litorânea de Maceió. Fonte: MEP, 2017.	90
Figura 18 - Mapa esquemático visual das águas, alagadiços de Maceió. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió com alterações da autora.....	92
Figura 19 - Ponte de Desembarque de Jaraguá, s/d. Fonte: Misa (Museu da Imagem e do Som de Alagoas).	94
Figura 20 - Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: https://www.cavalofilme.com.br/sobre . Figura 21 - Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: https://www.cavalofilme.com.br/sobre	95
Figura 22 - Riacho Maceió Salgadinho, no antigo leito. A ponte da foto destruída na cheia de 1924 e substituída pela Ponte do Fonseca. Fonte: História de Alagoas.	96
Figura 23 - Porto e canal da Levada, início do século XX. Fonte: História de Alagoas. Figura 24 - Levada, Maceió, 1905. Foto: Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.	98
Figura 25 - Horto Municipal e Porto da Levada, Maceió, s/d. Fonte: MARROQUIM, Adalberto. Terra das Alagoas. Maceió: Poder Legislativo do Estado de Alagoas, 2021. Edição original, 1922. Figura 26 - Área aterrada com porto da Levada ao fundo. Fonte: História de Alagoas.....	99
Figura 27 - Ponte dos FONSECAS em alvenaria, fim do século XIX. Fonte: História de Alagoas. Figura 28 - Ponte dos FONSECAS em alvenaria, fim do século XIX. Fonte: História de Alagoas.	101

Figura 29 - Ponte da Great Western sobre o Salgadinho após cheia de 1924. Fonte: História de Alagoas.	103
Figura 30 - Ponte sobre o Salgadinho destruída pela tromba d'água de 1949. Fonte: História de Alagoas.	104
Figura 31 - Rua Barão de Atalaia após desabamento da barreira, em 1949. Fonte: História de Alagoas.	105
Figura 32 - Escadarias da Praça Sinimbu para o Riacho Maceió em seu leito original. Fonte: História de Alagoas.	107
Figura 33 - Porto e canal da Levada, 1920. Foto de Rogato. Fonte: História de Alagoas.....	116
Figura 34 - Cata de Sururu - Lagoa Mundaú -AL, Out. 2022. Fonte: Gazeta de Alagoas Web. Figura 35 - Cata de Sururu - Lagoa Mundaú-AL, Mar. 2023. Fonte: Gazeta de Alagoas Web.	121
Figura 36 - Fragmento do Mapa Geomorfológico da Região Lagunar de Maceió. Fonte: Ivan Fernandes Lima (2010).	125
Figura 37 - Covo. Foto de Pablo de Luca. Figura 38 - Pescador na lagoa Manguaba. Foto de Pablo de Luca.	133
Figura 39 - Sururu de Capote. Fonte: História de Alagoas.	134
Figura 40 - Filé. Foto de Pablo de Luca.	135
Figura 41 - Pastoril em Maceió. Fonte: História de Alagoas. Figura 42 - Chegança em Maceió, 1905. Foto de Luiz Lavenère Wanderley. Fonte: Arquivo Nacional do Brasil.	137
Figura 43 - Cavalhada na Rua Cônego Costa em Bebedouro, Maceió - 1955. Foto de Marcel Gautherot. Fonte: Instituto Moreira Sales. Figura 44 - Baianas Recordar é Viver, agosto de 2014 - Orla da Ponta Verde - Maceió. Fonte: ASFOPAL.	138
Figura 45 - Guerreiro alagoano em 1943, Maceió. Foto de Marcel Gautherot, acervo do Instituto Moreira Sales. Figura 46 - Guerreiro alagoano do Mestre Jorge Ferreira. Foto de Leo Villanova.....	139
Figura 47 - Vivência com Bumba Meu Boi - Andança Negra, Maceió, Fevereiro de 2020. Acervo da autora. Figura 48 - Festival de Bumba meu Boi de Maceió, 2023. Foto de Edvan Ferreira.	140
Figura 49 - Festa de Nossa Senhora da Guia, 1952 - Trapiche da Barra. Acervo do Arquivo Público de Alagoas. Figura 50 - Natal do Major Bonifácio, 1923 - Bebedouro. Fonte: História de Alagoas.....	141
Figura 51 - Praça Wanderley de Mendonça - Jaraguá, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil. Figura 52 - Panorâmica de Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.	146
Figura 53 - Edição 225 de O Bacurau, 6 dez. 1930. Disponível em: https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=14343243 . Acesso em: Mar. 2024.....	147
Figura 54 - Bonde sobre ponte dos Fonseca, em alvenaria. Praça Sinimbu. Fonte: História de Alagoas. Figura 55 - Bonde pós jogo CSAxCRB no Mutange. Fonte: História de Alagoas.	148
Figura 56 - Rua Floriano Peixoto, centro - Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil. Figura 57 – Ladeira dos Martírios, s/d. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.	149
Figura 58 - Estátua da Liberdade e Zeppelin, Jaraguá, 1935. Fonte: Prefeitura de Maceió.....	150
Figura 59 - Jornal “Orbe”, 7 de outubro de 1898, Maceió. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em 15/01/2024. Disponível em: https://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=260959&pagfis=6071	152
Figura 60 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles. Figura 61 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles....	157
Figura 62 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles. Figura 63 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles....	159
Figura 64 - Vendedor de Perú, Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil. Figura 65 - Vendedoras ambulantes na Praça do Montepio dos Artistas, Maceió, 1905. Foto: Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.	160
Figura 66 - Rua da Lama. Fonte: História de Alagoas.	162

Figura 67 - Canal Novo na Lagoa Manguaba, 1950. Foto: Stuckert. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

..... 163

SUMÁRIO

PARTE 1 – INVENÇÕES TEÓRICAS	8
1. NOTAS SOBRE O INVENTAR 	9
1.1 QUERIA MESMO ERA INVENTAR UMA IDENTIDADE BOA	15
2. LITERATURA E CIDADE 	18
3. LITERATURA E MACEIÓ 	24
3.1 TEMPORALIDADE E CONTEXTO	24
3.2 AS CIDADES INVISÍVEIS	29
PARTE 2 – INVENÇÕES METODOLÓGICAS	40
4. MODOS DE PENSAR 	41
4.1 PENSAR POR MONTAGENS	41
4.2 PENSAR POR ATLAS	43
5. MONTAR ASSOCIAÇÕES: INVENTAR ATLAS 	45
PARTE 3 – INVENÇÕES DAS ÁGUAS DE MACEIÓ	64
6. PEQUENO ATLAS DO IMAGINÁRIO SOCIAL-URBANO DAS ÁGUAS 	65
6.1 CIDADES DAS ÁGUAS	65
6.1.1 CIDADE MAÇAI-O-G	66
formação da restinga	66
maçai-o-g	69
vida e movimento	74
6.1.2 CIDADE ANFÍBIA	80
o que tapou o alagadiço	80
formas urbanas alagadas	84
Maceió, cidade portuária	107
Imaginário urbano-natural-urbanizado	117
7. ÁGUAS FINAIS 	163
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 	168



PARTE 1 – INVENÇÕES TEÓRICAS

1. | NOTAS SOBRE O INVENTAR |

Esta dissertação investiga a história cultural urbana de Maceió a partir, principalmente, da literatura, mas também de outras linguagens como a música popular, a produção acadêmica e jornais e revistas. Essas linguagens produzem diferentes enunciados ambientados na cidade, que trazem à tona, portanto, diferentes Maceiós, surgidas dessa imersão.

Chamaremos aqui de *invenções de Maceió*, amparadas pelo conceito de Durval Albuquerque (2011), o conjunto de enunciados repetidos regularmente ao longo do tempo que passam a ser tidos como definidores do caráter de um determinado lugar e de seu povo, como se estivessem reproduzindo uma essência, sua verdade mais interior. As *invenções de Maceió* contribuem para o entendimento da cidade e de sua dinâmica socioespacial ao evidenciarem coisas que se repetem nas diferentes narrativas, assim como coisas que se contrapõem no discurso. É possível identificar padrões ou temas recorrentes e refletir sobre o porquê eles estão aparecendo ali, convidando ao aprofundamento da reflexão sobre a cidade. Perceber e identificar os enunciados é importantíssimo, inclusive para referenciar o que aparece quando alguém debruça o olhar sobre a cidade, partindo do pressuposto de que

Essas linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais. Os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem. (DURVAL ALBUQUERQUE¹, 2011, p.34)

Estudiosos e estudiosas de diversas áreas do conhecimento abordam a dialética discurso-produção de espaço sob diferentes óticas. Castro (2013, p.11) aponta que “além de serem um artefato socialmente produzido num campo de forças, as cidades não deixam de ser imagem e representação geradas por práticas que dão forma e função ao espaço, alimentando em contrapartida as próprias práticas”. Paola Berenstein (2008) conceitua como *corpografias urbanas* a relação

¹ Neste trabalho usarei o primeiro nome junto com o habitual sobrenome para fins de identificação de gênero das autoras e autores, e facilitar a diferenciação entre alguns autores importantes que são base para esta dissertação e, portanto, aparecem muito, e que possuem o mesmo sobrenome.

dialética entre corpo e cidade, “um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo” onde, partindo do pressuposto que corpos humanos produzem o espaço urbano, ao experienciar a cidade, tem nele inscrita a memória urbana, o registro dessa experiência na cidade, ou seja, da mesma forma que produz a cidade, o corpo também é produzido por ela. Albuquerque (2011), traz para a discussão o aspecto da produção simbólica a partir do discurso em diferentes linguagens, sob o nome de *invenções*. A premissa que o sujeito produz o espaço, assim como o espaço produz o sujeito (Berenstein, 2008), conduz o presente trabalho, com o objetivo de identificar as fagulhas que impelem comportamentos e modos de pensar, ou seja, sentimentos e discursos que originam formas de viver um determinado lugar, e que são materializadas em território; assim como territorialidades que se traduzem em experiência e práticas urbana.

Albuquerque(2011), em seu 'A invenção do nordeste e outras artes', conceitua os termos *dizibilidades* e *visibilidades*. Para o autor, *dizibilidades* são discursos que se tornam práticas cotidianas da cidade, e *visibilidades*, práticas cotidianas que acontecem sem um discurso por trás, quase que de forma inconsciente. Acredito que essas práticas cotidianas (as ditas e as não ditas) configuram a vida urbana, como os espaços são produzidos e como eles são vividos. Essa relação do corpo na cidade constrói também imagens da cidade e como as pessoas se enxergam (ou não) por meio dessas imagens. Entendi também que as *dizibilidades* e *visibilidades* partem de, e são alimentadas por sentimentos. Sentimentos estes, construídos histórica e circunstancialmente, discutindo o corpo e as emoções também como invenções. Pretendo aqui, portanto, identificar algumas dessas *visibilidades* e *dizibilidades* em Maceió, e entender em que condições surgiram essas narrativas, qual a estrutura de poder que as sustenta e principalmente quais os impactos espaciais e em termos de sociabilidade urbana que a existência dessas narrativas ou práticas produzem, ou seja, “levantar as condições históricas de possibilidades dos vários discursos e práticas que deram origem ao recorte espacial (...)”(ALBUQUERQUE, 2011, p. 32).

Tendo o território como campo de ação, o que queremos estudar é o arquivo de imagens e enunciados, que se formulou ao longo do tempo, por diversos fatores e contextos, que direcionam comportamentos e atitudes da gente maceioense, sabendo que os discursos direcionam comportamentos tanto quanto os comportamentos direcionam os discursos. Trata-se de desnaturalizar o lugar, de problematizar sua invenção. “Tanto na visibilidade quanto na dizibilidade articulam-se o pensar o espaço e o produzir o espaço, as práticas discursivas e as não-

discursivas que recortam e produzem as espacialidades e o diagrama de forças que as cartografam." (ALBUQUERQUE, 2011, p. 35). O diagrama de forças que produz os diferentes discursos é complexo em si mesmo, como é a própria história. Não pretendo, portanto, definir 'verdades' sobre Maceió, tampouco cobrir a cidade toda. Não acredito em verdades únicas, e sim em fragmentos de realidades diversas. Esse trabalho pretende identificar fragmentos de Maceió, atravessados por visões e vivências minhas e de outros autores. Acredito que o termo invenção é bastante apropriado, pois transmite uma ideia de múltiplas verdades, ou de que registros são discursos, que partem de um modo específico de ver a vida ou a 'realidade', ou seja, de uma ideologia. E é a partir dessa ideologia e do jogo de poder social e econômico que os discursos são produzidos, reproduzidos e registrados como verdade.

Claro que a apresentação dessas invenções passa pela minha própria *invenção de Maceió*. Esses atravessamentos todos ficam evidentes nos recortes e agrupamentos presentes no trabalho. A própria apresentação de uma Maceió da literatura passa, antes de tudo, pelos meus próprios olhos, que enxergam coisas e sentidos que outros olhos não enxergariam. Em sua ambiguidade e coerência, pois "tudo o que comigo se cruza torna-se para mim uma imagem do que estou a pensar na altura" (WITTGENSTEIN, 1996, p. 36, apud TAVARES, 2013, p. 40). E assim como o de Albuquerque (2011), esse "trabalho também não se prende a um dado sistema de pensamento, nem busca a coerência absoluta entre suas partes. A história é incoerência, lança mão de fragmentos de discurso, porque, longe de querer afirmar identidades discursivas, ela quer destruí-las" (ALBUQUERQUE, 2011, p. 42). É por esse motivo também que em alguns lugares por toda a dissertação, a escrita em primeira pessoa se faz presente, evidenciando o atravessamento do meu olhar nas narrativas de outras pessoas. Se fazendo aqui necessário, "uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros" (GRADA KILOMBA, 2019, p. 58).

Isto posto, cabe aqui expor o lugar de onde venho e falo pois, enquanto maceioense, estar tanto dentro quanto fora do 'objeto' de pesquisa, me faz, mais do que tudo, implicada. A vontade de entender as dinâmicas humanas que afetam/constroem a cidade de Maceió é uma vontade antiga, assim como a sensação de não conhecer a própria casa, o próprio lugar. Uma sensação esquisita de pertencer ao *despertencimento*. Isso sempre me incomodou, desde criança, não

sei por quê, nem de onde surgiu. Quando eu era criança, não entendia o que sentia, e transferia para a família paulista (a de minha mãe), toda minha vontade de pertencer, negando minha origem nordestina (família paterna). Essa negação já vinha de um sentimento forte de *despertencimento* que foi diminuindo à medida que experienciei outras possibilidades de viver, para além da classe média (ou média alta) ao entrar na escola técnica federal (IF), durante o ensino médio. O desejo de conhecer melhor os lugares que me são casa, vieram também de um desejo de me encaixar, de pertencer e principalmente, de me justificar socialmente. Sempre me senti entre mundos, onde quer que eu esteja. Quando me encaixo fisicamente, basta abrir a boca que me desencaixo quase que instantaneamente. Se me encaixo pelas minhas ideias, visão de mundo, sensibilidade ou simplesmente porque minha alma pede que eu esteja ali, minha imagem é motivo de estranhamento e/ou rejeição. A verdade é que foi essa vontade de pertencer plenamente que motivou a escolha do tema do trabalho final e graduação: as transformações do bairro da Jatiúca ao longo do tempo e seus impactos nas vidas e cotidianos dos moradores antigos. A presente dissertação surge desse mesmo lugar, apenas ampliando o que entendo por casa, para Maceió. O curioso é que à medida que vou conhecendo melhor esses lugares-casa, a sensação de um pertencer cheio de despertencimentos aumenta exponencialmente em fluxos alternados de paz e angústia. A construção desse trabalho (junto a outros fatores pessoais) tem me levado cada vez mais pra longe dessa angústia do pertencer, afinal, ninguém pertence plenamente a lugar nenhum, que não a si mesmo. Ainda que, a cada novo ciclo, se abra nova angústia do despertencimento, e tudo se repita. Cada vez que passo pelo mesmo processo aprendo, de novo, que nenhum lugar, nem ninguém pode te contemplar por inteiro, todas as suas partes. E me tem ficado cada vez mais claro que a beleza da vida e das coisas está nas suas complexidades, ambiguidades, incoerências e esquisitices. Não que seja fácil conviver com o entre, os mistérios e os conflitos.

Sendo filha de um intelectual de esquerda, cresci inserida nas discussões sobre a cultura alagoana, que era o esporte favorito desse grupo de pessoas, principalmente os amigos e algumas poucas amigas de meu pai. A irreverência e a desesperança caminhavam o tempo todo de mãos dadas, saborizando a água particular (não necessariamente exclusiva), do suco de Alagoas. Como um fruto não cai longe da árvore, e, felizmente tive a rara sorte de ter um pai que de fato me criou, pude acompanhar tais discussões desde tenra idade, levando comigo essa vivência que vem se materializando em quase tudo que faço, compondo parte fundamental

da minha subjetividade², e se apresenta, mais uma vez, na forma desta dissertação de mestrado.

Uma parte de mim pesa e pondera

Outra parte delira

Uma parte de mim almoça e janta

Outra parte se espanta

Uma parte de mim é permanente

Outra parte se sabe de repente

Uma parte de mim é só vertigem

Outra parte linguagem

Traduzir uma parte na outra parte

Que é uma questão de vida e morte

Será arte?

Será arte?

(Traduzir-se - Ferreira Gullar)

"Os outros me veem como sou, ou sou como me veem os outros? O difícil não é saber como me veem os outros. Posso lê-lo nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A socrática recomendação do autoconhecimento e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me veja nos olhares dos outros." (Flusser, texto: máscaras)

² "A 'subjetividade' humana (FURTADO, 2002), compreende um processo de construção social, intimamente relacionado com as mudanças nos modos de organizar o território e atuar politicamente." (MARIA LUÍSA NOGUEIRA, 2009, p. 71)



Figura 1 - Autorretrato cego - cena de "Percurso das narrativas da dimensão humana", curta-metragem produzido por mim para a disciplina "Práticas e instrumentais de pesquisa" do PPGAU/UFAL. Disponível em: <https://youtu.be/ZMfBnytLiS8>.

As dizibilidades de Maceió costumam girar em torno de um discurso muito forte da *falta*: falta de segurança, que gera o discurso da violência e do silenciamento; falta de emprego e perspectiva profissional; falta de cultura, entre outros. Em contrapartida, e quase que ao mesmo tempo, esse discurso gera outro: o da *presença*, o oposto da falta e que pode vir acompanhado de muita romantização. E, em última instância, um braço deste: o *tem, mas tá faltando*, uma expressão ambígua e bem curiosa que é bastante encontrada em contextos comerciais, principalmente pequenas lojas e mercados locais. Mas a análise subjetiva dessa expressão carrega consigo um peso simbólico grande, que expõe uma necessidade de informar ao solicitante que, apesar daquilo que ele solicita não estar disponível no momento, é encontrado ali com frequência. Pode-se dizer que a expressão demonstra o medo do julgamento alheio sobre o local, por isso é um mecanismo bastante interessante, ainda que, muitas vezes, inserido no contexto das dizibilidades, esse discurso tome rumos saudosistas e/ou moralistas em relação a um passado que é tido como glorioso por uma parcela da população.

Esses movimentos de discurso condizem com a ideia de subalternidade atribuída ao nordeste, que gera um contradiscurso vindo dos subjugados (os nordestinos) que acabam reproduzindo o mesmo discurso, só que com o sinal trocado: o que justifica a subalternidade em um discurso, é exaltado como potência

e autenticidade no outro (ALBUQUERQUE, 2011). "Em vez de questionar a própria ideia de região e a teia de poder que a institui, ela (a narrativa) questiona apenas determinadas elaborações da região, pretendendo encontrar a verdadeira." (ALBUQUERQUE, 2011, p. 39). Identifico esse processo nas dizibilidades de Maceió, inclusive enquanto uma dificuldade de propriamente enxergar-se no meio termo entre a romantização e a desqualificação. A minha própria busca por essa "identidade maceioense verdadeira", motivação inicial do trabalho, vem da falta, vem do sentir falta de uma imagem positiva, que produz, ao mesmo tempo, uma vontade de fazer esse discurso positivo, ressaltar "as potências" que ninguém está vendo, ou romantizar as dinâmicas urbanas, descomplexificando as e infantilizando os indivíduos. Este discurso da falta traz consigo, ou melhor dizendo, se origina de um sentimento de subalternidade.

A intenção deste trabalho não é saber se tais discursos são verdadeiros ou falsos, mas, primeiro, identificá-los, para depois tentar entender como eles funcionam, o que é produzido no espaço e nas relações sociais a partir deles e qual relação de força a que esses discursos servem. Além dos discursos, este trabalho também busca investigar as práticas não transformadas em discurso, mas que também moldam o espaço e as relações sociais na cidade e/ou são moldadas por eles.

1.1 QUERIA MESMO ERA INVENTAR UMA IDENTIDADE BOA

Este trabalho é uma contribuição para o programa de pós-graduação da faculdade de arquitetura e urbanismo da UFAL, mas é direcionado principalmente para nós, maceioenses e alagoanos. Ele objetiva a ampliação da discussão pública da história cultural urbana de Maceió. A discussão pública de nossas feridas, cujo costume local incentiva o "jogar para debaixo do tapete", é necessária para o enfrentamento dos traumas e dores de nossa sociedade, se quisermos esboçar, num horizonte, mesmo que distante, a superação deles. Não que sejamos os únicos do país a lidar dessa forma com nossos traumas (empurrando para debaixo do tapete), inclusive a própria existência de uma expressão para essa dinâmica já indica que talvez esta seja uma característica bem brasileira, que inventa mitos de democracia racial para não enfrentar os 353 anos de escravidão de pessoas negras e o extermínio em massa da população indígena. A intenção fundamental da presente dissertação é contribuir para a ampliação da discussão pública e para o enfrentamento das

dores e delícias que compõe a dinâmica social urbana de Maceió, em toda as suas complexidades e ambiguidades.

Isto posto, o trabalho começou querendo encontrar a “verdadeira Maceió”. Partindo do pressuposto que nós, maceioenses, não sabemos identificar e produzir discursos “positivos” sobre nós mesmos. O projeto previamente intitulado de “Narrativas da dimensão humana na evolução urbana da cidade de Maceió” pretendia desvelar as preciosidades, as delícias da dinâmica urbana, aquilo que faz o maceioense sentir que pertence a este pedaço de mundo, por meio de, principalmente, narrativas literárias.

Contudo, ao percorrer a trilha do trabalho acadêmico, percebi que a dificuldade do maceioense talvez esteja em produzir narrativas que contemplem os dois lados da moeda, que não sejam nem romantizações que negam a realidade, nem desqualificações de tudo que é da terra. Vivendo eu mesma essa dificuldade e me percebendo enquanto a dissertação se desenvolvia, posso dizer que foi e ainda é um desafio produzir narrativas maduras e saudáveis, admitindo as dores e também as delícias enquanto coexistentes de todas as dinâmicas e características percebidas e apontadas aqui, pois os dois movimentos são difíceis quando se tem sentimentos coletivos ainda por serem trazidos à consciência.

O objetivo aqui era elaborar informações que **enriqueçam o entendimento da cidade** de Maceió. Esta intenção permanece a mesma desde a concepção do projeto de pesquisa, o que mudou foi a forma de interpretar os sentimentos coletivos que eu identificava e percebia que outros autores também identificavam.

Há um entendimento comum entre os intelectuais alagoanos das ciências sociais de esquerda sobre o que chamei de discurso da falta. Muitos identificam dão nomes e explicações diferentes para essa inquietação coletiva, que refletem o ponto de vista sob o qual estão analisando a questão. Barros (2018) traduz esse sentimento em cultura do isolamento. Bezerra (2007), por sua vez, identifica esse sentimento enquanto consequência de um processo de estigmatização de Alagoas, sendo ela ponto nodal na provocação do atual processo de reconstrução da identidade cultural alagoana. Há uma frase famosa do reconhecido intelectual Dirceu Lindoso que diz “Alagoas é o que se ama e dói”.

Há também, um senso comum na classe média de esquerda maceioense que reconhece esse sentimento (ainda que não se entenda muito bem), e que produz uma justificativa para a existência do mesmo: Maceió é uma cidade com uma

cultura rica, que não tem consciência de sua própria potência, pois está presa sob os mandos de uma elite de pensamento colonialista, cujo interesse é manter o status quo, um povo ignorante de si mesmo e sem acesso em todos os sentidos. Essa explicação me soa insuficiente e me instiga a investigar melhor o sentimento que motivava a formulação desse tipo de justificativa.

A motivação do presente estudo surgiu a partir do meu incômodo pessoal com uma resposta comum de uma pergunta recorrente: “Por que as coisas não dão certo em Maceió?” A resposta dada geralmente gira em torno de “ignorância e conservadorismo”, tendo como justificativa histórica o passado colonial.

Acredito que a história não é linear, mas uma série de fragmentos, rastros, sem origem e fim definidos. Não pretendo, portanto, definir ‘verdades’ sobre Maceió, tampouco cobrir a cidade toda.

Este trabalho não é sobre identidade, é sobre identificação de códigos coletivos – que são sempre complexos, ambíguos e sendo atualizados – e uma reflexão sobre como esses códigos impactam a formação do espaço urbano e o comportamento das pessoas na urbe. O que eu chamo de sentimentos é o reconhecimento de códigos, condutas e sensações, por meio do *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2011) - ou o que estou chamado aqui de intuição - que estão presentes em certos territórios. Esse reconhecimento gera a familiaridade e o “sentir-se em casa”. A consciência desse sentimento de pertencimento é complexa e cheia de ambiguidades, por si só, afinal, pertencer é bom e ruim. Queremos pertencer, mas não queremos as amarras desse pertencimento. Também não queremos pertencer a algo que achamos ruim. Enxergar as complexidades e ambiguidades e sentir-se pertencente na dor e na delícia é um processo de amadurecimento emocional. Esse processo é constituinte do trabalho e acredito que seja, ele próprio, uma contribuição científica, principalmente quando se trata de um processo coletivo. O tema “identidade” é complexo e ambíguo, assim como os sentimentos em relação a ele. A discussão em torno de seu conceito é vasta não vai ser abordada aqui, posto que essa não é a intenção do trabalho. Mas o processo de amadurecimento está presente nitidamente e atua como fator importante na formação das associações teóricas e montagem da dissertação.

2. | LITERATURA E CIDADE |

Desde a revolução industrial observou-se na Europa ocidental uma crescente nos escritos de literatos, poetas, médicos, observadores sociais, entre outros, sobre o cotidiano das cidade e seus habitantes sob a ótica da observação de um mundo que estava mudando, ou seja, a modernidade. Nomes como Carlyle, Engels e Simmel compunham o acervo de autores, assim como Baudelaire na poesia, que usavam diversos tipos de linguagem persuasiva para expressar a experiência de viver as mudanças radicais da época. Pinturas, gravuras, charges e depois fotografias povoavam os periódicos com cenas urbanas e seus habitantes. As intervenções nas cidades e o êxodo rural, a aceleração do tempo urbano e as rápidas modificações nas relações entre as pessoas eram aspectos representados com frequência em linguagem iconográfica, além de aparecerem também, mas de forma alegórica na poesia. “Entretanto a linguagem que registrou a formação dessa sensibilidade para com a vida urbana mais difundida foi certamente a literatura de ficção ou romance” (BRESCIANI, 2008, p. 16), pois seu potencial era enorme para mover/aguçar paixões e “deslizar” morais nos leitores, formando consciências a partir da emoção, que deslizavam para os costumes públicos.

“No final do século XIX, a ambição do literato de re(a)presentar a sociedade urbana moderna ao leitor será assumida pelas ciências sociais.” (BRESCIANI, 2008, p. 28). Observadores sociais como Tocqueville, Arthur Young, Friedrich Engels entre outros foram cedendo lugar aos pré-sociólogos como Auguste Comte e Frédéric Le Play. “A competição entre a literatura e a nascente sociologia percorre toda a segunda metade do século XIX colocando no cerne do conflito a oposição entre a fria razão e a cultura dos sentimentos.” (BRESCIANI, 2008, p. 28)

O Brasil enquanto país novo, e diferente da Europa, precisou, no século XIX, estabelecer a ordem política e jurídica, tendo, portanto, se desenvolvido primeiro as letras e o direito em detrimento das ciências naturais e humanas. “Desde modo, o espírito da burguesia brasileira se desenvolveu sob influxos predominantemente literários, e a sua maneira de interpretar o mundo circundante foi estetizada em termos, não de ciência, filosofia ou técnica, mas de literatura.” (CÂNDIDO, 2006, p. 139). A sociologia vem, portanto, se desenvolver no Brasil, a partir do século XX, com o modernismo na forma de ensaios histórico-sociológicos. O romance modernista

“aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história.”(CÂNDIDO, 2006, p. 130).

Ao lado da ficção, o ensaio histórico-sociológico é o desenvolvimento mais interessante do período. A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. (CÂNDIDO, 2006, p. 130)

As tensões da Europa repercutiram no Brasil, não mais como transposição, mas como o próprio movimento global da era moderna que se alastrou pelo mundo ocidental e teve sua própria forma particular aqui. O cenário modernista no Brasil, além de buscar representar os novos tempos e suas mudanças nas feições das cidades, descortinou a realidade da composição social brasileira e suas contribuições para a formação cultural do país, ou seja, formou uma consciência nacional a partir da pesquisa da vida e dos problemas brasileiros, rompendo com a lógica anterior, que recalcava componentes nacionais como a mestiçagem e principalmente a influência das diversas culturas ameríndias e africanas. “A força do Modernismo reside na largueza com que se propôs encarar a nova situação, facilitando o desenvolvimento até então embrionário da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política.”(CÂNDIDO, 2006, p. 140). A literatura no Brasil, teve papel fundamental na disseminação das ideias modernistas e, portanto, para essa formação de uma consciência nacional brasileira. “A sociedade moderna traduzia-se na própria forma-romance: ‘o romance é o mundo moderno’. Dito de outro modo, esse gênero literário se tornava indissociável daquela nova experiência urbana”(MAGRIS, 2009, p. 1016 apud CASTRO, 2016, p. 100). Portanto, “não será exagero afirmar que esta linha de ensaio, — em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte — constitui o traço mais característico e original de nosso pensamento”(CÂNDIDO, 2006, p. 137).

Nelas, (ficções literárias) a construção de personagens e as situações em que os autores os inserem configuram blocos de associações em que características pessoais colocadas em situação respondem à intencionalidade do argumento. Reside nesta associação a força

emotiva da literatura ficcional ou romance: a aproximação do leitor com os personagens forma um vínculo subjetivo capaz de desfazer a distância entre ficção e vida efetiva. (BRESCIANI, 2018, p. 21)

(...) os acontecimentos são inventados; mas os sentimentos estão de tal modo naturais que o leitor frequentemente crê que nos dirigimos a ele com a simples precaução de mudarmos os nomes próprios. (STAËL, 1979, p.40. Tradução da autora in BRESCIANI, 2018 p. 23)

O conflito entre a fria razão e a cultura dos sentimentos acontece um pouco mais tarde no Brasil, ainda que, como na Europa, por meio da crescente divisão do trabalho intelectual. Os papéis sociais do romancista e do sociólogo se diferenciam, manifestando-se "sobretudo no desenvolvimento das ciências da cultura, que vão permitindo elaborar, do país, um conhecimento especializado e que não reveste mais a forma literária"(CÂNDIDO, 2006, p. 140). Separando-se portanto, nos escritos, a preocupação estética da preocupação político-social, "cuja coexistência relativamente harmoniosa tinha assegurado o amplo movimento cultural do decênio de 1930"(CÂNDIDO, 2006, p. 133).

A partir dessa nova configuração, criou-se uma nova tradição, que seguia a separação entre estética e os escritos político-sociais, e, portanto, entre a historiografia acadêmica e a literatura de ficção. Nesse sentido, a divisão entre o trabalho historiográfico e sociológico e o literário atualmente é um desafio para os pesquisadores que desejam abordar essa relação, ao tomar a literatura como fonte da história urbana, pois o conflito gerado pela divisão do trabalho e conseqüentemente, das áreas do conhecimento, ainda é grande, ainda que alguns autores já considerem a historiografia tradicional como um tipo de ficção, posto que "os textos sempre são lidos historicamente"(BRESCIANI, 2008).

(...) pode-se interpor um nítido intervalo entre o impacto das sensações sensuais e a escrita literária e, desse modo, aproximar a prosa ficcional do relato conceitual do observador social? E, nesse caso, estaria correta a definição de Germaine de Staël sobre o teor das ficções quando, em 1975, disse que nelas 'tudo é ao mesmo tempo inventado e imitado, nada é verdadeiro, porém tudo é verossimilhante'? (STAËL apud BRESCIANI, 2008, p. 18)

Vale aqui a reflexão de que o modo de dizer uma realidade também revela modos de ver do momento histórico da escrita, ou seja, a ideologia que concebeu

aquela interpretação. Isso significa que a análise de qualquer texto precisa ser complexificada, para levar em consideração não só o que está sendo retratado, mas o contexto histórico em que aquilo foi escrito. Assim, um texto literário, mesmo que ficcional, sempre testemunha modos de ver e dizer de uma cidade em uma determinada época.

(...) ainda que a separação entre ficção e não ficção seja comumente aceita, o crítico inglês Terry Eagleton já mostrou como essa diferença não é tão simples, sendo essas definições algo historicamente construído, o que parece importante de se ter em mente quando se lida com literatura. (CASTRO, 2016, p. 102)

Segundo Castro (2016) há uma via de mão-dupla na relação entre o texto ficcional sobre a cidade e a cidade que se forma a partir daquele texto. “Essa via de mão-dupla que se estabelece através dos textos não é evidente nem constante, mas, ao notarmos que uma determinada literatura é sensível às transformações da cidade, não podemos esquecer que ela também trata de dar sentido a essa mesma cidade”(CASTRO, 2016, p. 103). A construção histórica dessa realidade é uma relação de implicância mútua, já que a invenção parte de um discurso ideológico que serve a uma cadeia de interesses e estruturas de poder, enquanto a cidade é moldada materialmente e culturalmente a partir daquele discurso criado, surgindo assim outros discursos ou práticas urbanas que vão construindo outros discursos. “Desse modo, ao recorrermos à literatura, abrimos as portas para a compreensão daquela cultura que dá e toma forma num espaço urbano determinado – para além da sua própria materialidade, nas suas representações contemporâneas.(CASTRO, 2016, p. 104).

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte. (CÂNDIDO, 2006, p. 29)

Nos textos ficcionais é possível encontrar matéria de reflexão para compreender e apreender a experiência urbana, e a partir deles, redefinir a

experiência social, posto que contribuem para a formação de uma imagem social urbana que alimentou e alimenta o pensamento urbanístico (CASTRO, 2016). Fica, assim, evidente a potência do uso da literatura enquanto fonte de reflexão para a história urbana. "Diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito"(CÂNDIDO, 2006, p. 136). No lugar onde a forma literária têm assumido as melhores expressões do pensamento e da sensibilidade, nada mais justo que investigar as formas de nossos costumes, "o ardor de conhecer o país"(CÂNDIDO, 2006, p. 131) por meio dessas expressões artísticas, como aliás, tem sido feito pela sociologia e antropologia desde o século passado com o movimento modernista, ainda que, no campo da história urbana, tradicionalmente as fontes utilizadas tenham se restringido a uma literatura técnica e legal,

Ao menos desde a década de 1980, os gêneros literários e os discursos não especializados – ensaio, narrativa, poesia, dramaturgia, crônica de viagens, representação pictórica e cinematográfica, entre outros – foram gradativamente incorporados ao catálogo das fontes documentais da história urbana, levando ao surgimento de um novo subcampo disciplinar: a história cultural urbana. (ALMANDOZ, 2002 apud CASTRO, 2016, p. 101)

Nesse sentido, a presente dissertação oferece uma importante contribuição para o programa, fundamentando o olhar sobre a literatura enquanto chave de leitura da experiência urbana. Além disso, o trabalho contribui também, ao somar-se às investigações das dinâmicas socioculturais urbanas de Maceió do campo das ciências sociais, já bastante estabelecidas, sob o ponto de vista da arquitetura e urbanismo, que as territorializa, discutindo a relação corpo-espço. "(...) a literatura, entendida como prática cultural, traz elementos fundamentais para a compreensão do mundo social – no nosso caso, para compreender a própria forma urbana"(CASTRO, 2016, p. 105). A reflexão sobre como a cultura, de modo geral, pode ser uma entrada privilegiada para compreender a cidade e sua história aparece ao mostrar como a cidade foi concebida e retratada nas obras escolhidas, discutindo a ideologia que estaria por trás de tais "retratos", posto que, "(...) os significados e valores de uma classe dominante tendem a ser os formalizados pelas artes" (CASTRO, 2016, p. 105). Sendo isso exatamente o cenário que se apresentou para mim quando percebi quem escrevia a maioria dos romances de ficção em

Alagoas: o fato da maior parte dos autores serem homens brancos revela quem era essa elite hegemônica, e por conseguinte qual era esse "olhar-dizer" dominante também. Os autores estão construindo uma Maceió a partir de seus próprios olhos, mesmo quando os querem despir, e isso revela muito, pois "parece que há sempre uma NARRATIVA COLETIVA privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde" (BOSI, 2004, p. 18). Embora o objetivo principal dessa investigação não gire em torno de revelar e discutir essa "narrativa explicadora e legitimadora", essa discussão aparece com frequência, pois faz parte da (ou produz, propriamente dito, a) constituição do imaginário social urbano, que é o objeto de investigação do trabalho, assim como a produção de minha própria narrativa também revela o lugar de onde falo.

A partir desse breve relato histórico da relação íntima entre literatura e estudos sociais e urbanos no Brasil e na Europa ocidental, Bresciani (2008) nos convida à reflexão:

Sem a pretensão de atribuir prioridade ao literato, podemos indagar o quanto seus procedimentos estiveram na base dos métodos da antropologia ou o quanto as trocas entre as diferentes disciplinas e formas de escrita se mesclam e se alimentam reciprocamente. (BRESCIANI, 2008, p. 28)

E, ainda, partindo da própria literatura e de seus produtores, percebemos o poder de identificação emocional, e, portanto, de comunicação dessa linguagem no trecho abaixo, onde o próprio Graciliano Ramos nos convida a reflexão sobre o poder social e imagético da literatura:

"Puxei a cadeira, afastei-me daquele homem indiferente. Estupidez. Imaginar que as letras sempre tinham estado na parede. Inútil conversar com ele. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras. Habituei-me a entender algumas. Nunca me serviram para falar, mas sei o que há nos livros. Certas personagens de romances familiarizam-se comigo. Apesar de serem de outras raças, viverem noutros continentes, estão perto de mim, mais perto que aquele homem da minha raça, talvez meu parente, inquilino de um dr. Gouveia, policiado pelos mesmo indivíduos que me policiam" (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 208)³

³ Este trecho está marcado com uma fonte diferente para justamente diferenciar o que estou chamando de fragmentos, que compõe e propõe sentido no texto ao serem montados junto a outras escritas. As citações diretas, que ajudam a explicar e/ou dissertar sobre os pontos de reflexão levantados no presente trabalho estão dentro do formato previsto pela ABNT para esse fim, ou seja, em fonte menor e recuados na página.

3. | LITERATURA E MACEIÓ |

3.1 TEMPORALIDADE E CONTEXTO

A partir dos anos 1920, no contexto do pós I Guerra Mundial, a necessidade de nacionalizar os territórios conhecidos do planeta era evidente e impactou as várias camadas do Brasil da época. A busca por signos que se traduziriam em identidade nacional colocou em evidência as gritantes diferenças entre as regiões, que passaram, também, a fazer tal esforço na busca por signos que as unissem e representassem. E assim surgiram 'as invenções' sobre os lugares, regiões e nações que conhecemos até hoje (ALBUQUERQUE, 2011).

A década de vinte é a culminância da emergência de um novo regionalismo, que extrapola as fronteiras dos Estados, que busca o agrupamento em torno de um espaço maior, diante de todas as mudanças que estavam destruindo as espacialidades tradicionais. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 60)

Não por acaso, essa foi também a época do modernismo e do boom das artes que buscavam compreender o fenômeno social e a crescente urbanização. As cidades passaram por grandes transformações estruturais e de embelezamento, ganhando um papel cada vez mais importante na vida social. Muitas pessoas migraram do interior dos estados para as capitais e para as grandes cidades brasileiras atraídas pela promessa de industrialização. O nordeste do Brasil, contou ainda com o fator agravante de vários períodos de seca intensos que levaram milhares de pessoas a deixar suas casas e terras no sertão e buscar condições melhores de vida nas capitais de seus estados, criando uma crise urbana. Grandes obras foram empregadas em muitas cidades brasileiras, inclusive a capital na época, o Rio de Janeiro, seguindo a onda higienista que pretendia livrar as cidades de epidemias recorrentes na época e modernizar os modos de vida, "civilizando" o viver urbano. Em Maceió, foram promovidas medidas como a proibição de enterros em igrejas, aterramentos de pântanos, áreas alagadiças e riachos que abundavam na

cidade, alinhamento das ruas, a valorização da pureza do ar, coibição de costumes “matutos” como a presença de animais nas ruas e a eliminação de escravizados e mendigos do cotidiano urbano (OSEAS BATISTA JUNIOR, 2022). Percebe-se, portanto, que o higienismo é questão complexa, posto que, ao mesmo tempo que promoveu, ou ao menos introduziu a ideia, de sistemas de esgotamentos sanitários e redes de distribuição de água limpa, também exerceu um controle social pautado em preconceitos da estrutura social da época.

(...) a virada do século XIX para o XX foi tomada como momento privilegiado para essa forma de abordagem, na qual a literatura é fonte para compreender as transformações das capitais brasileiras, que passavam por processos intensos, e quase sempre contraditórios, de modernização, nesse período pós-abolição e republicano. (CASTRO, 2016, p. 109)

Segundo Albuquerque (2011, p. 62), “a emergência da formação discursiva nacional-popular, a partir dos anos vinte, provoca o surgimento de uma consciência regional generalizada, difusa no espaço, que consegue ir se ligando às várias existências individuais, mas principalmente à própria vida coletiva.” A literatura, assim como todas as artes, e por que não dizer, todas as áreas da vida humana de pensamento ocidental, foi impactada pelas transformações do período. Nesse processo, alguns símbolos emergiram de um esforço por encontrar representantes de um “todo coeso” que nitidamente não existia – e não existe até hoje. Aparecem, portanto, na literatura “regional” nordestina, temas vigentes na época, como o drama das secas, a dinâmica social-urbana das cidades, dinâmicas sociais produzidas dentro dos engenhos, que vão depois configurar subjetividades urbanas, e outros temas que partiram da mistura entre contexto social e subjetividade dos autores e autoras da época.

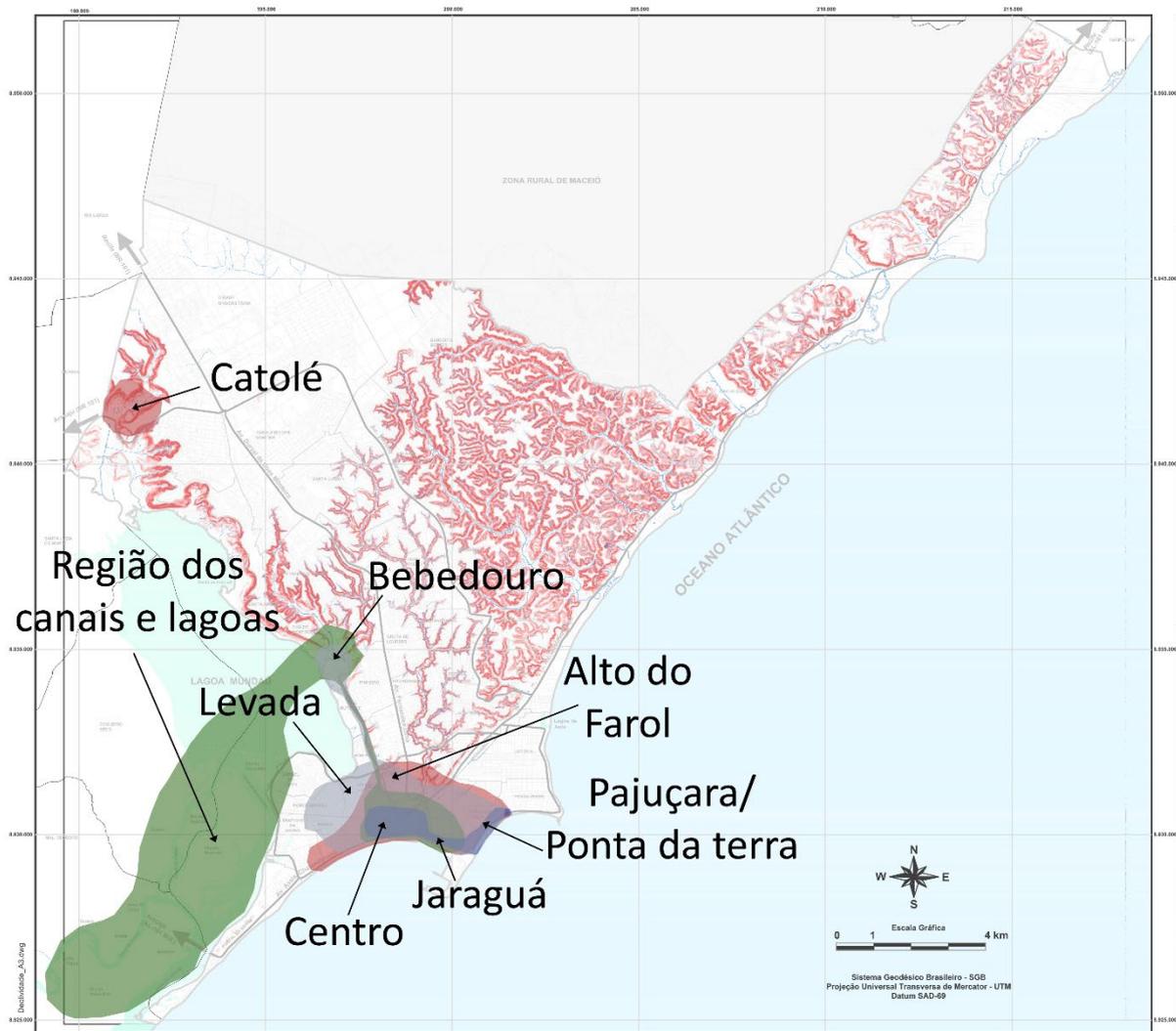
“A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região que se forma, como na sua relação com outras regiões.” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 62)

É nesse contexto que se insere o recorte deste trabalho, posto que as invenções de Maceió que reverberam até hoje, ganharam força e dizibilidade a partir desse período, assim como a própria urbanidade se fez com mais intensidade em fins do século XIX e no XX. Inclusive, duas das quatro obras que foram ponto de partida para a construção desta dissertação, foram escritas no auge desse período e expressam fortemente esse cenário histórico, o que veremos no próximo capítulo, “as cidades invisíveis”. A dissertação, portanto, possui um recorte não necessariamente espacial, mas temporal, por volta do início do século XX, na virada do modernismo e da mudança estruturante que ele trouxe para os espaços e modo de vida das pessoas. Esse período construiu muitas camadas de sentido para as cidades brasileiras, pois a “(...) divisão entre história nacional (História do Brasil) e história regional (História do Nordeste) (...) reproduzem as relações desiguais de poder entre as diferentes áreas do país (...)” (Albuquerque, 2011, p. 40) até hoje.

O recorte do trabalho se formou a partir de um primeiro recorte, subjetivo. Foram escolhidas quatro obras de romance da literatura alagoana cujas histórias, apesar de ficcionais, são ambientadas na cidade entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Inicialmente, meu objetivo era encontrar romances literários que se passavam “na cidade real”, a fim de captar por meio da literatura, algumas subjetividades coletivas, as dizibilidades e visibilidades, como já mencionado. A escolha das obras foi intuitiva, de modo que, eu já conhecia **Ninho de Cobras (1973)**, de Lêdo Ivo, famosa na cidade justamente por abordar essas subjetividades, gerando muitas opiniões e sentimentos complexos na opinião pública que teve contato com a obra ou com o burburinho gerado por ela. **Angústia (1936)**, de Graciliano Ramos, veio por indicação de meu pai, que inclusive me cedeu seu exemplar – o que depois, certamente, se arrependeu por que o grifei todo. A indicação de **Calunga (1935)**, de Jorge de Lima, me chegou por acaso, posto que essa não é uma obra muito conhecida do escritor, que ficou conhecido nacionalmente pela sua poesia. Talvez por esse motivo tenha sido tão difícil encontrar um exemplar do livro para comprar. Acabei ganhando de uma amiga, que trouxe de um sebo de São Paulo – veja bem – já que eu não o estava encontrando, na internet, em algum sebo daqui e o frete custava mais caro que o preço do próprio livro. **O Anjo Americano (1995)**, de Luiz Gutemberg, não me lembro bem como chegou até mim, mas foi certamente uma indicação oral e pessoal, como todos os outros. Depois de um tempo escrevendo a dissertação, e depois de ter lido todos eles, descobri que essas quatro obras, senão, as três primeiras são amplamente

usadas por outros pesquisadores e pesquisadoras em seus estudos culturais, sociológicos, identitários e temas do gênero, em diferentes áreas das ciências humanas, a sociologia, antropologia, geografia, história e etc. Achei que valia essa menção porque ela dá o tom do presente trabalho, que foi construído ele todo, sobre essa base, que eu, pessoalmente, chamo de intuição, mas que pode ser explicada de várias formas diferentes, dependendo do olhar de onde se está partindo.

Esse recorte, se consolidou em função da importância histórica do período modernista tanto para a arquitetura e urbanismo quanto para as artes e as ciências sociais. Os romances escolhidos, portanto, ou são modernistas, tendo sido escritos na década de 1930, ou retratam esse período histórico, colocando em evidência, no contexto da feitura do presente trabalho, uma certa separação entre as quatro obras, onde duas compartilhavam uma mesma dimensão temporal, portanto sua escrita é embebida das diferentes ideias de seu tempo, e as outras duas cujas histórias se passavam em um tempo outro, que não o presente de sua escrita, e portanto, adicionam camadas de dimensões de memórias e rastros de um tempo que já não é mais o presente para a narrativa. É interessante pensar que quem escreve sobre um tempo que não é "seu", escreve a partir do que se enunciou antes, e também por isso, a leitura dessas obras contribui para o trabalho de maneira geral. Essas duas obras mais recentes também se destacaram pra mim por fazer associações e trazer ideias mais próximas do meu tempo, e que, portanto, reconheci e até me identifiquei com mais facilidade, enquanto as duas obras modernistas trouxeram ideias e pensamentos que estranhei profundamente, e até os neguei por não reconhecê-los. E foram justamente as duas obras modernistas que constituíram, depois de muito esforço intelectual e emocional, os principais insights que ligaram dentro de mim o passado e o presente das subjetividades urbanas de Maceió. Cabe aqui mencionar também, que a Maceió do início do século XX se restringia a um espaço territorial muito menor do que a cidade atual ocupa, logo, um recorte que se refere a esse período, se refere também a esse território da cidade, o que corresponde hoje ao centro de Maceió e a zona sul, a região lagunar. Abaixo, em mapa esquemático visual, indico as principais regiões mencionadas em cada romance por meio de manchas coloridas.



Legenda:

 cidade Ninho de Cobras	 cidade Angústia
 cidade O Anjo Americano	 cidade Calunga

Figura 2 - Mapa esquemático visual das Maceiós de cada romance. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió com alterações da autora.

O objetivo da presente dissertação é refletir, a partir desse recorte temporal e das obras escolhidas, como essas transformações urbanas moldaram compreensões do que seria(m) a(s) Maceió(s) que vivemos hoje. E talvez ainda mais importante que isso, seja a reflexão sobre o quanto e o quê da cidade habita em mim, fazendo uma projeção do que habitaria o imaginário coletivo. Se considero que sou fruto de uma construção social coletiva, a cidade sou eu e eu sou a cidade. Portanto, a partir do entendimento da cidade, posso entender partes de minha própria subjetividade. Não toda a minha subjetividade, pois pessoas não são, de fato, cidades. Mas a cidade está em mim, então parte do que eu sou é a cidade, é construção social coletiva. Assim como eu, enquanto pessoa formo a cidade, junto com outras pessoas,

já que não existe cidade sem pessoas. Considero de fundamental importância ter consciência sobre suas dores e delícias, e quais partes de si vêm de qual influência, situação ou construção social, para a formação da autonomia do ser humano. Sendo a autonomia, elemento fundamental para escolhas mais conectadas com o que há de mais profundo da nossa espécie. Ainda fazendo um paralelo entre cidades e pessoas, desejo para as cidades, especialmente a minha, o que desejo para mim, venho, portanto, contribuir com uma autorreflexão coletiva, no sentido de ajudar na criação de uma consciência e autonomia coletiva urbana.

3.2 AS CIDADES INVISÍVEIS

Tomando como inspiração Ítalo Calvino e suas cidades invisíveis, de onde partem várias invenções sobre cidades diferentes e complexas, sendo todas elas, no fim das contas, uma só: Veneza; venho aqui tomar a liberdade de apresentar as minhas maceiós invisíveis para abrir os caminhos dessa reflexão. A primeira invenção apresentada será a Maceió "dos fatos", seguida das maceiós inventadas por mim, a partir da invenção de cada um dos quatro autores que nortearam as reflexões contidas neste trabalho.

Cidade Maceió dos fatos:

(...) quando chegava na região do baixo Una em diante, para o lado da gente, era água demais, era água! Repare isso aqui, a gente mora numa península: para sair daqui tem de ter uma ponte, pois tem uma lagoa, tem de sair contornando a lagoa, e desse lado é o mar, não tem jeito. (...) Maceió é um enclave geográfico." (LINDOSO, 2006, p. 32)

Maceió é uma cidade média costeira do nordeste do Brasil, capital do Estado de Alagoas. A cidade, inserida no contexto do complexo lagunar Mundaú-Manguaba, se localizada entre o mar e a Lagoa do Norte (Mundaú), portanto, em solos instáveis para urbanização como conhecemos hoje, tais como dunas arenosas cobertas de vegetação rasteira, mangues, alagadiços, lagoas paralelas à praia e diversas nascentes e pequenos riachos. Segundo Cynthia Fortes (2023), o principal

motivador do crescimento de seu aglomerado urbano foi o porto de Jaraguá, que foi tão importante no mercado de exportações de madeiras para a cora portuguesa, que motivou a transferência da capital da antiga vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (hoje Marechal Deodoro) para Maceió em 1839. Assim, a cidade se forma a partir do comércio de exportação principalmente de açúcar e madeira. Esse fato marcou profundamente o início da urbanização de Maceió, que foi, ao longo do tempo 'tapando seus alagadiços' em prol de uma urbanização 'civilizada' de acordo com as expectativas do que deveria ser uma cidade capital de Estado, de uma república recém-formada.

No início de sua vida urbana, Maceió esteve profundamente ligada à dinâmica lagunar, que abastecia não só a cidade como muitas outras do complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba. As trocas de mercadorias e subjetividades entre as cidades e povoações inseridas na região dos canais e lagoas criaram uma regionalidade forte em torno das águas lagunares. Maceió foi impactada por essa dinâmica muito intensamente por muito tempo de sua existência ainda enquanto povoação e vila, e depois enquanto cidade e capital.

Ao longo do tempo a cidade foi espreado sua ocupação territorial para os seus três níveis geográficos que correspondem à planície costeira, ou baixada litorânea, ao platô intermediário e aos tabuleiros, e se distanciando da relação com a lagoa. Foi também mudando seu vetor de expansão urbana (ver figura 2) a partir de acontecimentos que interferiam diretamente na dinâmica urbana, como a implantação da indústria de exploração de Salgema nos anos 1970 e a valorização do mar como possibilidade turística, o que viria ser, atualmente, uma das maiores fontes de investimentos públicos e privados para a exploração turística.



Hoje a cidade concentra sua área nobre na planície litorânea, perifizando totalmente os bairros lagunares. Atualmente um outro fator contribui intensamente para essa dinâmica, a "catástrofe" ambiental da Braskem, que desalojou cerca de cinco bairros lagunares por risco de subsidência do solo, e que alimenta uma crise habitacional e de especulação imobiliária. Maceió se inclina cada vez mais para a fomentação do setor turístico como fonte de renda principal, mas tem sua economia baseada principalmente no setor público e nos grandes latifúndios canavieiros.

Cidade Calunga, de Jorge de Lima (1935):

Terceiro romance do autor que já era reconhecido por sua poesia, *Calunga* consagra Jorge de Lima como ficcionista de primeira linha dentro do movimento literário que ficou conhecido como regionalismo. Sua escrita define o lugar crítico de onde fala desde o início: a situação social produzida pela desigualdade do sistema capitalista. O próprio autor diz na orelha da 4 ed. (1997):

Quanto a *Calunga*, eu conheci Lula Bernardo, massapê, maleita. Conheci Ana a que no livro apresenta um beijo bambo, envergonhado, puro como criança, esmagado pela agressividade. Conheci a miséria do Senhor de Canindé. Vi tudo. E porque vi e também essa história muito me comoveu, escrevi-a ao correr da pena, sem preocupações literárias e sem vaidade.

Calunga narra a trajetória do alagoano Lula Bernardo, um homem do interior que volta para sua terra depois de viver muitos anos na cidade grande. São intensos e profundos os reconhecimentos e estranhamentos que o personagem vive ao retomar contato com o lugar onde nasceu e viveu a infância, a região lagunar que nomeou o estado e que liga as duas capitais (a antiga e a atual, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, conhecida por Alagoas e Maceió, respectivamente). Lula volta a Alagoas para resgatar sua história, para reencontrar a família que deixou e tentar mudar a realidade de uma região pobre, marcada por doenças e pela fome.

Assim como o movimento feito por Lula, esta dissertação é também um resgate de minha própria história, Calunga, portanto, não poderia deixar de compor as obras estudadas nesta pesquisa. Minha identificação com o romance aconteceu em muitos níveis de subjetividade, assim como meu estranhamento, em igual proporção. Esta foi, sem dúvida, a obra que mais me impactou e forneceu um “relato” desconhecido por mim de minha própria terra, o que me gerou profunda confusão emocional, que foi depois, e aos poucos, se transformando em ampliação de compreensão.

A Maceió de Calunga atravessada pelos meus olhos não era cidade, era um espaço rural, alagado, uma ilha dos canais da região lagunar. Enquanto ambiente construído, as duas menções principais são as casas do Lula e do Coronel do Canindé, sendo a do Coronel mais afastada e a de Lula localizada mais próxima da lagoa, o que traz uma relação maior com o alagadiço e suas consequências cotidianas. A ênfase do autor na pobreza existente em cidades como Maceió constitui traço evidente da escrita literária fortemente alimentada por escritos políticos, como os de Jorge de Lima e Graciliano Ramos. Em Calunga, especialmente, Jorge de Lima foca no ambiente lagunar, lugar degradado da cidade desde os primórdios da ocupação daquela área.

Mais que sobre as praias, todo um imaginário mórbido e adoecido – composto por pântanos, mangues, charcos, alagadiços, brejos e toda variação de terreno mole, enlameado, pouco sólido, com seus exércitos de mosquitos – paira sobre a lagoa. Dentre os argumentos que prescrevem a qualificação das lagoas, o mais recente foi, sem dúvida, a salubridade. Este pode ser facilmente localizado na produção literária alagoana, seja ela de caráter historiográfico, higienista-sanitário, ecológico ou mesmo ficcional. A Maceió pantanosa, encharcada, enlameada, com mosquitos zumbindo e com seus riscos de maleita contamina a literatura em larga escala. (BARROS, 2018, p. 128)

Descrições detalhadas de dinâmicas cotidianas da cidade, como a viagem de trem que o personagem principal, Lula, faz de Recife para Maceió, assim como o foco na descrição da natureza ao redor, compõem o olhar aguçado do autor e introduzem o clima que Lima vai abordar ao longo do texto: reflexões sobre

dinâmicas sociais materializadas pelo ambiente externo, seja a cidade, seja a ilha lagunar onde se passa a maior parte da história.

O autor produz imagens visuais para introduzir no leitor sua moral ideológica desde a primeira página, até o fim do livro, dando sucessivos exemplos para ilustrar as dinâmicas sistêmicas de forma palatável:

“Às vezes o trem encontrava o rio. De tão comprido o rio era como uma cobra devorando um mochozinho. Quando menos se esperava, o rio pulava na frente do trem, parecendo mais veloz que a máquina. A GWER é que devora os rios, a terra, e um bocado bom das posses daqueles mundos.” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 11)

“Passam casas de farinha, canaviais, o rio, mulungus, ingazeiros cheios de ninhos de caga-sebo, estradas de rodagens avançam, atravessam os trilhos de ferro, senhores usineiros viajam nos Hudsons e nos Studebakers até as estações da Great Western, saltando os autos como se esses carros lhes pertencessem mesmo, tudo hipotecado, automóveis, usinas, safras, aos fornecedores da capital, intermediários dos Geo-Squire e dos L. Smith de USA. Para isso tanto desgraça planejada, bangües comidos, senhores reduzidos à miséria, e atrás de tudo o homem do eito, da bagaceira, das limpas, das fomalhas, cambiteiros, metedores de cana, caldeireiros, trabalhadores da enxada, mal-alimentados, malvestidos, descalços, trabalhando noite e dia pra agüentar o bangue, pro bangue ser devorado pela usina e, por sua vez, o usineiro ser devorado por USA. Escorregando sobre os trilhos os ingleses apitavam as máquinas escangalhadas da Great Western of Brazil Railway, sugando senhores de engenho, usineiros, agricultores, de quatro estados, obrigados a tarifas forjadas em Londres explorando o cassaco trabalhador de suas linhas, tratado com o mesmo descaso que os senhores da terra. Lula imaginava naquela hora clara *o nativo esmagado pelas ferragens dos engenhos, sob as ferragens dos engenhos, os tríplexes efeitos e as turbinas e vácuos das usinas, e encima disso tudo, de quebra, trens da Inglaterra e automóveis dos Estados Unidos*” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 15, grifo nosso)

Jorge de Lima traz muitas inferências tendo a dinâmica da implantação ferroviária em terras alagoanas ao longo do livro, sempre relacionando com aspectos naturais e/ou dinâmicas sociais locais. Esses aspectos da dinâmica urbana foram usados pelo autor para falar em linguagem literária da aceleração do tempo e da submissão do homem à máquina e os processos de exploração do sistema capitalista que se aprimorava cada vez mais nesse começo do século XX, da ruína do sistema paternalista rural, base de sustentação daquela sociedade e do descaso com os pobres, conseqüentemente, os mais atingidos.

A cidade Calunga, essa mole, alagadiça, infectada por doenças e delírios de maleita, com descrições do ambiente natural onde está inserida, mudou muito dos anos 1930 para cá, ao mesmo tempo em que há permanências. Ainda hoje a descrição da natureza é usada como fator fundante para se falar de Maceió, mas o discurso hoje se volta para as águas salgadas do mar. Ao mesmo tempo, essa natureza descrita em Calunga, uma natureza muita mais lagunar do que marítima, foi quase toda tapada, sua moleza de solo aterrada, se consolidando como natureza urbanizada. Hoje percebo que meu estranhamento com aquela Maceió que na época não considerei cidade, vem justamente da vivência na Maceió tapada, aterrada, urbanizada. Quando nasci, as muitas obras e reformas urbanas já tinham sido amplamente feitas, como veremos mais para frente. Já havia Dique-Estrada⁴ e o Canal da Levada já estava aterrado, assim como o aterro de Jaraguá, a retificação do riacho Salgadinho, e etc. Convivi e conheci, portanto, com a Maceió urbana-natural-urbanizada, muito diferente, e ao mesmo tempo a mesma Maceió-Calunga.

Cidade Angústia, de Graciliano Ramos (1936):

Assim como Calunga, Angústia também faz parte da segunda fase do modernismo na literatura, trazendo, portanto, críticas e denúncias sociais. A história se passa na Maceió das primeiras décadas do século XX e foi escolhida porque contém e passa para o leitor, com impressionante precisão, o retrato do sentimento que me motivou a escolher o tema da presente dissertação: a angústia. Pode se dizer que a angústia colocada brilhantemente por Graciliano Ramos é fruto de um sentimento que paira sobre a cidade de Maceió: o ressentimento. Sendo constantemente identificado, estudado e explicado por autores, estudiosos e intelectuais de diversas áreas e sob diferentes perspectivas, que buscam entender de onde vem esse sentimento e sua razão de existir. Eu, pessoalmente, enquanto urbanista me interesse também por compreender as configurações materiais que esse sentimento produz no espaço urbano, e a dinâmica social que ele gera ou é gerada por ele. Essa temática, porém, é muito complexa e envolve estudos em diversas áreas do conhecimento, o que não seria possível executar durante o

⁴ Corresponde a uma obra que construiu uma via e uma orla lagunar aterrando um canal e uma série de ilhas próximas na lagoa Mundaú. Veremos com mais detalhes em *Vida e Movimento*.

processo de mestrado, sendo mais adequada a abordagem durante um doutoramento.

A história é narrada em primeira pessoa pelo personagem principal, Luís da Silva, e traz, ao mesmo tempo, fluxos de pensamento, memórias e narrações de acontecimentos cotidianos, sendo, portanto, um livro de leitura mais complexa do que as outras obras escolhidas neste estudo. Apesar da complexidade, uma vez que se acostuma com a forma da escrita, a leitura flui com certa tranquilidade. Os personagens e suas relações produzem um retrato potente da sociedade alagoana e da dinâmica urbana maceioense da época, que são identificados até hoje. Logo, a cidade Angústia é, acima de tudo, subjetiva, é a dimensão sutil de Maceió que é retratada no romance, em detrimento da urbe material. A narrativa imagética da obra é tão potente, que o clima de ressentimento é facilmente apreendido por leitores não familiarizados com o contexto social alagoano, ainda que estes não necessariamente façam relação direta entre o sentimento de angústia e a subjetividade social urbana de Maceió.

Não há saída, o judeu Moisés prega a revolução social e distribui boletins. Nada, porém, penetra a opacidade das vidas pequeno-burguesas, inacessíveis à renovação e tropegamente aferradas à migalha. A filosofia de Angústia pressupõe, além do nojo, a **inércia**, amarela e invicta. (CÂNDIDO, 2006a, p. 50, grifo nosso)

A história de vida de Luís é um retrato do declínio dos engenhos de açúcar e da economia alagoana. Julião Tavares, por exemplo, representa a caricatura da elite alagoana da época: indivíduos com grandes fortunas, cargos, prestígio e passabilidade social, sem ter, no entanto, muito talento ou empenho no trabalho para merecerem tais privilégios, sendo estes puramente herdados. O ressentimento que Luís sente em relação a Julião tampouco é simples e vem apenas desse lugar, pois Luís pertence a uma família que poderia fazer parte da elite, mas que entrou em declínio, tendo seu status social severamente rebaixado, o que também gera ressentimento.

Outra questão que surge na cidade Angústia e que compõe o cotidiano do personagem principal, é sua relação com o trabalho como servidor público. Sendo

esse um dos setores que mais emprega no Estado até hoje, é comum que se consiga esse tipo de emprego por indicação, os cargos comissionados⁵. Um emprego cujo salário é muito baixo e que se torna muito instável, posto que é usado como manobra política de compra e manutenção de votos (Barros, 2018). Essa dinâmica de emprego público é outro ponto que gera e mantém ressentimentos na sociedade maceioense desde o início da urbanização até hoje. A complexidade dos sentimentos e contextos abordados na obra é uma de suas características mais presentes e possivelmente o que lhe confere seu alto valor literário.

A cidade Angústia que atravessa meu olhos e peito é, portanto, uma cidade ressentida, amarga, onde paira um sentimento compartilhado de desesperança geral em um futuro próspero em todos os sentidos. Assim, o dia a dia se repete, infalível e monótono, se não fosse a raiva crescente em seus cidadãos que explode em violências urbanas pessoais e direcionadas por intrigas fúteis. É interessante pensar que os assassinatos políticos e passionais, muito comuns na Maceió do início do século XX seja um tipo específico de violência urbana. Muito diferente da violência urbana que temos hoje, que pode-se ver como mais sistêmica. Os temas da violência e de dinâmicas sociais como o silenciamento são retomados com mais intensidade no O Anjo Americano, a obra mais contemporânea dentre as selecionadas aqui, de 1995. O que pode indicar a presença ainda muito forte desses temas na dinâmica urbana atual, tanto quanto a importância histórica desses temas para a subjetividade maceioense.

Cidade Ninho de Cobras, de Lêdo Ivo (1973):

Segundo o próprio autor, Ninho de Cobras é “a história dos alagoanos que amam a sua terra natal assim como as cobras amam seus ninhos de pedra” (IVO, 2015). O romance entrelaça e enreda histórias urbanas contadas por diferentes personagens, a partir de seus pontos de vista, envolvendo dois acontecimentos na cidade: o assassinato de uma raposa e o suicídio de um homem. O entrelaçamento das histórias forma um retrato da paisagem histórica, sociológica, política e

⁵ Em cargos comissionados, a admissão de um servidor ao serviço público não está ligada a um concurso, podendo tal servidor ser nomeado e exonerado a qualquer momento pelo Procurador-Geral de Justiça.

psicológica de Maceió e é motivo principal da escolha da obra para compor o presente estudo.

Lêdo Ivo lança *Ninho de Cobras* em 1973, durante a ditadura militar e trabalha os fluxos de pensamentos dos personagens que se entrelaçam na Maceió dos anos 1940, cenário do Estado novo de Getúlio Vargas, a ditadura anterior, fazendo um paralelo sutil entre as duas ditaduras. A obra traz reflexões “de dentro” da cabeça das personagens, introduzindo assim assuntos e conceitos que o autor desejava expor, ou seja, suas próprias reflexões sobre a vida e a dinâmica cotidiana da cidade inseridas em um contexto ditatorial, carregando, portanto, um posicionamento ideológico claro.

A cidade *Ninho de Cobras* tem, muito presentemente, a própria cidade como personagem, para além de cenário onde as histórias acontecem. Os trapiches e suas pontes de desembarque, por exemplo, são personagens, pois possuem suas próprias histórias, de espíritos de marinheiros que ficam pairando sobre o velho Jaraguá, o bairro portuário de Maceió, a procura de um navio inglês em que possam retornar para casa. De dentro da raposa, o autor caminha pelas ruas de uma Maceió e vai refletindo e caracterizando a imagem da cidade, como que dando vida à urbe.

As casas dormiam e pareciam ainda mais acachapadas, mesmo as que possuíam mais de um pavimento. Os homens e mulheres dormiam cheirando a suor, a esperma, ao açúcar que há séculos escorria da paisagem a uma secreção qualquer, eles dormiam na noite vidrada, e sonhavam e se agitavam enquanto morcegos balançavam como lâmpadas nos caibros dos telhados e mosquitos zuniam e ratos e baratas se movimentavam desembaraçadamente na escuridão. (LÊDO IVO, 2015, p. 12)

Num movimento rápido, a raposa mudou de direção, e veio pela rua que cheirava a açúcar e cebola. (Atrás das portas cerradas das fachadas leprosas, que o vento do mar fora ulcerando, jaziam sacos de açúcar de banguê e de cebola, fardos de algodão, aguardente, milho, coco, fibras têxteis). (LÊDO IVO, 2015, p. 14)

Era como se ali, naqueles sobrados de gradis ferrugentos e nas calçadas tortas e em declive, o homem se tivesse empenhado em construir o seu primeiro e mais resistente baluarte contra o mar e a evasão, levantando um monumento que, mesmo à noite, cheirava a mercadoria e a lucro. E as janelas fechadas escondiam o amor e o ódio, a expiação e o terror, o adultério e a sodomia. E, dia e noite, os relógios marcavam o fluir do tédio e da espera insensata. (LÊDO IVO, 2015, p. 14)

Ivo conhecia as entranhas da vida maceioense e seu texto deixa isso muito claro. O à vontade do autor causou enorme incômodo em seus contemporâneos justamente por expor publicamente essas entranhas que ninguém gostaria de ver expostas. Talvez tenha sido uma das exposições públicas das dores e delícias de ser maceioense. Seu texto reproduz o quanto a cidade é contraditória, desigual e complexa nas relações sociais, o que o autor transporta para a dimensão física também, refletindo nas descrições do ambiente urbano o mesmo clima de degradação moral das relações sociais de "casas acachapadas".

Algumas reflexões ou até menções dele, inspiraram em mim reflexões sobre a cidade e o mudar dos tempos. A cidade Ninho de Cobras é uma Maceió muito mais próxima da que eu conheço e convivi do que as anteriores, posto que foi escrita num tempo muito mais próximo ao meu. Reconheci Maceió ali, claramente, apesar de não ter reconhecido algumas partes. Vi na cidade Ninho de Cobras uma cidade dos homens, por homens e para homens, uma experiência muito masculina da cidade, no sentido de amplo acesso e mobilidade, principalmente à noite. Isso em gerou um incômodo profundo, que me fez começar a me perguntar onde está a cidade das mulheres e a querer ler romances escritos por mulheres.

Esta foi a obra em que mais vi – ou reconheci - uma relação imbricada entre o espaço urbano e as pessoas: a cidade formando as pessoas e as pessoas formando a cidade. Temas como a violência urbana de origem passional e pessoal, assim como as disputas políticas, estão bem presentes na obra, que procurou também retratar o clima social de uma ditadura.

“- Estão falando aí que um submarino alemão afundou outro navio brasileiro

- Eu, se fosse o governo, mandava prender todos os integralistas. São eles que dizem aos alemães onde estão os navios. - Assim falou um contabilista que, meses antes, fora levado à chefatura de polícia, onde lhe deram duas dúzias de bolos de palmatória, por conta das ideias avançadas que ele espalhava nas bodegas, em conversas com amigos e conhecidos. E como se ainda lhe ardessem as palmas das mãos, reiterou, numa indignação cívica: - São eles.” (IVQ, 2015, p. 38)

Cidade Anjo Americano, de Luiz Gutemberg (1995):

Analisando o romance "O Anjo Americano", de Luiz Gutierrez, percebo que o autor usa a questão do silêncio e da violência locais para construir o mistério do romance policial. É o cenário perfeito e é como se já estivesse pronto todo o contexto cultural. É como se ele apenas tivesse inserido uma história policial num contexto pronto para esse tipo de história florescer. Senti que o Anjo Americano realmente insere um história fictícia num contexto de cidade real presente no imaginário coletivo.



Figura 4 - Capas dos romances maceioenses escolhidos como base de montagem da dissertação.

artigos...
MAÇAIÓ...
NA FGO...

Fox...
que são...
interais (-atua)

PARTE 2 – INVENÇÕES METODOLÓGICAS

“Por toda parte os lugares tinham nome d’água traindo as origens: Levada, Olho-d’água, Maçaió, Ater Jaraguá, Poço, Bebedouro, Cambona Satuba, Mundaú-Mirim, Água Fria, Lantarão Alagoas.” (LIMA, 1997, p. 35)

“Quando o vento sul caía, então o vento ganhava como um demônio, derrubava coqueiros, arrancava as palhas, mocambos.” (LIMA, 1997, p. 38) L. 25

“Era como uma sombra entre as sombras, no silêncio da antemanhã – um silêncio de vento e água, cidade que surgira dos maceiós, cheia de nomes de água: Levada, Trapiche da Barra, Ponta da Terra, Vergel Lago, Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Bica da Pedra, Volta d’água.” (IVO, 2015, p. 157) I 36

PONTA DA BARRA

4. | MODOS DE PENSAR |

O fragmento é uma máquina de produzir inícios.

(Gonçalo M. Tavares)

4.1 PENSAR POR MONTAGENS

“De qualquer modo, era uma história sem começo e sem fim; estes eram meras convenções exigidas pela pretensa racionalidade de uma narrativa que, como a própria vida, estava irremediavelmente condenada ao fragmentário, era semelhante a um espelho espatifado no chão.” (IVO, 2015, p. 81)

O processo de montagem enquanto **forma de pensar** é uma forma complexa, híbrida, de produzir conhecimento. Trata-se, simplificadamente, da colocação de imagens diversas sobre uma superfície plana e partir daí analisando, “montando, remontando, desmontando” e vendo surgir a partir desse exercício diferentes conexões entre fatos, histórias, lacunas, imagens, narrativas, etc.

Um tipo de conhecimento específico e complexo é operado pela prática, trabalho ou jogo da montagem, um exercício que não busca qualquer unidade e pretende mostrar a própria complexidade ao acentuar diferenças e ao misturar, colocando lado a lado, numa mesma superfície, como no Atlas de Warburg ou no livro das Passagens de Benjamin, diferentes tipos de fragmentos, documentos, textos ou imagens, ou detalhes de diferentes tempos e campos do conhecimento e, a partir do choque entre suas diferenças, nos fazem compreender outros nexos possíveis, não mais baseados em semelhanças, mas sim na própria diversidade e heterogeneidade. (JACQUES, 2018, p. 218)

O processo se baseia no conceito de "Nachleben", traduzido por Jacques (2018) como "'sobrevivência' (...), seria um processo de transmissão, de transformação, de recepção e também de **como a memória, sobretudo a involuntária (proustiana) ou inconsciente (freudiana), opera nesses processos.**" (JACQUES, 2018, p. 211, grifo nosso). Trata-se de um anacronismo pautado pelas memórias coletivas e individuais, em especial a memória involuntária, aquela que cria "nexos inesperados, de forma não linear, anacrônica e fragmentária" (JACQUES, 2018, p. 211), quando ligações entre coisas distintas nos aparecem, de súbito, a partir de algo com o qual entramos em contato ou vivenciamos. "Uma forma de presença ou de "herança", como dizia Ernst Bloch (Erbschaft dieser Zeit), de um tempo que ainda sobrevive, mesmo que em breves lampejos mnemônicos, em outro tempo." (JACQUES, 2018, p. 211). Tais ligações, ou melhor, o processo de se fazerem em nossos corpos, chamei aqui de intuição. "Usar a intuição", portanto, a ação de deixar essas ligações se fazerem livremente no momento da montagem, é usado aqui como a metodologia que embasou a montagem. Explicarei melhor esse processo mais a frente, no item "montar associações: inventar atlas".

O importante não seria qualquer tipo de resultado final fixo, mas sim o próprio processo aberto, uma renúncia do fixar. A partir dos diferentes intervalos – entre as diferentes remontagens de um mesmo painel, entre as montagens de diferentes painéis e também entre as imagens de cada montagem –, podem surgir outros nexos, a partir de associações, choques ou tensões entre as imagens, podem emergir relações inesperadas, outras constelações imprevistas, provocando uma série de deslocamentos, inversões, rupturas, descontinuidades, emergências, anacronismos e sobrevivências. (JACQUES, 2018, p. 213)

"Esse método, moderno por excelência, foi bastante praticado no período entreguerras por diferentes vanguardas modernas – sobretudo pelos dadaístas, surrealistas, ou, por aqui, pelos antropófagos." (JACQUES et al., 2022, p. 244). Por meio dele, é possível pensar e conhecer cidades e o urbanismo, pois ele propõe novas formas de narração da experiência urbana, e, portanto, de sua apreensão também. "O modo de apreensão pela montagem – seja como modo de conhecimento, seja como procedimento formal, ou ambos – favorece formas mais complexas de ver, por uma multiplicação de pontos de vista variados, como pela experiência de desdobramento do tempo oferecida pelo caleidoscópio" (JACQUES et al., 2022, p. 244). No Atlas da memória,

O foco de Warburg estaria menos em cada imagem em si e mais no próprio intervalo entre elas, no vazio entre as imagens, nas suas possíveis relações, não estabelecidas a priori, mas que emergem no próprio exercício da montagem. Seu interesse pelas imagens residia justamente no seu caráter lacunar, híbrido, falho, impuro, incompleto, intermediário, aberto. Aby Warburg buscava uma concepção de história sempre aberta aos "possíveis ainda não dados", que acolhesse as impurezas, as discontinuidades, as lacunas e os anacronismos. (JACQUES, 2018, p. 212)

Sendo um processo de mistura temporal e de narrações diversas, a montagem forma também uma série de polifonias de tempos heterogêneos ou anacrônicos, o que torna a noção de tempo bem mais complexa e menos linear. Esse processo abre caminhos para a "desmontagem do *status quo* da história 'oficial' (dos vencedores)" (JACQUES et al., 2022, p. 245), ao colocar em confronto essas anacronias no processo de montagem-remontagem-desmontagem.

Trata-se de quebrar a linearidade do tempo positivista, da ideia de progresso e cronologia linear, ao mostrar, por montagens, o inevitável cruzamento, o choque, entre tempos heterogêneos (...). O desafio, portanto, é de incorporar os diferentes tempos – como os das memórias que emergem sem serem solicitadas – nas narrativas históricas para quebrar, fissurar e, assim, ir além das linearidades ou outras simplificações temporais. Como diz Didi-Huberman (2015), 'o passado nunca cessa de se reconfigurar!'; trata-se de uma construção, permanentemente em disputa. (JACQUES, 2018, p. 221)

4.2 PENSAR POR ATLAS

Segundo Trevisan (2018), a concepção tradicional de atlas envolve um catálogo *visual* onde se reúne aspectos diferentes de um determinado assunto. Sendo o *modus operandi* predeterminado pelo autor, o que restringe a interatividade entre usuário e obra. "O Atlas Mnemosyne de Aby Warburg foge a essa regra, ao trazer não um atlas, um objeto-produto encerrado em si mesmo, mas um modo de pensar por. Um método em que o espectador é o sujeito que irá conectar as relações existentes entre as imagens"(TREVISAN, 2018, p. 56).

O atlas warburgiano traz em si a possibilidade de impactos e confrontações proporcionados por nexos entre imagens diferentes, não pela similaridade e nem pela coexistência em um mesmo tempo, mas por conexões obscuras até então inimagináveis e pela sobreposição de tempos distintos (heterocronia). (TREVISAN, 2018, p. 57)

Para Trevisan (2018, p. 58),

O atlas warburgiano objetiva possibilitar narrativas. Para além de um trabalho de síntese, o atlas **é, antes de mais nada, um *working process*, um meio, um processo** em constante realização feito sobre uma mesa, um suporte, **em que arranjos, montagens e colocações são estabelecidos** conforme os objetos disponibilizados. Como resultado, sempre leituras distintas. Assim, o atlas passou a ser encarado por mim não mais como um objeto-produto, mas como um meio, uma ferramenta, um modo de ver e compreender – um dispositivo-motriz.

O atlas, portanto, é encarado aqui como dispositivo que objetiva propor e incentivar novas narrativas e reflexões sobre a cidade de Maceió e sua imagem social-urbana, uma possibilidade de “repensar o *modus operandi* de trabalhar e ler a história”(TREVISAN, 2018, p. 54).

Tavares (2013, p. 27) em seu ‘Atlas do Corpo e da Imaginação’, propõe o “*avanço hesitante*: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de linha exaltada, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; avanço que não tem já um trajecto definido, mas sim um trajecto pressentido, trajecto que constantemente é posto em causa;”. Assim, “o atlas surge como um método sem limites, sem certezas preestabelecidas.”(TREVISAN, 2018, p. 58).

O atlas como modo de pensar proporciona a abertura de possíveis caminhos em contraponto a busca pela verdade. Nesses caminhos, verdades distintas e variantes vão se fazendo, a depender de quem olha, quem narra, de quem lê, de quem fala... “Contra toda a pureza epistémica, **o atlas introduz no saber a dimensão sensível**, o diverso, o carácter lacunar de cada imagem. Contra toda a pureza estética, **introduz o múltiplo, o diverso, a hibridez de toda a montagem**”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 12 apud TREVISAN, 2018, p.58, grifo nosso.)

Enquanto método disruptivo, o atlas “quebra as certezas autoproclamadas da ciência convicta das suas verdades, como da arte convicta dos seus critérios. Inventar, entre tudo isto, zonas intersticiais de exploração, intervalos heurísticos” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 12 apud TREVISAN, 2018, p.59). Acredito que este trabalho caminha de forma semelhante, tendo o pressentimento como Norte e a curiosidade como trilha. Ele vai, então, se formulando conforme o caminhar avança, não em linha reta, mas cheio de hesitação. Colocando lado a lado, possibilidades e linguagens distintas, propondo assim, um novo modo de olhar para ‘verdades’ já estabelecidas pela historiografia tradicional. Ampliando a margem da verdade com novas invenções, novos atravessamentos de olhares: a junção do romance de ficção, historiografia tradicional e sabedoria popular, colocados em um mesmo nível de importância para construir novas possibilidades de interpretação da realidade. Não para provar pontos, mas o atlas proposto neste trabalho existe para inspirar novas perspectivas sobre a cidade.

Atlas torna-se, assim, um instrumento, uma ferramenta de abertura às possibilidades ainda não experimentadas, cuja força-motriz é a imaginação. O atlas proporciona a obtenção do conhecimento pela imaginação. Imaginação presente no conhecimento transversal, no processo de montagem, desmontagem e remontagem. O atlas, portanto, não é um simples arquivo, mas uma ferramenta. (TREVISAN, 2018, p. 59)

Uma ferramenta cujo potencial é justamente trabalhar com tempos anacrônicos, com linguagens distintas, que possibilita, portanto, a presença do sensível, o que traz toda uma nova camada para o jogo das associações, adensando ainda mais o conhecimento ao partir do princípio da efemeridade, do passageiro. Ao abarcar a dimensão do inconstante, da mudança e das transformações, o atlas enquanto método possibilita uma maior aproximação do percurso natural da vida, cujo senso de ciclo e de movimento permeia a noção de realidade, sem pretender resumi-la, defini-la ou esgotá-la. É contemplar o mistério em toda a sua imensidão.

5. | MONTAR ASSOCIAÇÕES: INVENTAR ATLAS |

“Contara tudo – não uma história linear, (...) não uma história que começava com seu nascimento e terminava ali naquela

cama no quarto de uma casa da Rua do Capim, mas uma história que começava em qualquer lugar e terminava em qualquer lugar, desurdida e fragmentária, e na qual o depois precedia o antes, a travessia da noite guardava dias e sóis já extintos, o amanhã se antecipava ao confuso trasantem mal vivido. Era, enfim, uma história mal contada, e toda embaralhada, como de cigano ou ladrão de cavalo (...)." (IVO, 2015, p. 74)

Como dito anteriormente, esta dissertação começou querendo encontrar a verdadeira Maceió, as preciosidades invisibilizadas da identidade alagoana a partir da apreensão destas subjetividades encontradas nos romances ambientados na cidade real. A ideia era identificar isso que chamei de 'dimensão humana' da cidade e registrá-las em linha do tempo. Na época, julguei que o registro se fazia importante para melhor compreensão dos usos que o cidadão maceioense faz da cidade, de onde vieram seus costumes, as formas de ocupar, lidar e viver na cidade de Maceió e que esse processo poderia contribuir para um processo de melhoria da autoimagem do cidadão enquanto maceioense.

A trajetória dessa pesquisa tem ponto de partida no processo de escrita do trabalho final de graduação "Viver a cidade: reflexões sobre cotidiano, vitalidade e permanência no bairro da Jatiúca – Maceió/AL", em 2018, no qual foi observada a presença dessas narrativas em parte da bibliografia coletada, nomeadamente o trabalho inserido no apêndice intitulado de "Evolução urbana e social de Maceió no período republicano", de Manuel Diégues Júnior, dentro do clássico Maceió, de Craveiro Costa (2011):

As praças surgem também neste período, com mais importância; o contato com a rua não é privativo dos moleques, dos negros, dos vagabundos, das mulheres perdidas. As famílias já procuram as ruas, já vão às praças, já assistem a festejos públicos. (JÚNIOR in COSTA, 2001, p. 158)

&

Os intendentess, depois denominados prefeitos, procuram endireitar as velhas ruas da cidade, ruas cheirando a peixe frito, a tapioca, a arroz-doce, vendidos nas esquinas, em tabuleiros enfeitados com papel de seda cortado em desenhos ou figurinhas de variadas cores – verde,

amarelo, vermelho, azul; ruas cheias de negras trajando vistosos chalés e turbantes de cores fortes na cabeça; essas ruas transformavam-se e modificavam-se. (JÚNIOR in COSTA, 2001, p. 157)

O encontro com esse tipo de narrativa me fez querer estudar a cidade por esse ângulo, sempre na tentativa de entender as razões por trás do que identifiquei, à época, como uma baixa autoestima da gente alagoana. E, seguindo, no sentido de querer provar que esta autoestima não deveria ser tão baixa assim, que temos preciosidades na composição de nossa identidade e devemos enxergá-las e valorizá-las. Ainda no começo deste processo, tomei por inspiração livros que eu acredito trazerem esse tipo de narrativa sobre outras cidades. São eles: 'Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife' de Gilberto Freire e o 'Guia de ruas e mistérios da Bahia de todos os santos' de Jorge Amado.

Desde então, fui sendo atravessada pelas disciplinas do programa e principalmente pelas discussões dentro do grupo de pesquisa, o que foi fundamental para que eu problematizasse e começasse a enxergar melhor o que eu queria com o trabalho. A partir dessas discussões, a ideia de fazer uma linha do tempo caiu por terra. Entendi que a história não é linear, mas uma série de fragmentos, rastros, sem origem e fim definidos. Portanto, a necessidade de entender a 'evolução urbana' da cidade foi fazendo cada vez menos sentido, até que se desfez completamente. Outra necessidade que foi gradualmente se extinguindo, a muito custo emocional, foi a ideia de querer provar o valor de Maceió e da identidade alagoana em si. Fui compreendendo (e mantenho o gerúndio pois ainda é um processo em aberto e sensível) aos poucos que na verdade não quero, nem nunca quis de fato defender e muito menos definir uma identidade alagoana, mas entender melhor a cidade e suas dinâmicas sociais e espaciais, e mais especificamente, a relação que se dá entre corpos e cidade.

Este trabalho é uma análise do familiar, em toda a sua complexidade. Foi complexo e ainda está sendo "estranhar o familiar" (VELHO, 1978), no sentido de olhar para ele com uma certa distância, ou mesmo com olhos de "estrangeiro", um outro ponto sensível meu, e conseqüentemente, um ponto de partida deste trabalho. "O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações." (VELHO, 1978, p. 7)

Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. (VELHO, 1978, p. 7)

Neste ponto, uma obra me impactou muito: *A invenção do Nordeste e outras artes* de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. O livro levanta a história da invenção do nordeste, invenção no sentido de quando e em que contexto histórico o termo surgiu.

O que queremos estudar é como se formulou um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de 'verdades', uma visibilidade e uma dizibilidade do Nordeste, que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e dirigem inclusive, o olhar e a fala da mídia. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 32)

Esse livro me atravessou profundamente, pois finalmente o que eu sentia foi nomeado, percebi que era exatamente isso que eu queria fazer desde o início: perceber essas "visibilidades e dizibilidades" (ALBUQUERQUE, 2011)' em Maceió, e entender de onde elas partem, qual a origem dessas 'narrativas' e qual a estrutura de poder que as sustenta. As *dizibilidades*, discursos que se tornam práticas cotidianas da cidade, e as *visibilidades*, práticas cotidianas que acontecem sem um discurso por trás, influenciam não só o modo de vida das pessoas, mas a configuração dos espaços. Ou seja, como os espaços surgem e são moldados a partir das *dizibilidades*, discursos ou de práticas, as *visibilidades*. Percebi que essas práticas cotidianas configuram a vida urbana, como os espaços são produzidos e como eles são vividos. Essa relação do corpo na cidade constrói também a imagem da cidade e como as pessoas se enxergam através dessa imagem, a autoestima urbana. Entendi que era esse o ponto que eu queria investigar sobre Maceió e que a identificação desses dizibilidades e visibilidades comporiam, então, invenções de Maceió, já que não acreditava em verdades ou em uma história linear ou fatídica.

Deste ponto em diante a dissertação tomou o rumo de investigar e cartografar a partir da literatura, não no sentido de mapear, mas de contribuir com novas

inscrições, sobre as invenções de realidade do cotidiano da cidade de Maceió e a relação dessas narrativas e/ou práticas com a formação e dinâmica do espaço, as várias cidades invisíveis (CALVINO, 1999) que habitam o imaginário social-urbano maceioense.

Tratamos aqui do cotidiano, em suas diferentes temporalidades, sem nos prendermos à lógica linear do encadeamento cronológico, ainda que os livros tratem, todos, de um mesmo espaço temporal. Isso nos trouxe a ampla dimensão dos temas tratados e sua complexidade, que aparecem ao mesmo tempo em um mesmo fragmento, sendo acumulados sob camadas de processos distintos. Trabalhamos para trazer para o visível e dizível aquilo que poderia não emergir por si só, concordando com Tavares (2013) que, "*conhecer é tornar presente; conhecer algo do passado é resgatá-lo desse tempo, é puxá-lo para aqui e para hoje*" (TAVARES, 2013, p.37).

Foram também agregados aos fragmentos dos livros outros movimentos, narradores, narrativas e produções em geral que atuaram como transbordamentos ou narrativas secundários conectadas aos quatro livros principais do quais emergem os temas tratados na pesquisa, a fim de complementar e/ou divergir com a discussão, enriquecendo assim a percepção e reflexão sobre as complexidades próprias do cotidiano. Esses outros movimentos se deram na forma de estudos e escritos acadêmicos e não acadêmicos sobre Maceió: letras de músicas, livros de memórias, teses de doutorados, ensaios de intelectuais renomados, análises e historiografia urbana da cidade em geral. Ao confrontar os temas que emergiram dos romances alagoanos com essas outras narrativas – que são diferente tanto em gênero escrito quanto em temporalidade e conjuntura política e social de sua produção – o que se observou foi a repetição dos temas identificados nos romances, o que demonstra uma ligação clara entre a produção científica e a de ficção na apreensão e análise da cidade. Algumas produções científicas – assim como esta – utilizam inclusive, a produção ficcional na elaboração dessa apreensão da dinâmica urbana, seja qual for o viés escolhido, reforçando a ligação entre as produções mencionada a pouco.

Não nos preocupamos em usar os documentos como prova, mas como matérias de expressão, como material a ser trabalhado, despedaçado em sua inteireza de sentido. Queremos apenas problematizar o estatuto de verdade de cada um, levantando, ao mesmo tempo, o significado consagrado que este adquiriu, fazendo

uso para isso de uma gama de comentadores, de críticos, de trabalhos acadêmicos, que consagraram um dado lugar para cada artista, para cada autor e sua obra e, a partir de então, tentaremos provocar um deslocamento nestas leituras consagradas, tomando-as para funcionar em outra estratégia discursiva. (ALBUQUERQUE, 2011, p.45)

“O fragmento é, pela sua natureza, um ponto onde se inicia; um fragmento nunca termina, mas é raro um fragmento não começar algo. O fragmento é uma máquina de produzir inícios” (TAVARES, 2013, p. 41). Este trabalho se faz de fragmentos, da montagem de fragmentos. Não só dos quatro livros de literatura escolhidos, mas da historiografia tradicional, de poesia popular, fragmentos vários, todos tomados como discursos produtores de realidade, ao mesmo tempo em que são produzidos em determinado tempo e condições históricas. “O fragmento tem essa característica: obriga o relevante a aparecer logo, a não ser adiado. O fragmento impõe uma urgência, uma impossibilidade de diferir. Um fragmento não quer que o outro fragmento que vem a seguir diga o que é da sua responsabilidade dizer. O fragmento acelera a linguagem, acelera o pensamento.” Tavares p. 41. A forma como os fragmentos foram escolhidos também diz muito sobre a metodologia empregada na construção do trabalho e sobre mim, como autora. Essa urgência que o fragmento impõe é o que me chamou a atenção e me fez escolhê-lo. Mas, na verdade, o que me chamou atenção e me fez escolhê-lo foi o seu ecoar em mim, o que vi de mim, neles. A urgência, portanto, se fez em mim, para que eu me escolhesse.



Figura 5 - Cena de "Entrelaço", curta-metragem produzido por Isabela Camargo, Synara Holanda e Rafael Almeida para a disciplina "Corpo como espaço habitado" do PPGAU/UFAL. Acessível em < <https://youtu.be/-vvH-a-QsVQ>>

PARTE QUE ECOA NO OUTRO.

Wittgenstein diz, de forma expressiva: 'Tudo o que comigo se cruza torna-se para mim uma imagem do que estou a pensar na altura'. Cada pensamento visto assim como uma *deturpação biográfica* de um outro pensamento. Pensar o pensamento dos outros é necessariamente *deturpá-lo*, pois quem pensa é outro, tem *outra biografia*, caminha noutra direcção; pega-se, então, no pensamento do outro de maneira errada, no sítio que levará o Outro a dizer: não pegues assim no meu pensamento *que o podes quebrar*. Wittgenstein, nos textos agrupados no livro *Cultura e Valor*, é muito claro: "Não creio ter alguma vez inventado uma linha de pensamento [...]. O que invento são novas comparações." (TAVARES, 2013, p. 40)

Esse modo de pensar é muito importante para o processo de montagem presente neste trabalho, sendo ele um "pensar o pensamento dos outros" constante. A formação do atlas é somente possível a partir da montagem de várias "deturpações" de pensamentos de Outros. A partir da montagem, "inventam-se novas comparações". Abrem-se novos caminhos a partir de portas conhecidas, que levam talvez a outras portas, improváveis. Ou não. Tais "deturpações" são partes

minhas que vejo ecoando no outro, e então, as reconheço, e as trago para perto, para o momento presente, para o *aqui* e *agora*. Assim como as portas conhecidas, provavelmente se fizeram a partir de outros ecos de outros em outros.

“E como verdade e mentira são, no fundo, farinha do mesmo saco, e a vida é baralha ou estrovenga,...” (LÉDO IVO, 2015, p. 190).

Entende-se aqui a relação entre verdade, mentira e invenção a partir do pressuposto que, sendo impossível obter uma correspondência exata entre a experiência e sua narrativa, tudo é ficção, tudo é invenção. Mas, entende-se também que a existência de uma narrativa sobre uma experiência, independentemente de sua natureza, tem impacto no real e pode até a vir a criar um novo ponto do qual pode se configurar uma nova realidade, que por sua vez pode ser narrada, com a inserção de uma nova inscrição de sentido sobre um determinado ponto. Assim como o passado, que não é estático, mas está sempre sendo revisitado, reinterpretado, recontado e, portanto, refeito. É então **“uma história mal contada, como as que narramos ciganos e ladrões de cavalos de minha terra natal” (LÉDO IVO, 2015, p. 204).**

Fora do âmbito histórico, a partir do momento em que se pode ter no mesmo espaço físico, lado a lado, um livro do século X a. C. e um livro escrito em 2005, a partir do momento em que uma pessoa pode, no intervalo de algumas horas, ler passagens de um e de outro livro, isto é, em duas horas, pode saltar trinta séculos (e este saltar é um unir), a partir do momento em que tal sucede a cronologia dos pensamentos torna-se secundária. O que importa, defende Arendt, são os efeitos que a leitura de determinadas ideias provoca e não a data em que essas ideias foram escritas ou produzidas. A intensidade da influência não depende de datas mas sim da força da emissão, cruzada com o momento reflexivo do receptor. (TAVARES, 2013, p. 36)

E a cada montagem uma nova narrativa criada e um novo olhar sobre a história da cidade. Meu objetivo sempre foi apreender a subjetividade de Maceió, fazendo algo que aprecio e faço com facilidade: ler romances. Queria que a cidade me contasse quem era ela, suas múltiplas camadas e faces.

A princípio identifiquei alguns discursos e práticas de Maceió e algumas fontes que indicavam que estes foram identificados também por outros autores. Busquei trabalhar nesta dissertação com fontes literárias de ficção ambientadas na cidade real para identificar, principalmente, mas não só, as visibilidades de Maceió. Posto que as sutilezas e subjetividades da história da ocupação humana na urbe não se encontram em mapas formais ou na história da evolução econômica e territorial por si só, mas estão também no imaginário e no cotidiano, lugar que pode ser acessado através da literatura local e de fontes como jornais antigos.

Por isso, a intenção desta pesquisa é investigar, para além da história formal, nessas fontes, onde as dinâmicas do cotidiano são mais palpáveis, e vêm junto com pensamentos e sentimentos que refletem uma época, um certo modo de pensar, que muda ou não com as transformações urbanas e sociais. Na literatura, se acessa o pensamento das pessoas, o que considero um alcance incrível emocional no sentido de representação de uma época, inserção social e individualidade. É importante também mencionar que a produção historiográfica nesta dissertação, assim como para Barros (2018, p.19), é utilizada "(...) não para cumprir o papel de elucidar eventos que aconteceram no território, mas de apresentá-los tais como foram percebidos, sentidos, representados e disponibilizados".

Comecei pelo mergulho nos livros: primeiro o Anjo Americano, o mais recente e palatável para mim, um romance policial de fácil leitura e que foca em uma dimensão subjetiva bastante conhecida na cidade: a violência e o silenciamento. Enquanto lia, fui destacando os fragmentos que me chamavam atenção por algum motivo, tentando bloquear qualquer análise nesse primeiro momento, para não racionalizar a escolha, e atrapalhar o que, por si só, já era um primeiro exercício de montagem. Depois li Ninho de Cobras, um livro bem mais conhecido do que o anterior, do consagrado escritor e poeta maceioense Lêdo Ivo, e bem mais complexo também. Com um início curioso, demorei um pouco para entender a lógica do livro, em que cada parte conta um mesmo fato pela perspectiva e subjetividade de diferentes personagens. Essa construção dá um tom de fofoca para o romance que é maravilhoso e trouxe para minha consciência um mundo de sociabilidade cotidianas que pude identificar acontecendo hoje, enquanto outras mudaram bastante. Ninho de Cobras me trouxe ao mesmo tempo o aconchego do familiar e o incômodo de perceber uma Maceió muito masculina sendo narrada, principalmente quanto às dinâmicas de lazer. As mulheres presentes nessas

dinâmicas, estavam frequentemente trabalhando como cozinheiras, donas de bordéis e prostitutas.

Conforme aponta Regina Delcastagnè (2007), a literatura brasileira é predominada por homens brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média, "sendo de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações." Os autores e seus personagens aqui escolhidos não fogem a esse contexto, configurando, tal como outras esferas da produção do discurso, um espaço de exclusão. "O outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos." É neste contexto que foi sentida a falta de uma perspectiva de mulher. As visões contempladas nos romances são predominadas por vivências masculinas na cidade, especialmente as relacionadas ao lazer: farras públicas e privadas, bebedeiras, comilanças e prostituição (de corpos femininos em geral). Este último, aliás, é o lugar onde são encontradas muitas personagens secundárias mulheres, mas ainda assim, não são relatos de suas próprias vivências, mas as visões masculinas sobre seus corpos e suas vidas, o que frequentemente resulta em destituição de seus sujeitos, sendo elas objetificadas.

A partir dessa percepção, fui investigar romances ambientados em Maceió escritos por mulheres para incluir no trabalho narrativas produzidas por elas, e não foi surpresa alguma, me deparei com a dificuldade de encontrar autoras e seus livros, especialmente romances e ambientados na cidade. Suspeito que essa dificuldade venha do fato de ser reservado às mulheres o espaço privado e aos homens o público (ALAMBERT, 1997), mas essa é uma discussão que vale um outro trabalho.

A partir de uma referência, Heloísa Ramos, esposa de Graciliano Ramos foram surgindo outros nomes de escritoras alagoanas ou que poderiam ter escritos sobre alagoas e Maceió. Nomes como Ilza Porto e o romance "Mandacarus" (1987), Arriete Vilela com "Lãs ao Vento" (2005), Edilma Acioli de Melo Bomfim, Solange Chalita, Anilda Leão com "Riacho Seco" (1972) e Arlene Miranda com "A hora presente" são algumas menções que valem o registro para futuras aberturas de caminho em direção a encontrar um romance ambientado em Maceió com visão de mulher. Procurei o suficiente pra ver que ia ser preciso uma investigação mais dedicada e

decidi que essa seria uma ponta a ser puxada em outro momento ou por outra pesquisadora.

Ainda enquanto estava lendo Ninho de Cobras, li a tese de Albuquerque (2011)⁶ e montei uma possível estrutura para o trabalho baseada nas dizibilidades e visibilidades. Depois tentei montar outra estrutura para o trabalho baseada nas "identidades" possíveis, que chamei de sentimentos de identidade, a partir de leituras do livro Nebulosas do Pensamento (2018). A estrutura era um painel visual online com diversos tipos de referências, como letras de músicas populares, recortes de jornais, fotografias, artigos de sites, trechos de livros, filmes, etc. Esse painel me ajudou a visualizar uma estrutura para o trabalho e fez parte ativa do exercício de montagem, sendo já uma primeira montagem de fato. Os "sentimentos de identidade" eram já pré-temas que eu já enxergava a partir dos fragmentos reunidos até ali, e claro, das dizibilidades e visibilidades que eu já enxergava.

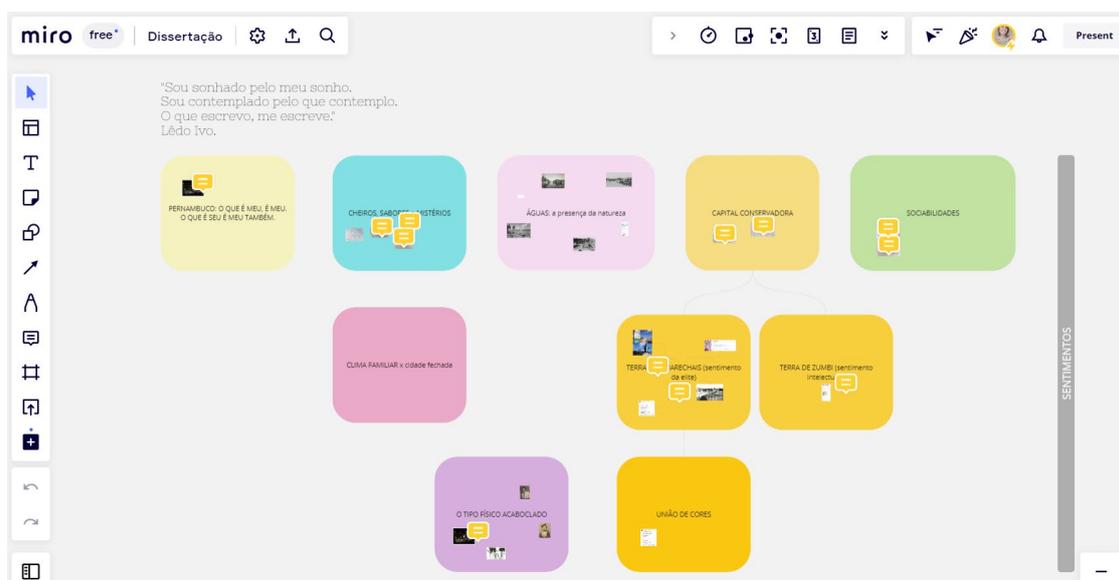


Figura 6 - Painel visual online. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Mandei a primeira versão do trabalho para minha orientadora ler e a devolutiva não foi boa, fazendo com que eu ficasse mais insegura ainda, mas com um norte: me libertar de mostrar o valor de Maceió. Essa orientação foi fundamental para que entendesse que o trabalho estava imaturo. Fiquei angustiada e com medo, mas senti que precisava mergulhar de fato no trabalho. Sendo assim, comecei a focar mais nas leituras e a reunir os fragmentos em um documento escrito. Durante essa fase, estava lendo Calunga, que teve um impacto enorme em mim. O livro me

⁶ A invenção do nordeste e outras artes.

pegou de surpresa ao me apresentar uma Maceió que eu não reconhecia e isso me deixou ainda mais perdida. Com uma narrativa visceral e envolvente, Jorge de Lima abre o panorama da dinâmica lagunar com toda a sua ambiguidade e complexidades, a começar pela própria narrativa do autor, que não pertencia originalmente aquela dinâmica. Segui lendo e selecionando fragmentos, mesmo incomodada e esse incômodo depois me levou para o entendimento do significado de povo anfíbio, proporcionando, depois, a principal virada do trabalho: a criação das Maceiós invisíveis.

Entrei em *Angústia* de Graciliano Ramos, mesmo angustiada. E fiquei ainda mais, pois esse é o livro cuja narrativa é a mais complexa dos quatro que selecionei neste trabalho. *Angústia* começa de repente, sem explicação prévia e sem introdução, é preciso persistência para continuar sua leitura, mas depois a história começa a ficar mais fluida. Isso acontece, descobri depois, porque trata-se de um “romance circular”, que começa pelo fim, e acaba abruptamente, mas ao voltar para o primeiro capítulo, o desfecho faz sentido e é possível entender o que aconteceu. Apesar de complexa, essa leitura me trouxe muitas perspectivas novas e instigou novas camadas para a montagem, provando para mim a grandeza do autor. *Angústia* mudou a minha forma de ver a literatura e quebrou em mim uma parte da insegurança sobre os “livros difíceis de ler”, reforçando o poder da literatura em “acender paixões e convencer” (BRESCIANI, 2018).

Fazer associações é um modo de pensar extremamente atraente e bem próximo ao que fazemos no dia a dia de nossas vidas. A atração que exerce pela proximidade entre a narrativa oral ou escrita e sua escuta ou leitura configura poderosa arma de sedução, de persuasão afetiva que se desloca, até sem nos darmos conta, para o convencimento racional. (BRESCIANI, 2018, p. 21)

Ainda durante a leitura de *Angústia* (pois essa levou mais tempo que as outras devido a sua complexidade), comecei a vislumbrar que o trabalho não está “todo despedaçado e sem lógica” como era minha impressão, mas vi que os temas que identifiquei antes mesmo de ler todos os livros faziam sentido, surgiam nos fragmentos, e eram questões das quais eu gostaria de me aprofundar, o que me levou a acreditar que estava no caminho certo. Mas ainda havia uma questão: a montagem.

Os fragmentos estavam selecionados, digitados e divididos em “temas”. Mas o que fazer com esses temas? Como montá-los? Um exercício disparado pela minha

orientadora veio, novamente, me abrir caminhos: imprimir os fragmentos e ver o que acontece. Imprimi os fragmentos e comecei a ler os fragmentos em voz alta e a classificá-los por cores e códigos, de acordo com autor e tema a que atribui inicialmente cada um dos fragmentos, na tentativa de visualizar o texto. Alguns deles estavam colocados em mais de um tema, recebendo, portanto, mais de uma cor. Eram eles: Resenhas ou sociabilidades maceioenses; violência; a questão cultural ou festas maceioenses; formas urbanas e imaginário maceioense; lazer da (ou relação com a) natureza: as águas; silêncio; inércia/desesperança ou resistência a mudanças/conservadorismo; estrangeiros.

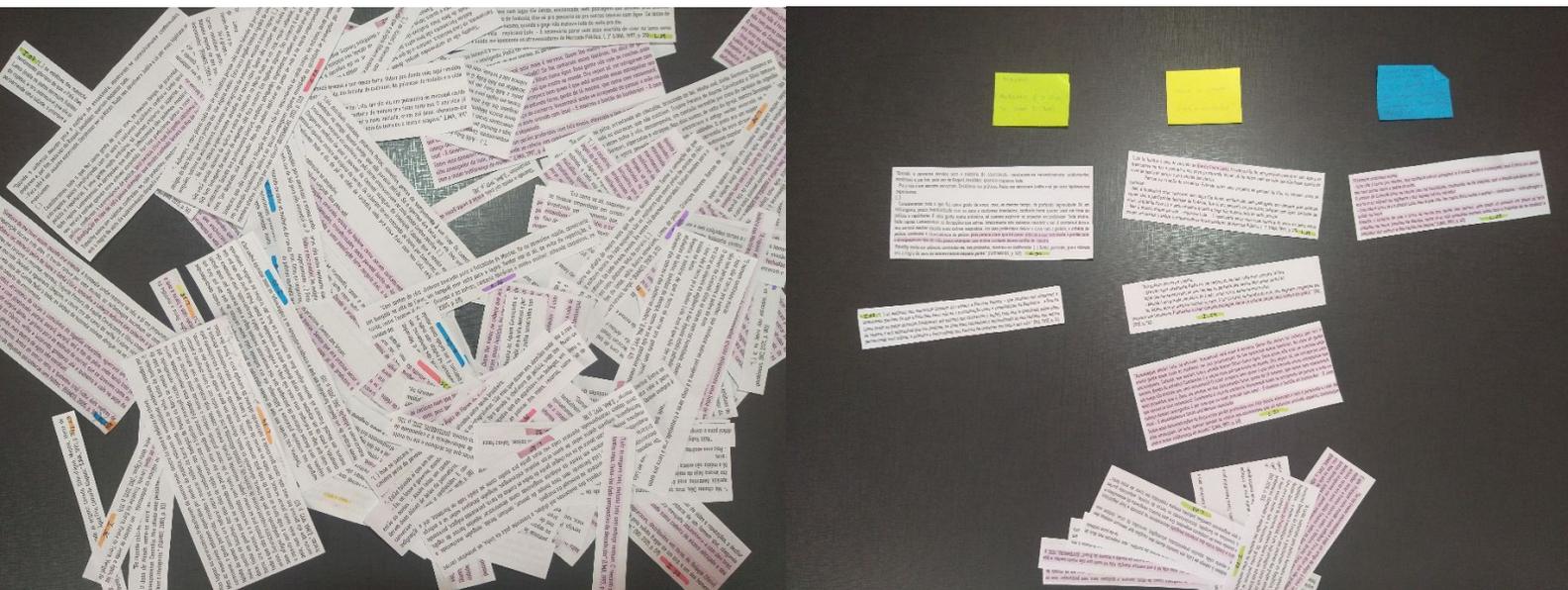


Figura 7 - Processo de montagem. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 8 - Processo de montagem. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Foi então que o grande exercício de montagem se fez, e em uma superfície plana, na mesa do escritório de casa: selecionei um dos temas, “o lazer (ou relação com a) natureza”, instigada por Calunga e comecei a ler fragmento por fragmento. A partir daí vi os fragmentos se organizando em outros temas dentro do tema, e decidi gravar as reflexões que o processo de montagem trouxe enquanto ele acontecia. Descobri assim, uma forma eficaz de burlar meu sistema de julgamentos e deixar o trabalho fluir. Nesse momento, surgiram os “subtemas”: **“Lama e lagoa: vilã x heroína”**; **“águas, raça/classe e cidade malvista”**; **“Maçaió e origens na água: formas urbanas que também são naturais”**; **“liberdade: vivência na cidade x no campo”**; **“cidade dos homens”**; **“Alagoas é o que se ama e dói”** e **“o impacto do pós-abolição nas cidades brasileiras”**. O que estou chamando aqui de organização em temas e subtemas, descobri depois, foi o processo que utilizei para trazer para a consciência, o que a

seleção dos fragmentos já tinha feito: tornar claro para mim, de onde deveriam partir minhas investigações, e quais perguntas fazer para elaborar os sentimentos. Que nesse caso, funcionaram como uma bússola, me guiando na direção do “para dentro”. Para que eu pudesse encontrar dentro de mim, os indícios de subjetividades coletivas formadoras da sociedade maceioense. A partir dos sentimentos de rejeição e reconhecimento, fui usando a montagem como ferramenta analítica, identificando pontos em comum com os fragmentos dos livros, e depois com outros fragmentos vários que me chegaram e que fui atrás.

As diferentes cidades que vi nos livros, coexistem através do tempo, e vão desembocando em outras. Os pensamentos próprios de cada época vão se modificando, mas vão carregando rastros dos processos de formação anteriores. E tudo vai se formando e se refazendo em ciclos, voltando e se fazendo presentes, ao mesmo tempo que vão se construindo coisas novas a partir de coisas já existentes. A montagem foi se fazendo assim, instrumento de análise e consciência, de captação de informações no entre-espço dos fragmentos e suas justaposições, criando e frequentemente reafirmando ideias, que foram se formatando à medida que as montagens iam acontecendo, uma depois da outra. E foram muitas. Este trabalho se montou, desmontou e remontou até o último dia. E se não houvesse último dia, ficaria se remontando sem fim.

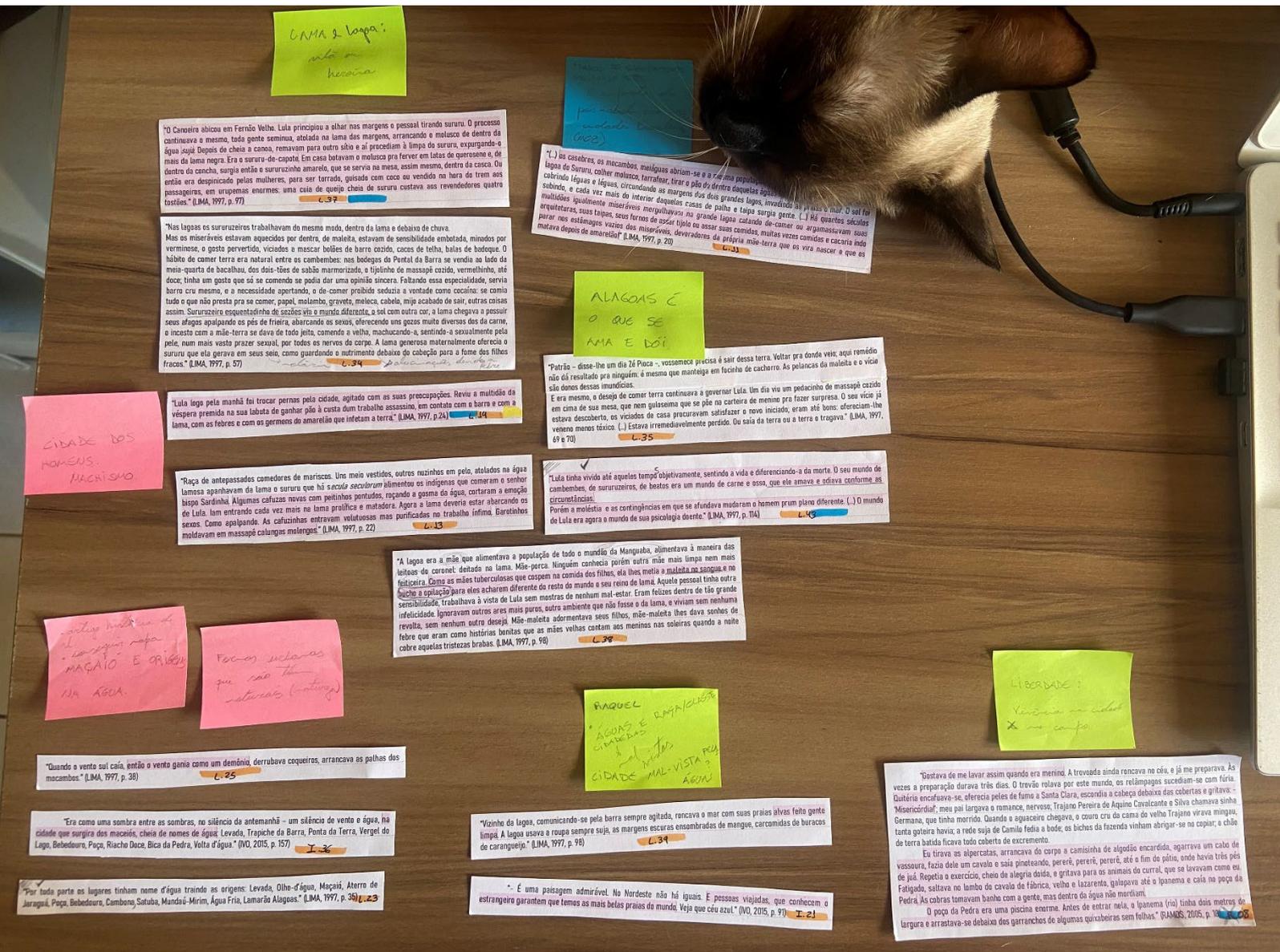


Figura 9 - Montagem das águas - subtemas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As obras literárias ficaram presentes nesse trabalho não como testemunhos históricos de fatos que aconteceram, mas como instigadoras de possíveis subjetividades. O processo de montagem atuou em mim como instrumento de percepção de dinâmicas, dizibilidades e visibilidades. Dessa forma eu encontrei através da arte da literatura, informações escondidas que se deixaram transbordar pelos poros. As percepções de Maceió(s) que encontrei nos livros, me deram insight de onde procurar, do que investigar e de quais perguntas fazer para procurar desvendar, trazer para o meu consciente esse processo de formação do que estou chamando de subjetividade urbana, ou seja, das ressonâncias de dinâmicas sociais e materiais que eu vejo acontecer na realidade hoje. A dissertação não parte de um

pressuposto de provar teorias a partir de alguma verdade que eu vi nos livros. Mas o que eu vi nos livros é uma instigação de pontos de vista, um abre caminhos, indicando por onde investigar. Então a montagem funcionou, neste trabalho, como uma forma de pensar. A partir de sentimentos percebidos, fui investigar em outras fontes, a fim de responder as perguntas que me vinham e fui formatando as invenções da cidade na minha cabeça e transpondo para a palavra escrita. À medida que ideias iam se reafirmando ou se contrapondo no processo de montagem, reflexão e estudos, processos de subjetivação iam ficando cada vez mais conscientes para mim e foram se transformando em invenções de cidades, em novas cidades invisíveis e configurações de imaginários coletivos possíveis foram se fazendo.

Alguns dos “subtemas” surgiram sob a forma de “pontos de reflexão” levantados em mim por meio do fragmento, como o “liberdade: vivência na cidade x no campo”, que se formou pela identificação das falas com as histórias contadas pela minha avó das *aprontações* do meu pai quando criança, em Anadia, cidade do interior de Alagoas de onde vem a minha família paterna. Outros “subtemas”, apareceram sob a forma de incômodo, como o “cidade dos homens”, cuja objetificação dos corpos femininos me incomodou bastante durante a leitura, me deixando em dúvida sobre abordá-los ou não, pois o incômodo era grande, mas o tema fugia do meu escopo. No fim, decidi que sim, deveria abordar tudo que me atravessasse, ainda que eu não entendesse exatamente como fazê-lo no momento. É importante pontuar que, apesar do meu incômodo, não tive intenção de tirar as falas de seus contextos para enquadrá-las como machismo, mas usar meu incômodo para investigar o próprio contexto em que esse pensamento era de tal forma naturalizado. Foi também esse incômodo que me levou a querer buscar perspectivas femininas sobre a cidade em romances, então considero que ele me abriu outras janelas de reflexão, sendo assim, importante na composição geral do trabalho.

Depois que reorganizei os fragmentos nos “subtemas”, percebi que eles configuravam cidades, assim como a “cidades dos homens”; Então fui vendo cidades nos “subtemas” todos, e assim se configurou o pequeno atlas do imaginário social-urbano, ou as várias *maceiós* invisíveis: retratos dos diferentes imaginários social-urbanos montados de modo a formar novos (ou antigos) olhares sobre a cidade e sua história cultural urbana. **“As cidades das águas”** surgiu assim, para abarcar as diferentes cidades subjetivas atravessadas pelas águas. As cidades compostas nesse momento foram: **“cidade da lagoa e da lama”**; **“cidade que se ama e dói”** e **“cidade anfíbia”**.

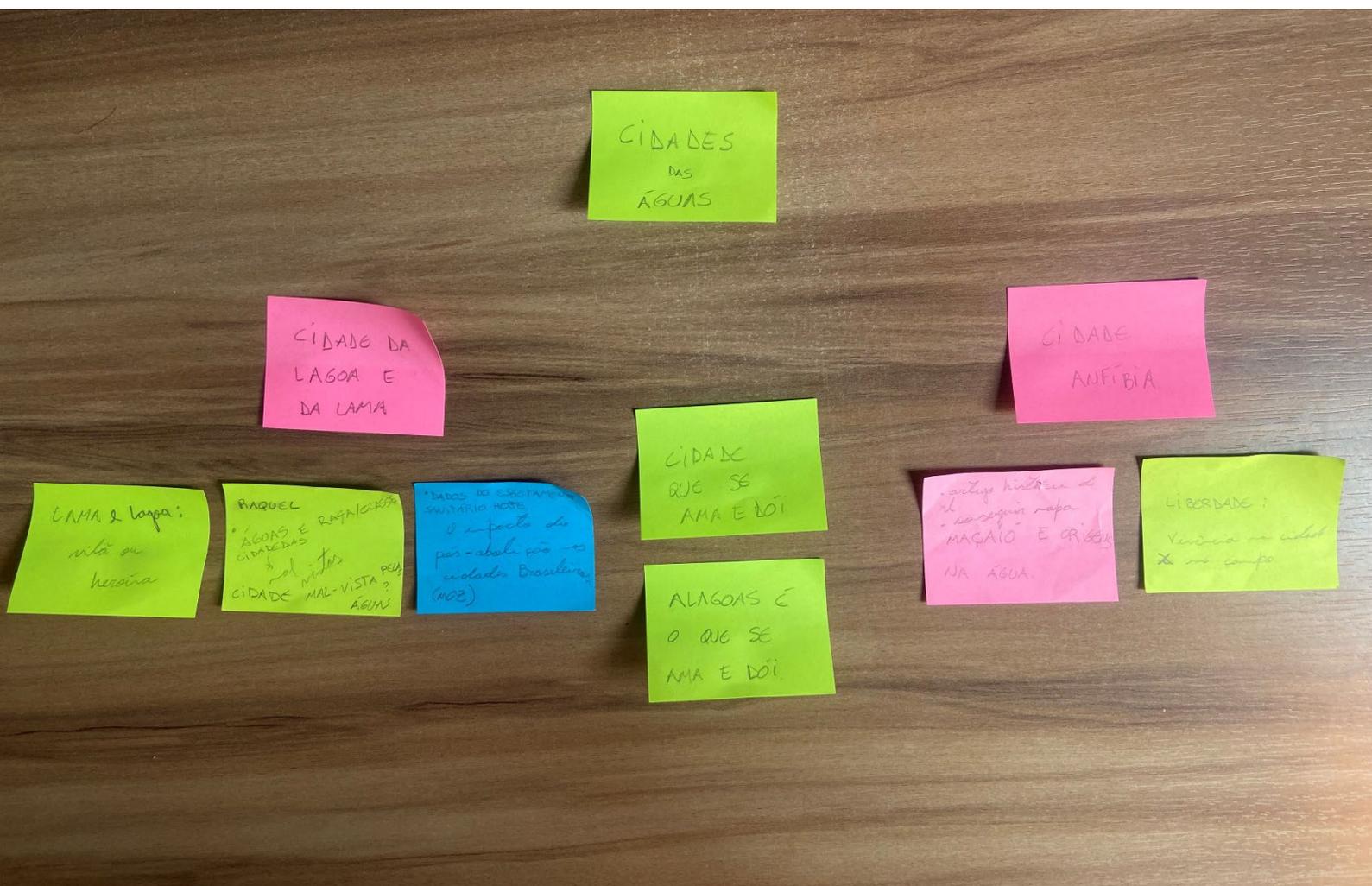


Figura 10 - Montagem das águas - cidades das águas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A “cidade dos homens”, portanto, ficou rapidamente de fora dessa primeira experimentação, pois não achei que integrava as cidades das águas. Uma outra cidade surgiu, a partir das leituras que se seguiram ao exercício de montagem: a **“cidade maçai-o-g”**. Essa cidade surgiu de uma necessidade minha de entender porque o tema “águas” é tão caro para a formação urbana e cultural de Maceió. Essa necessidade me levou ao encontro dos clássicos alagoanos “Canaes e Lagoas” de Octávio Brandão e “Maceió, a cidade restinga” de Ivan Fernandes Lima. As duas obras, produzidas por geógrafos, dissertam sobre a configuração do espaço geográfico que chamamos hoje de região lagunar de Maceió. Canaes e Lagoas, escrito em 1917, menciona pela primeira vez a metáfora anfíbia para designar a população maceioense, cuja relação com águas é de tal forma originária e imbricada, que poderiam ser tidos como sapos e rãs. Esse livro me atravessou tão profundamente, que, mais uma vez, me senti empurrada em uma direção que não

tinha previsto. Me deixei ser conduzida e a cidade Maçai-o-g se formou. A última, em pensamento, e a primeira em escrita, e ainda assim a que dá sentido e explica todas as outras que vieram a partir dos fragmentos retirados dos romances.

As cidades das águas foi se configurando e se reconfigurando, e assim se tornando o escopo da dissertação, posto que a quantidade de cidades e o nível de profundidade da reflexão que eu pretendia abordar neste trabalho não ia ser possível em um processo de mestrado. Ficando a porta e a janela aberta para um próximo processo de montagem e reflexões em um possível doutorado, afinal há ainda, muitos sentimentos que não foram abordados aqui e que merecem atenção, pois intuo que são fundamentais para uma compreensão mais ampla desta Maceió, que são várias.

Longe de ter um processo de formação “natural” ou “neutra”, que segue um fluxo linear e ascendente, a cidade se forma sob “a discórdia entre as práticas e os discursos” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 80). Maceió “se inventa no presente” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 80) e de forma fragmentária, dispersa, assim como tudo que é vivo. Por isso também, a dissertação tomou a forma de atlas, com construção metodológica por montagem, pois é assim que melhor acompanha o processo orgânico que se dá no cotidiano.

Nem sempre na cultura alagoana a visão ideológica progressista coincide, num mesmo agente criador, com rupturas dos códigos de criação, nem a visão ideológica conservadora com a permanência dos códigos canônicos. É o caso de Jorge de Lima, que sendo portador de uma ideologia da permanência adota um código estético de ruptura; e o de Graciliano Ramos, que sendo portador de uma ideologia de ruptura adota um código estético de permanência. Por isso, a cultura alagoana revela que ideologia de ruptura e código estético revolucionário não são sempre coisas coincidentes, nem ideologia de *status quo* e código estético de permanência (...) Comprovam, assim, as duas mais altas expressões criadoras de nossa cultura, a natureza anfíbia da gente alagoana. As águas – a revolução, a ruptura – e a terra – a permanência, a fixidez do *status quo* – marcando a figura de nossa cultura: a ilha, que o nosso poeta maior deduziu ser uma criação de Orfeu. (DIRCEU LINDOSO, 2015, p. 13-14)

Me sinto também assim, como disse Dirceu Lindoso, na forma ambígua e complementar de anfíbia. Sinto que a ruptura, em mim, e por consequência, neste trabalho, aparece na ideologia, no viés de abordagem e até na metodologia de montagem, ao mesmo tempo em que a forma final, a estética do trabalho, sai, frequentemente, conservadora, senão de todo, uma boa parte. Ainda assim, fui incentivada por minha orientadora a mostrar, vez ou outra, o “avesso” do bordado em que se constitui esta dissertação, e assim o fiz, da forma que pude, como um exercício de ver beleza e verdade na imperfeição e no erro, no espaço do entre. As rupturas e ambiguidades, portanto, fazem parte do trabalho e o constituem como parte fundamental, é o espaço do mistério.

Todo investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. Como alguém que continua náufrago, mas que tem agora, contra as intempéries e os perigos, um refúgio mais eficaz. (TAVARES, 2013, p. 38)



PARTE 3 – INVENÇÕES DAS ÁGUAS DE MACEIÓ

6. | PEQUENO ATLAS DO IMAGINÁRIO SOCIAL-URBANO DAS ÁGUAS |

6.1 CIDADES DAS ÁGUAS

“Por toda parte os lugares tinham nome d’água traindo as origens: Levada, Olho-d’água, Maçaió, Aterro de Jaraguá, Poço, Bebedouro, Cambona, Satuba, Mundaú-Mrim, Água Fria, Lamarão Alagoas.” (LIMA, 1997, p. 35)

Intelectuais como Octávio Brandão, Gilberto Freyre e Dirceu Lindoso se referem ao povo das Alagoas (sendo a área conhecida como Alagoas a região das lagoas Mundaú e Manguaba, que engloba a antiga capital da província Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul ou Alagoas, atual Marechal Deodoro e a atual capital do Estado de Alagoas, Maceió) como um povo anfíbio. Essa afirmação leva o povo maceioense para diferentes imaginários aquáticos. O que significava viver em Maceió quando a cidade nasceu e o que é viver em Maceió hoje? O cenário que produziu essa afirmação é difícil de visualizar na Maceió do século XXI, tantas transformações se deram na geografia do lugar e na geografia da subjetividade de sua gente. Por outro lado, o imaginário “paraíso das águas”⁷, se abre de imediato sob qualquer menção das águas alagoanas. Há uma diferença muito grande na forma de viver pela quantidade de água e terrenos alagados, pântanos, mangues, alagadiços, lagoas, riachos, olhos d’água e outras formas de água que havia no território. Essa quantidade de água proporcionava também muitos terrenos instáveis, o que gerava uma série de situações que dificultavam a vida urbana “civilizada”, incluindo doenças, mas não só, dificuldades de locomoção e transporte de cargas e mantimentos, desconexão entre pontos de povoamento, etc. A presença das águas na vida cotidiana criou uma forma de habitar que deu certas características para as pessoas, para a vida, para a forma de viver. Essas características ainda

⁷ Referência ao slogan de marketing turístico criado para divulgar as praias alagoanas como destino de férias, principalmente as da capital.

configuram a forma de viver nas Alagoas? Ainda regem a lógica da cidade, mesmo que subjetivamente? Esta sessão investiga o imaginário anfíbio na formação da cidade de Maceió, assim como suas consequências para a(s) cidade(s) presente(s).

6.1.1 | CIDADE MAÇAI-O-G |



Figura 11 – Cena do filme Cavalo do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: <https://www.cavalofilme.com.br/sobre>.

formação da restinga

As lagoas das Alagoas, a do Norte (Mundaú) e a do Sul (Manguaba) formam-se no fim dos rios Mundaú e Paraíba-do-Meio, respectivamente. “[Os rios] Abrem-se em grandes compartimentos em que se acham as lagoas maiores do litoral alagoano, como as da Região Lagunar de Maceió” (LIMA, 2010, p. 33). Embora possa parecer óbvio, essa formação geográfica pode surpreender muita gente que conviveu com a presença delas na cidade durante a vida inteira. O vale do Mundaú, por onde corre o rio que alimenta a lagoa de mesmo nome, que depois vai

desembocar no mar pelo canal do Calunga, é um dos caminhos conhecidos pela historiografia local como “rio de açúcar” (TENÓRIO, 2019, p. 30), por ser uma rota comercial importante por onde os engenhos de açúcar que ficavam no interior escoavam a produção açucareira nos séculos XVIII e XIX para o porto de Jaraguá, e assim, além-mar, o principal motivo pelo qual a capital mudou da antiga Alagoas para Maceió em 1839.

“Era como uma sombra entre as sombras, no silêncio da antemanhã – um silêncio de vento e água, na cidade que surgira dos maceiós, cheia de nomes de água: Levada, Trapiche da Barra, Ponta da Terra, Vergel do Lago, Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Bica da Pedra, Volta d’água.” (LÊDO IVQ, 2015, p. 157)

A formação geomorfológica da região lagunar que banha as duas principais cidades do Estado de Alagoas, a antiga capital e a atual, vai ganhando cada vez mais importância à medida que se vai aprofundando na investigação do assunto. “Pois, ao sentido estrito da palavra, as nossas lagoas [Mundaú e Manguaba] são estuários tapados por restinga e cristas de praias (barragens) e depósitos que se tornaram terraços marinhos” (LIMA, 2010, p. 123). Isso significa dizer que milhares de anos antes da invasão europeia na América do Sul, no processo de formação da superfície da terra como conhecemos hoje, as lagoas se formaram a partir de fenômenos como a inundação da planície costeira pela elevação do nível do mar e pela subsidência do fundo dos rios onde hoje se localizam as lagoas, e que eram vales submarinos. Depois da regressão do nível do mar, as falésias próprias de nosso litoral (assim como do litoral nordestino do Brasil) foram sendo formadas paulatinamente pela disposição das areias expostas ao sol e carregadas pelo vento Nordeste para a planície. Esse processo ‘tapou’ a desembocadura dos rios Mundaú e Manguaba, efetivando a formação geomorfológica da região lagunar de Maceió.

“Vizinho da lagoa, comunicando-se pela barra sempre agitada, roncava o mar com suas praias alvas feito gente limpa. A lagoa usava a roupa sempre suja, as margens escuras ensombradas de mangue, carcomidas de buracos de carangueija.” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 98)

Foram, portanto, os trabalhos do mar, posteriores às invasões, tempo em que se desenvolveram as acumulações detriticas (incluindo certo material orgânico), que vieram a tapar a boca destes estuários designados por ‘rias’, após o afogamento condicionado pela

transgressão conhecida, tendo sido facilitado ainda mais com os antigos movimentos subsidentes de forma indireta. (LIMA, 2010, p. 114)



Figura 12 - Cena do filme Cavalo do filme "Cavalo" de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: <https://www.cavalofilme.com.br/sobre>.

O nome da cidade de Maceió tem origem indígena⁸ e significa, "o que tapou o alagadiço". Esse nome sobreviveu às invasões europeias e permanece denominando a região até hoje.

Os estudos realizados para a classificação dos trechos mais diversos do litoral brasileiro, incluem o de Alagoas no assuntos das costas baixas lagunares com falésias, recifes e barragens arenosas "tapando" rios e a isto acrescentamos "rias" e restingas, modificando estuários, completando uma planície continental. (LIMA, 2010, p. 28)

Isso nos leva a crer que a denominação 'Maçai-o-g' descreve exatamente o processo geomorfológico que essa região sofreu. Essa área é justamente a área onde a cidade se originou. "O que tapou o alagadiço" é o movimento da terra, é a

⁸ Optou-se aqui, para efeito do trabalho, utilizar termos generalizadores como "povos originários", pois no caso alagoano e para esta discussão, se exigiria um trabalho extenso de pesquisa para identificar quais etnias habitavam e habitam a região dos canais e lagoas. Tais informações não estão facilmente acessíveis, este não é o escopo deste trabalho e eu, enquanto pesquisadora, para abordar esse tema, sinto a necessidade de, além de uma revisão bibliográfica extensa nas áreas de antropologia e sociologia, fazer ainda uma pesquisa séria de campo. Portanto, ainda que estejamos conscientes de que mesmo no território alagoano, diversas etnias e suas cosmologias específicas e diferentes habitavam e habitam este espaço, optamos por não aprofundar nesse ponto específico, para não fugir do escopo do trabalho. No entanto, este é um gancho para um trabalho de pesquisa importante e interessante, que pode contribuir muito para avançar e aprofundar a discussão aqui presente.

descrição da “transgressão flandriana”, da regressão do mar, e do acúmulo de areia levada pelo vento que formou barragens arenosas ‘tapando’ a desembocadura dos rios Paraíba-do-Meio e Mundaú, formando as lagoas.

Do lado oposto os entulhamentos fizeram o rio Paraíba-do-Meio a procurar nas partes menos entulhadas e mais baixas, sua saída para o mar, à guisa de meandros em canais do delta que se ampliava, em que as construções marinhas demonstraram sua deposição comum ao lado que sofre o ataque direto de vagas produzidas por um vento dominante, mesmo temporário, mas forte (o vento Nordeste), capaz de formar uma possante corrente litorânea e, em seguida, sobre as construções de barragens, erguer dunas que passaram em definitivo a ‘barrar’ as águas que lhe ficaram por detrás (essa ação potente do vento nordeste, é notável hoje pela quantidade de areia que fica na avenida que beira o mar durante o verão). Tal fato complementou na Restinga de Maceió, soterrando os seus últimos canais, o verdadeiro sentido de tapagem. (LIMA, 2010, P. 128)

Ivan Fernandes Lima confirma em 1960 o que Octávio Brandão já havia identificado em 1917: a tapagem do alagadiço era a descrição desse movimento da areia do mar, que ficou exposta ao sol após a sua regressão, secou e foi carregada pela ação dos ventos, principalmente o Nordeste, construindo as barragens, os canais e tapando a saída do rio, formando as lagoas e a região lagunar como a vemos hoje. Um processo que teve início, segundo Fernandes Lima (2010), há 11 mil anos atrás, e que levou milhares de anos para acontecer. “O que poderia provir de tudo isto, era a formação de deltas, o entulhamento das lagoas, a transformação das lagoas em canais, o nascimento de ilhas” (BRANDÃO, 1999, p. 104).

maçai-o-g

“Índios que viram teu primeiro viço,
Deram-te o nome que à forma te amarra:
- Maçai-o-g – “o que tapou o alagadiço”.
(Restinga de Maceió, I.F. Lima, 2010, p.23)

Ivan Fernandes Lima em seu estudo ‘Maceió cidade restinga’, identificou a presença de povos originários na região lagunar de Maceió há 17.000 anos: “A favorabilidade do ambiente estudado constituiu o motivo para que, de há uns 15.000

anos antes de Jesus Cristo, o nosso irmão índio habitasse estas paragens ricas de alimento flúvio-laguno-marinho" (LIMA, 2010, p. 151). E ainda, segundo ele, "Foi, sem dúvida, a última e pequena transgressão que completou todo o meio ambiente lagunar, pois as evidências de suas 'completação' se devem aos efeitos dos ventos, que continuam a exercê-los;" (LIMA, 2010, p. 149). Essa última transgressão de que fala o autor se deu há 5 mil anos atrás. Pode se concluir com razoável segurança, portanto, que os povos indígenas originários do território que hoje chamamos de Alagoas, assistiram todo o processo de transformação da terra no que podemos ver hoje. "O resultado de toda esta colmotagem foi, portanto, o entulhamento e o desvio das embocaduras dos rios, que se completou com a regressão aludida;" (LIMA, 2010, p. 150), então, a formação das ilhas, das croas, da planície litorânea, do litoral, dos arrecifes, da restinga em si, de toda a paisagem lagunar e litorânea como vemos hoje foi assistida, vivenciada e nomeada pelos povos que sempre habitaram essas paragens, a **"raça de antepassados comedores de mariscos"**. 'O que tapou o alagadiço' pode realmente ser a nomeação desse fenômeno, esse entulhamento, a formação da restinga⁹.

"Raça de antepassados comedores de mariscos. Uns meio vestidos, outros nuzinhos em pelo, atolados na água lamosa apanhavam da lama o sururu que há *secula seculorum* alimentou os indígenas que comeram o senhor bispo Sardinha. Algumas cafuzas novas com peitinhos pontudos, roçando a gosma da água, cortaram a emoção de Lula. lam entrando cada vez mais na lama prolífica e matadora. Agora a lama deveria estar abarcando os sexos. Como apalpando. As cafuzinhas entravam voluptuosas mas purificadas no trabalho ínfimo. Garotinhos moldavam em massapê calungas molengos." (JORGE DE LIMA 1997, p. 22)

A tradução para o português do significado de Maceió é relativamente conhecido, principalmente na academia, no entanto, é evidente que as pessoas não têm a dimensão clara da origem do nome, nem as implicações e o contexto pelo qual ele chegou até nós, o que significa isso tudo. Me incluindo nessa mea culpa, percebo que sempre imaginei que 'o que tapou o alagadiço' se referia a um terreno pantanoso, que é o que conseguimos visualizar a partir das informações que a historiografia tradicional expõe e da realidade observada. Nunca imaginei, por exemplo, que o termo poderia se referir à um processo pré-histórico de formação da

⁹ Para este trabalho, a restinga é um espaço geográfico formado sempre por depósitos arenosos paralelos à linha da costa, de forma geralmente alongada, produzido por processos de sedimentação, onde se encontram diferentes comunidades que recebem influência marinha, podendo ter cobertura vegetal em mosaico.

terra, um tempo anterior a formação das lagoas, em que a região lagunar era uma grande baía, e que, devido ao nível do mar elevado, a praia ia bater no tabuleiro central, onde hoje é a catedral, muitos metros acima do nível do mar atual. Não entendia que essa nomeação se referia ao processo de formação da restinga, da barragem dos rios e conseqüentemente, da formação das lagoas propriamente dita. Aliás, nunca imaginei um tempo em que não houvesse lagoas, nunca imaginei uma era do gelo no Brasil, em Alagoas, em Maceió.

Hoje, quem (percorrendo a Levada ou Campo Grande e Porto Francês) dirá que as duas grandes lagoas alagoanas já foram baias, talvez mais perfeitas do que a de São Salvador ou a do Rio de Janeiro?! Quem dirá que o Mundaú, o Remédios, o Broma, o Sumaúma, o Paraíba se lançaram no mar?! (OCTÁVIO BRANDÃO, 1917, p. 29)

Enquanto sociedade formada a partir da invasão europeia, estamos mergulhados em sua lógica de pensamento, uma forma de ver o mundo e as coisas, que nos fez acreditar que esta é a única forma possível de interpretar a realidade. Será que a realidade que vivemos e baseamos nossas vidas não é uma invenção nossa? A filosofia pela qual reconhecemos padrões e nos familiarizamos com uma dada realidade? “para Duchamp, a ciência será uma ‘fabricação intelectual’ e ‘a validade das suas leis uma consequência da aceitação de determinados pressupostos ou convenções’”(TAVARES, 2013, p. 35).

O colonialismo não apenas significou a imposição da autoridade ocidental sobre terras indígenas, modos indígenas de produção, leis e governos indígenas, mas também a imposição da autoridade ocidental sobre todos os aspectos dos saberes, línguas e culturas indígenas (STAEUBLE, 2007, p. 90 apud GRADA KILOMBA, 2019, p. 53)

A forma indígena de ver o mundo e interpretar a realidade segue uma outra lógica de pensamento, partindo do ponto em que reconhecemos a existência de mais de um jeito possível de interpretação da realidade, e que todos eles têm o mesmo peso e, portanto, são todos invenções. E se nós estivéssemos atentos e curiosos em relação ao outro, perceberíamos rapidamente que a lógica é diferente, e, talvez, nos abriríamos para a possibilidade do “o que tapa o alagadiço” se referir à descrição do que aconteceu geomorfologicamente naquele lugar e que a tecnologia do saber indígena fez chegar à atualidade essa informação, que é, pelo

menos, 5 mil anos antiga. Isso significa reconhecer a grandeza e a potência da forma de interpretar a realidade indígena.

As descobertas científicas reveladas nos estudos de Octávio Brandão, em 1917 e de Ivan Fernandes Lima em 1950, revelam, na verdade, o que os indígenas já sabiam há muito tempo. Revelam, inclusive, o próprio fato de que eles já sabiam o que estava sendo descoberto: "o aborígine viveu no ambiente, assistiu parte da regressão pré-flandriana (?) e presenciou a nova transgressão (Flandriana);"(LIMA, 2010, p. 245). Ficando evidente que, assim como os brancos, os indígenas procuravam observar e estudar o movimento da terra, do lugar que eles viviam, o movimento do céu, das estrelas, enfim, do mundo que os cercava. E o conhecimento era passado em diante de geração em geração, oralmente. Eles foram vendo acontecer as mudanças na superfície deste pedaço de terra e os nomes dos lugares contam essas histórias do movimento geomorfológico da terra, revelando uma capacidade de síntese impressionante e o poder da tecnologia oral. O que me faz lembrar profundamente da poesia popular, mais especificamente do coco de pé de parede alagoano, um conhecimento compartilhado oralmente, filosofia e ciência juntas em forma de música, cantada de poeta para poeta no meio da festa, arte pura e viva. A descrição e o desvendamento da lógica da natureza em forma de história musicada. Um conhecimento vivido, observado e herdado, passado de forma lúdica e poética, oralmente.

O nosso deus corrige o mundo
pelo seu domínio sei o que a terra gira
com o seu grande poder
grande poder com o seu grande poder.

a terra deu, a terra dá, a terra cria
homem a terra cria, a terra deu a terra há
a terra voga a terra dá o que tirar
a terra acaba com toda má alegria
a terra acaba com o inseto que a terra cria
nascendo em cima da terra nessa terra há de viver
vivendo na terra que essa terra há de comer
tudo que vive nessa terra
pra essa terra é alimento
deus corrige o mundo pelo seu domínio
a terra gira com o seu grande poder
grande poder, com o seu grande poder

o homem planta um rebolinho de maniva
aquela maniva com dez dias tá inchada
começa a nascer aquela folha orvalhada
ali vai se criando aquela obra positiva
muito esverdeada, muito linda e muito viva
embaixo cria uma batata que engorda e faz crescer
aquilo dá farinha pra todo mundo comer
e para todas as criaturas vai servir de alimento
deus corrige o mundo pelo seu domínio
a terra gira com o seu grande poder
grande poder, com o seu grande poder.

(Coco de pé de parede: "Grande Poder" - Mestre Verdelinho das Alagoas. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FNiHd9Vim34>. Acesso em Março de 2024.)

Enquanto estamos aqui tentando desvendar o que aconteceu a pouco tempo atrás, nem sequer nos damos conta de que há gente viva com essa informação. Ivan Fernandes Lima, em seu livro 'Maceió, a cidade restinga' traz mapas que marcam a chegada dos aborígenes a Maceió a 17.000 anos atrás. Temos 2.000 anos de cristianismo e 500 de homens brancos invadindo as Américas, portanto, também em Maceió, e os indígenas estavam aqui. Mas estavam aqui há 17.000 anos, pelo menos. É uma Europa, em termos de idade de ocupação do território. Éramos uma Europa antes dos europeus chegarem aqui.

Pajuçara, Pratygy, Jacarecica, Ypioca, Jacutinga, Mundaú, Manguaba, Guaxuma, Gulandim, Jatiúca, Sauaçuí. É tão forte a presença indígena na toponímia e na etimologia maceioense e, no entanto, nós nem associamos esses nomes às nossas raízes indígenas nem à herança que nossos ancestrais deixaram em vários campos de atividades. (DOUGLAS TENÓRIO, 2019, p. 36)

Talvez essa informação seja muito pouco consciente e divulgada em relação a sua importância e potencial para possivelmente transformar mentalidades. A ênfase nos "indígenas assistiram à mudança do espaço" e "tinham uma tecnologia de transmissão de saber que fez a informação viajar milhares de anos" se faz necessária se pensarmos que estamos estudando esse fenômeno sob a perspectiva

da descoberta e, na verdade, estamos descobrindo que eles já detinham esse conhecimento há muito tempo. Estamos, portanto, descobrindo o tamanho de nossa própria ignorância.

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado e em quem acreditar. (GRADA KILOMBA, 2019, p. 53)

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem com a gente. (AILTON KRENAK, 2019, p. 17)

vida e movimento

“Foram os ventos vindos do nordeste,
Que te fizeram longa até a “barra”,
Onde o “pontal”, furando a água, investe.”
(Restinga de Maceió, I.F. Lima, 2010, p.23)

A geografia nos traz uma reflexão sobre o tempo. O tempo geográfico é diferente do tempo histórico, que é diferente do tempo das cidades. Ainda que coexistam, cada tempo é uma escala, uma dimensão. Como refere Octávio Brandão (1999, p. 106), “Relativamente, a região é nova. Mas seus milênios não são poucos”. Junto com o tempo da geografia vem a noção de mudança, que vai além da existência dos seres humanos, uma força transformadora, que fala sobre movimento constante, ciclos, o grande mistério da vida. Discutir a história da humanidade por meio do tempo geográfico traz uma certa paz. A paz que vem da

observação da transformação do espaço, onde atuam forças que extrapolam a existência dos seres humanos. Não há justiça no movimento dos oceanos. A transformação simplesmente acontece, independentemente da nossa vontade. E essa transformação é tão poderosa e tão maior que nós, que é capaz de nos engolir. Não há como segurar essa força, não há como impedi-la, não há como resistir a ela; ainda que a cosmovisão europeia que concebeu o conceito que conhecemos hoje por ciência, tenha uma forte inclinação a tentar dominar a natureza, ou o que estou chamando aqui de “força transformadora”. Pensando assim, os homens¹⁰ se colocam acima da natureza, se colocam como não natural, como fora desse lugar de natureza, e, portanto, capaz de dominá-la. Será?

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (AILTON KRENAK, 2020, p. 7)

Ainda pensando sobre transformações, podemos acompanhar, hoje, as mudanças da região lagunar, ainda em constante e visível transmutação, cujas águas estão sendo natural e gradualmente aterradas: “como a terra se transforma! (...) As lagoas estão secando, ou, mais exatamente, nelas a terra está assoberbando o nível do oceano. (...) Os canais de hoje foram verdadeiras lagoas.”(OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 105). O autor explica:

Na região dos CANAIS e LAGOAS, ainda hoje se acompanha, passo a passo, o nascimento e a evolução da terra. (...) Não é sem fundamento que as águas dos rios e das lagoas, durante o inverno, toma um cor terrivelmente barrenta. Isto é um corolário de erosão. É um material complexo em suspensão, que se sedimentará onde houver uma quietude relativa. Em resumo: os materiais carregados pelas águas e vindos muitas vezes de paragens distantes, tocando um lugar em que a correnteza for mais fraca, repousarão aí. Este sedimento, pelo acréscimo de novos detritos, irá evoluindo, evoluindo,

¹⁰ Neste trabalho utiliza-se o termo “homens” não como generalização para seres humanos, mas como especificidade de gênero masculino. Acreditamos que, estando os homens no centro absoluto do poder de decisão dos tempos aqui referidos, faz-se jus denominá-los também como responsáveis pelas consequências de tais decisões.

até aparecer à flor d'água. E teremos assim uma *coroa de terra*.
(OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, P. 111)

Ou seja, uma 'croá'. Essa croá vai evoluindo auxiliada pela vegetação de mangue, que ajuda a terra a se fazer mais firme, até se formar uma ilha.

A água, vendo aquele esboço de terra, procura destruí-lo. Mas enfrenta com as raízes do mangal, entrelaçadas, embaralhadas. E há uma luta infernal. Cada novo embate das águas é aparado por um novo esforço do mangal a originar e a mergulhar – caídas do alto – suas raízes adventícias pelo subsolo da coroa. (...) Vi, com a alma suspensa e ansiosa, aquela batalha obscura e, por isto mesmo, ainda mais feroz, na qual predominam duas milenárias antipatias profundas – **o ódio da água à terra e o ódio da terra à água**. Presenciei aquela miniatura dantesca, estupenda, que termina com a vazante para recomeçar com a enchente. (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999. P. 113, grifo nosso.)

A 'luta' da terra contra a água (ou vice-versa) sofre intervenções humanas que adicionam incentivos (nem sempre previstos) à um dos lados da batalha milenar. “É exato que, em umas partes, a terra está avançando contra a água; avançando lentamente. Mas, em outras, a água está avançando contra a terra; avançando rapidamente! **E o Homem, que tem feito?** Em que se ocupa? Que barreira construiu? Que diques levantou?” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 117, grifo nosso). Até que ponto pode se lutar contra a natureza? Até que ponto pode o homem interferir na batalha dos elementos? Até que ponto a interferência na dinâmica da natureza não é uma autodestruição? Que tipo de interferência é válida?

A pandemia do Corona Vírus 19 pode nos ajudar a pensar essa autodestruição que cito anteriormente. Segundo Ailton Krenak (2022), a interferência dos homens no ambiente natural e sua mentalidade doentia, criaram uma forma de vida insustentável, que tem um preço e que esqueceu o “verdadeiro sentido do que é ser humano” (KRENAK, 2020, p.6). “Esse vírus está discriminando a humanidade. (...) A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise.” (AILTON KRENAK, 2020, p.7) “As cidades são sorvedouros de energia: se faltar eletricidade, as pessoas morrem

fechadas nos seus apartamentos, sem conseguir descer" (AILTON KRENAK, 2020, p.12).

Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação (AILTON KRENAK, 2020, p. 9).

Há a interferência do ser humano nas matas e há a interferência do Dique-Estrada e das obras de contenção do mar na praia urbana de Jatiúca. São intervenções diferentes. O pensamento colonizado, pela sua incapacidade de enxergar inteligência e tecnologia nos saberes e práticas dos povos originários, criou o "mito moderno da natureza intocada"(ANTÔNIO DIEGUES, 2008)

A noção de mito naturalista, da natureza intocada, do mundo selvagem diz respeito a uma representação simbólica pela qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes num estado "puro" até anterior ao aparecimento do homem. Esse mito supõe a incompatibilidade entre as ações de quaisquer grupos humanos e a conservação da natureza. O homem seria, desse modo, um destruidor do mundo natural, e portanto, deveria ser mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma "proteção total" (ANTÔNIO DIEGUES, 2008, p. 55).

Esse pensamento, partindo da ignorância que lhe é própria, desconsidera não só o tipo de relação que os povos originários têm com o ambiente e criaturas que lhes cercam, como também a possibilidade de uma interferência humana que não destrua a natureza. Como por exemplo, de plantações de espécies de árvores frutíferas em locais próximos às aldeias, que não nasceriam ali, espontaneamente. Essa não é uma interferência humana na "natureza"?

Essa unicidade (entre o homem e a natureza) é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, em que o tempo de caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições (ANTÔNIO DIEGUES, 2008, p. 63).

Esse tipo de intervenção parte de um estudo aprofundado desse ambiente natural e preza pela preservação dele, em harmonia com os seres humanos e com os outros seres e plantas. Muito diferente da intervenção feita na lagoa Mundaú para a construção do Dique-estrada, onde algumas ilhas e o canal do Trapiche, foram aterradas (por homens), segundo Rubens Duarte (2019), em prol da construção de uma via com cinco quilômetros de extensão à beira da lagoa Mundaú, que interligou cinco bairros por uma orla lagunar e incorporou 202 hectares de terra à cidade, alterando profundamente as relações do lugar.



Figura 13 - Foto aérea antes da construção do Dique-Estrada. Foto de José Ronaldo s/d. Acervo de Ailton Pacheco. Fonte: Rubens Duarte (2019).

Figura 14 - Dique-Estrada em processo de aterramento. Fonte: Rubens Duarte (2010).

“Do lado de Ponta Grossa havia o Canal do Trapiche que ia, um pouco a sudoeste do bairro do mesmo nome, encontrar-se com o de Fora (Calunga). Entre estes algumas ilhas como: Gravataí ou Trapiche (em frente ao local homônimo), dos Ananases e a do Gonçalves, atualmente em fase de aterro final com a construção do Dique Estrada (1985).” (IVANF. LIMA, 2010, p. 225)

Será que a intervenção que construiu o Dique-Estrada levou em consideração os impactos no ambiente em que foi inserida? Rubens Duarte (2019), em sua tese de doutorado, nos aponta os interesses motivadores de tal obra faraônica que mudaria radicalmente os rumos da cidade de Maceió dali por diante.

O Projeto Dique-Estrada foi uma intervenção conjunta dos governos federal, estadual e municipal na porção leste da lagoa Mundaú, em Maceió, nas décadas de 1970 e 1980, com três propósitos: (i) a criação de uma via de escoamento da produção da Salgema Indústrias

Químicas S/A (SALGEMA), implantada na cidade em 1976 no Trapiche, entre o mar e a lagoa; (ii) a solução definitiva contra as enchentes na região lagunar, que constou do aterro em parte da lagoa e (iii) a incorporação de ilhas ao continente (RUBENS DUARTE, 2019, p. 175 apud RUBENS DUARTE, 2010, p. 44)

O autor destaca que a principal motivação para a construção do aterro foi mesmo a implantação de infraestrutura urbana que servisse ao escoamento da produção da Salgema. “Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios” (KRENAK, 2019, p. 11). Essas corporações espalham pelo mundo todo “quase que o mesmo **modelo de progresso** que somos incentivados a entender como bem-estar” (KRENAK, 2019, p. 12, grifo nosso). Esse modelo de progresso é o mesmo que implantou a Salgema, “numa área ambientalmente frágil, com grande possibilidade de riscos de acidentes e vazamentos de produtos químicos, comprometendo a segurança da população da cidade e, em especial, dos moradores do bairro onde se encontra” (RUBENS DUARTE, 2019, p. 174). Isso abriu espaço para a exploração desenfreada e irresponsável das reservas de sal-gema que habitam o subsolo do território que chamamos hoje de Maceió. O preço que estamos pagando enquanto humanidade é o risco iminente de um afundamento do solo que ameaça engolir cinco bairros da cidade de Maceió pela lagoa.

A implantação da indústria Salgema, nos anos 1977 causou um impacto na dinâmica urbana maceioense tão profundo que inverteu o vetor de expansão da cidade para o norte, condenando uma de suas áreas mais antigas, a zona sul, e sua relação com a lagoa ao abandono e crescente decadência. É a lógica do desequilíbrio e suas consequências. Hoje, nos anos 2020, estamos diante da iminência do maior “desastre” ambiental em área urbana do planeta. A corporação que provocou tudo isso segue operando na cidade, indo agora em direção ao litoral norte, para onde a cidade está se expandindo desde a mudança do vetor. Era esse mesmo modelo de progresso que Maceió buscava para ser reconhecida como cidade “evoluída”. Foi aterrando suas águas, seus mangues, desvalorizando suas potências culturais ligadas à terra, para caber dentro do modelo de progresso “engolidor de cidades”.



Figura 15 - Frame da cartografia em realidade expandida “Habitat Mestiço Circulador”. Fonte: <https://hmc.art.br/>.

o que tapou o alagadiço

“Por toda parte os lugares tinham nome d’água traíndo as origens Levada, Olho-d’água, Maçaió, Aterro de Jaraguá, Poço, Bebedouro, Carbona, Satuba, Mundaú-Mirim, Água Fria, Lamarão Alagoas” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 35)

Por toda parte os lugares tinham nome d’água traíndo as origens. Ou melhor, denunciando as origens, dando pistas sobre as origens. Mas não só sobre as origens, os nomes d’água denunciam também a relação da cidade com as águas, o processo histórico ocorrido nesta região. O aterro de Jaraguá, por exemplo, denuncia claramente de que maneira a cidade - ou melhor, suas pessoas - lida e enxerga a insistente presença aquática da região: a tapagem.

“De tudo isso, restou-nos a riqueza do seu vocabulário, que impôs à língua do colonizador os nomes dos locais que haviam implantado e continuam nos dias atuais a repetir, na força da tradição oral, esse legado precioso de sua herança cultural.” (VANFLIMA, 2010, P. 155)

A tecnologia do saber indígena de nomeação dos lugares pelas movimentações das forças da natureza – neste caso, terra e água –, talvez por sua força calma e estrutural, própria das coisas muito antigas, sobreviveu a um ataque direto da colonização portuguesa em 1758, quando “o Marquês de Pombal, ministro de Dom José I de Portugal, proibiu o uso das línguas indígenas no Brasil” (BENEDITO RAMOS, 2021, p. 9). Ainda assim, aqui nas Alagoas, herdamos muitos nomes originários, felizmente, pois esta tecnologia de nomeação traz para a superfície o grande valor de informação que ela carrega. Um valor profundo, antigo, uma herança cultural. A densidade que esse tipo de síntese abriga é imensa: ela fala de tecnologia do saber, ou seja, educação das novas gerações; fala sobre a antiguidade desses movimentos naturais; da relação das pessoas com as outras partes da natureza; sobre o poder imenso e misterioso que rege a vida e a morte; sobre manutenção da existência humana, ou seja, sobre dinâmicas do espaço habitado. Traduzindo o processo natural de movimentação das forças da natureza em determinado local, é possível extrair informações preciosas e úteis na hora de construir estruturas de habitação localizadas, assim como quais seriam as melhores formas de habitar. Essas escolhas, a partir de um estudo consciente do lugar, configuram dinâmicas para o espaço habitado apropriadas e em harmonia com o meio que rodeia aqueles seres habitantes, assim como se torna possível prever movimentações naturais. Uma vida em harmonia com a natureza, talvez tenha muito mais a ver com movimento, flexibilidade e resiliência, do que com dominação, utilitarismo dos recursos naturais e aglomerados quase que exclusivamente humanos, que são os valores que regem a forma de viver nas cidade do progresso, desde a colonização, e mais expressivamente depois das revoluções industriais.

“O aspecto geral varia extraordinariamente, de modo que a cartografia dos canais é essencialmente instável. A terra é nova, ainda menina, incerta, revoltada, desordenada, em perene transformação” (OCTÁMO BRANDÃO, 1999, P. 48).

A origem de Maceió, carrega no nome a história da briga da terra contra a água: Maçai-o-g, “o que tapou o alagadiço”. O nome Maçai-o-g traduz uma ação, uma coisa em movimento. Essa briga está ainda em curso, é evidente, e denunciada pelos nomes dos lugares, desta vez em português, ainda que siga a lógica indígena na raiz: A Barra Nova, por exemplo, dá nome ao novo lugar onde a barra (ou foz) das lagoas Mundaú e Manguaba se localizam. A barra mudou de lugar, a foz das mesmas lagoas, que agora desagua em um novo lugar.

“Os homens de hoje ficaram sabendo, por intermédio de seus antepassados, que, uns três séculos atrás, a barra primitiva ficava no lugar que mais tarde se chamou Sete Coqueiros, no caminho de quem vai da praia do Sobral à praia do Pontal da Barra, em frente ao Trapiche (...) O nome Sete Coqueiros só é conhecido das pessoas mais antigas. As sete palmáceas que o originaram 4 do lado norte e 3 do lado sul, já desapareceram Marcavam uma entrada da praia ao Trapiche. Essa entrada ainda subsiste. Essa barra dos Sete Coqueiros era larga e enviesada. Ia obliquamente cortar o sangradouro da lagoa dos Patos, atualmente lagoa do Sabino, no caminho do Trapiche a Assembleia (...) Dos Sete Coqueiros, o oceano, auxiliado pelo vento, depois de fechar a barra, partiu e foi comunicar-se com os canais na parte setentrional da Massagueira, em frente ao lugar que, por isto, ficou chamando-se Barra Nova. Esta barra existia há mais e um século e funcionou durante longos anos. Depois, o oceano começou a fechá-la, para abrir uma nova, entre a atual e as últimas casas do lado sul do Ponta da Barra, mais perto desta povoação. Fez isto por tal forma que, entre 1840 e 1845, a barrada Barra Nova ficou completamente obstruída. O nome do Pontal, como o do Trapiche, tem o atributivo – da Barra, devido a que já houve, junto a eles, comunicação do oceano com os canais a 1ª, a dos Sete Coqueiros, a qual se lançava na atual lagoa do Sabino, portanto, junto ao Trapiche; e a 2ª, essa que acabo de mencionar.” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 96-97-98-99)

“Na região dos CANAIS e das LAGOAS, a terra é nova, revolta, em formação, em gestação. Vive entre incertezas, anseios vagos, desabrochamentos...” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 100)

O Trapiche, cuja barra primitiva ficava em frente, é um trapiche, ou um armazém, que servia de entreposto entre Alagoas (a antiga capital cabeça da província) e o porto de Jaraguá, quando Maceió ainda não existia enquanto unidade urbana. Esse trapiche era fundamental no caminho entre as lagoas e o porto de Jaraguá, que escoava açúcar e madeira para Portugal por naus maiores das que conseguiam subir lagoa acima para a antiga capital, e por isso, fundamental para a formação da cidade de Maceió.

Pela barra das Alagoas (...) entravam as pequenas embarcações capazes de navegar pelo pouco fundo da perigosa barra até os canais que levavam à cabeça da comarca, na qual as sumacas não podiam entrar e por isso ancoravam em Jaraguá. (CYNTHIA FORTES, 2023, p. 151)

Hoje, Trapiche da Barra, denomina a região onde isso acontecia, e a explicação geográfica da mudança das barras dá ainda mais sentido aos nomes de bairros que carregam “barras” consigo, ilustrando a briga da terra com a água em curso em Maceió, onde as lagoas encontram o mar. Maceió surge no meio da briga e carrega as marcas dela em sua história, cultura e lugares.

“As ilhas evoluem e não de evoluir por muitos anos mais, pois nessas paragens, tudo avança, exceto o homem que estacionou há muito. (...) Dentre elas, avultam a do Porto e a Santa Rita. A ilha do Porto (...) seu nome foi devido a Antônio do Porto, um contemporâneo da guerra holandesa. Nessa época, segundo o relatório de Johannes van Walbeek, quando a água da lagoa crescia, ela ficava submergida pela maior parte” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, P.59).

A terra se mexe, o espaço habitado vai se mexendo, se transformando, está em movimento, o mundo é movimento, a vida é movimento, logo, é importante perceber esse movimento, pensar sobre ele, nomeá-lo. Esse movimento da terra – e das águas - vai impactar a vida dos habitantes daquele lugar, portanto, conhecer as características e o movimento do lugar onde se habita é de fundamental importância. Esse tipo de conhecimento não é apenas importante, mas é também uma tecnologia de sobrevivência e vivência, de preservação do lugar onde se habita, de autoconhecimento, é uma declaração de amor à própria vida, uma celebração das raízes, da ancestralidade, do sagrado, da natureza. Entender o movimento, possibilita o entendimento de onde se pode interferir ou não, para manter o equilíbrio da natureza, é uma inteligência específica. Ao nomear os lugares pelos movimentos das forças da natureza que ali acontecem, essa informação é passada de forma cotidiana, insistente, abrindo janelas de oportunidade de discussão de diversos aspectos da vida material e espiritual. Nós, colonizados brasileiros, temos muita dificuldade de enxergar a potência das nossas heranças culturais. Fazemos pouco caso, desdenhamos, dizemos que não é ciência, que não tem valor. Não merecemos tamanho tesouro. Criamos com o espaço que habitamos, uma relação de dominação, de jogo de poder, ao invés de troca com o ambiente e criaturas que nos cercam. De tanto que renegamos esse conhecimento, estamos cometendo repetidamente os mesmo erros. No caso de Maceió, por exemplo, estamos habitando um espaço aquático, um solo mole, em mutação, da pior forma possível: tentando estabilizá-lo, aterrjá-lo à força, desequilibrando um movimento natural de tapagem desse solo mole, cheio de água.

“Isso nos indica, com os ‘braços’ e autênticas ‘levadas’ conhecidas na área de Ponta Grossa e imediações, que a formulação da restinga não extinguiu, de todo, as últimas comunicações da lagoa como o mar, cortando aquela. No entanto o trabalho de entulhamento de muitos desses, realizado pelos ventos construtores de nordeste, causara o aterramento de outros, além do que se associaram aos trabalhos feitos pelos homens nas gamboas.” (IVANF. LIMA, 2010, p. 192)

“As lagoas são ‘rias’, antes eram estuários que depois foram concomitantemente afogados, seus efeitos precisam ser mais analisados com técnica e instrumental especializados para uma ação humana da melhoria de suas condições naturais” (IVAF. LIMA, 2010, p. 246).

“A sedimentação das lagoas é natural, mas o processo está sendo coadjuvado pelo homem que deve sustá-la ou combatê-la para evitar sua transformação em um delta futuro, acabando o seu vasto alimento gratuito dos humildes” (IVANF. LIMA, 2010, p. 246).

Não vemos que estamos no meio da guerra da terra contra a água. E que não somos páreo para com essas duas deusas. Podemos, no entanto, e seria o mais sensato, observar atentamente, e ir nos adaptando às suas mudanças. Fluindo no movimento da vida, construindo estruturas flexíveis, menos fixas, como provavelmente faziam nossos antepassados e como fazem seus descendentes diretos até hoje apesar de todas as adversidades e violências sofridas.

Podemos dizer que o equilíbrio lagunar, com relação às águas que neste sistema flúvio-laguno-marinho circulam, indica o estado físico apropriado para o mesmo. Qualquer alteração que venha a sofrer, de modo acentuado, pode causar resultados desconhecidos no comportamento de todos para um desequilíbrio favorável ou prejudicial às necessidades e objetivos humanos. Por isso, achamos que iniciativas a serem tomadas nunca devem ser na abertura demasiada de outros canais (artificiais) ou grandes aterramentos de muitos deles. (IVANF. LIMA, 2010, p. 132)

Interessante e angustiante pensar que apesar de reconhecermos o impacto negativo da intervenção humana não especializada no ambiente (ou de ideologia utilitária e propositalmente destruidora), temos muita dificuldade de não repetir a história triste da colonização europeia. E que essa intervenção desequilibrante é muito prejudicial para a própria ocupação humana na área. A angústia só aumenta se visualizamos a possibilidade real de uma outra intervenção, que conserva o equilíbrio e flui junto com as transformações do meio.

formas urbanas alagadas

Apesar do processo natural e lento de aterramento das águas na região dos canais e lagoas, onde se encontra Maceió, houve (e há até hoje) um movimento intenso e proposital de tapagem dessas águas à força, motivada pela ideologia higienista urbano-industrial, vigente no final do século XIX e começo do XX no Brasil.

Foi comum (e ainda é, infelizmente) no país a retificação de riachos e rios presentes nas áreas urbanas, aterros e grandes obras de engenharia que tinham como objetivo “domar” a natureza, para transformar o ambiente urbano em um ambiente “mais saudável” para os seres humanos urbanizados. Maceió não fugiu a essa regra, que deixou marcas profundas na subjetividade da cidade.

A menção constante das águas e sua presença no imaginário maceioense surge como uma questão interessante, quando se reflete sobre a origem dessas menções, fruto do convívio com áreas alagadiças que dificultavam a mobilidade de pessoas e os transportes de cargas em geral, cheias, umidade, doenças, etc., e as compara com sua imagem contemporânea de “paraíso das águas”, do convívio com águas para o lazer, com um litoral lindíssimo e quase completamente acompanhado pela costa dos corais – um contínuo de arrecifes que vai de Maceió até Pernambuco, pelo litoral Norte, e que produz praias de mar calmo e protegido -, inúmeros riachos e lagoas paralelas ao mar, que proporcionam locais de banho agradáveis e seguros, com água doce e salgada no mesmo lugar, rios, bicas e as próprias lagoas Mundaú e Manguaba que contém inúmeros cantinhos paradisíacos perfeitos para um dia de lazer.

“Por toda parte os lugares tinham nome d’água traíndo as origens: Levada, Olho-d’água, Maçaió, Aterro de Jaraguá, Poço, Bebedouro, Cambona, Satuba, Mundaú-Mirim, Água Fria, Lamarão Alagoas.” (JORGE DELIMA, 1997, p. 35)

“Era como uma sombra entre as sombras, no silêncio da antemanhã – um silêncio de vento e água, na cidade que surgira dos maceiós, cheia de nomes de água: Levada, Trapiche da Barra, Ponta da Terra, Vergel do Lago, Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Bica da Pedra, Volta d’água.” (LÉDO IVQ, 2015, p. 157)

“O bonde roda para oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de que ele me vai levar ao meu município sertanejo. E nem percebo os casebres miseráveis que trepam o morro, à direita, **os palacetes que têm os pés na lama, junto ao mangue, à esquerda.** Quanto mais me aproximo de Bebedouro mais remoço. (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 12, grifo nosso)

“Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria **ruas cheias de lama**, entrava numa bodega, tentava conversar com os vagabundos, bebia aguardente. Os vagabundos não tinham confiança em mim” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 140, grifo nosso)”

“No crepúsculo da noite, as putas, cheirando a jasmim, se debruçavam pelas janelas das pensões da Rua da Lama” (LÉDDIVO, 2015, p. 186)

“A Maceió soberba, imperial e neoclássica de 1840 era agora uma cidade sem alegria, O 1º de abril tirou-lhe o sorriso. Não foi o compositor Ademar Paiva que a chamou de ‘cidade sorriso’? Rica e bela, Maceió esqueceu sua origem. Nascida à beira de um riacho que lhe deu o nome. Um nome indígena. Maçai-ó-k, o que quer dizer: ‘o que tapa o alagadiço’. As nascentes do riacho epônimo brotam nas rachaduras geológicas do Tabuleiro do Pinto, dois braços de águas correntes: o Pitanga e o Pau-d’ Arco. Carreira curta de riozinho, de apenas seis quilômetros, e acaba nos salgados marinhos” (DIRCEU LINDOSO, 2006, p. 26).

Esse imaginário, muito mais ligado à região das lagoas do que ao mar, surgiu em um passado relativamente recente, quando a cidade era cortada por diversos cursos d’água, o que impedia a comunicação, literalmente entre bairros, sendo esta, feita por canoas, pontes e etc. Maceió lidava ainda, com alagadiços e pântanos em volta desses cursos d’água, o que causava uma série de incômodos mais ou menos graves para o contexto de uma urbanização higienista.

A fisionomia da vila, no seu conjunto de ruelas tortuosas e habitações rústicas, com a mata à beira do casario, o pântano da Boca de Maceió e os mangues da lagoa, não seria de animar a um cortesão, mas não seria de scandalizar ao governador. Póvoas governara, anteriormente, a capitania do Rio Grande do Norte e, de certo, se afizera à rudeza da terra e dos homens. (CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 60)

No desenho inglês não há sinais das gameliras derrubadas na polêmica reforma de 1911, feita pelo Intendente Luiz Mascarenhas, alegando exterminar um foco de transmissores de doenças (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 51).

No início do século, os médicos consideravam o litoral uma região doentia e lá estava Jaraguá com suas febres palustres, intermitentes e biliares, erisipelas, defluxos coqueluches, e ainda tuberculose, varíola e beribéri. Tudo seria consequência dos pântanos que marcavam a paisagem tanto os naturais como os formados pelo escoamento das águas fluviais e esgotos, das casas sem fossa que lançavam fezes e urina nas sarjetas a céu aberto, situação agravada pelas enxurradas de inverno, inundando ruas, quintais e pátios, e que foi denunciada por Craveiro Costa na Parte XIII do “Indicador 1902” assim “Nada é mais prejudicial à existência da população do que o armazenamento de nossas excreções lançadas a armo no terreno”. Segundo ele, o ar era viciado, o solo poluído e a situação das sarjetas simplesmente imoral, podendo-se imaginar o que acontecia em Jaraguá portuário, região alagadiça por natureza. Muitas residências tinham seus poços de água de beber e cozinhar ao lado das fossas. Pela água ser

incolor, julgavam que era boa, mas “o seu uso lhe traz incômodos que são manifestos pela cor macilenta e doentia das pessoas”. Era preciso também combater as epidemias palustres através da secagem de todas as águas expostas. Cogitava-se de destruir os resíduos domésticos nas próprias casas, entregando depois à rede pública “um líquido quase puro de materiais orgânicos”, sendo este o “princípio mais simpático” que já era adotado nas cidades européias através de reservatórios sanitários hermeticamente fechados, um em cada residência, sendo as fossas consideradas “deletérias”, apesar de ainda estarem na moda; recomendava o Dr. Alfredo Rego, na parte V daquele Indicador de 1902, um serviço regular de esgotos, a remoção do lixo urbano. O saneamento da atmosfera através de praças arborizadas que seriam os pulmões da cidade, arborização, tratamento da água, motivo de contaminações. Por ineficiência da Companhia de Águas de Maceió que era “teimosa e acanhada de exigências de uma capital que progride a cada dia”. Havia clamor popular pela falta de água, numa rede com apenas 900 ligações, dois chafarizes e uma caixa de água, tudo entregue a mãos imperiais (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 69-70).

Em 1866 a rua da Bôca de Maceió recebera um melhoramento considerável, informa à Assembléia Provincial o presidente Esperidião Elói de Barros Pimentel. “A rua da Boca de Maceió – informa o presidente – era atravessada por uma espécie de levada, que muito a afeiava e dificultava a passagem de carros, não obstante a despesa que se fazia com a conservação de um pontilhão de madeira, que por seu estado de ruína não podia deixar de ser substituído por um novo. Mandei fazer em lugar deste pontilhão uma bomba de alvenaria, que, além da duração que promete, tornou o pavimento da rua unido em toda a sua largura, dando fácil saída às águas pluviais, que se estagnavam formando um pantano próximo quasi ao centro da cidade” (CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 169-170)

Depois de 1935 decresceu o número de casas construídas, é o que acentua o relatório de 1938 do engenheiro da Prefeitura, dr. Afonso Lira: “têm diminuído regressivamente as construções nesta Capital do ano de 1935 até a presente data”. Apona o ilustre técnico, como causas desse decréscimo, a falta d’água no Farol e a ausência de uma obra de saneamento – os mosquitos, as febres palustres, a inexistência de fossa, etc. (DIEGUES JÚNIOR, 1939. In CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 213)

A Boca de Maceió, um extenso alagadiço perto da praia, que abrigava a foz do riacho que deu nome à cidade, foi uma das principais áreas causadoras de incômodos à urbanidade da recém Maceió, posto que separava seu núcleo de povoamento mais populoso e antigo, de Jaraguá, o porto comercial que dava vida à Maceió do século XVII, como vê-se na figura abaixo, a planta de 1859 para o abastecimento de água para a cidade de Maceió.

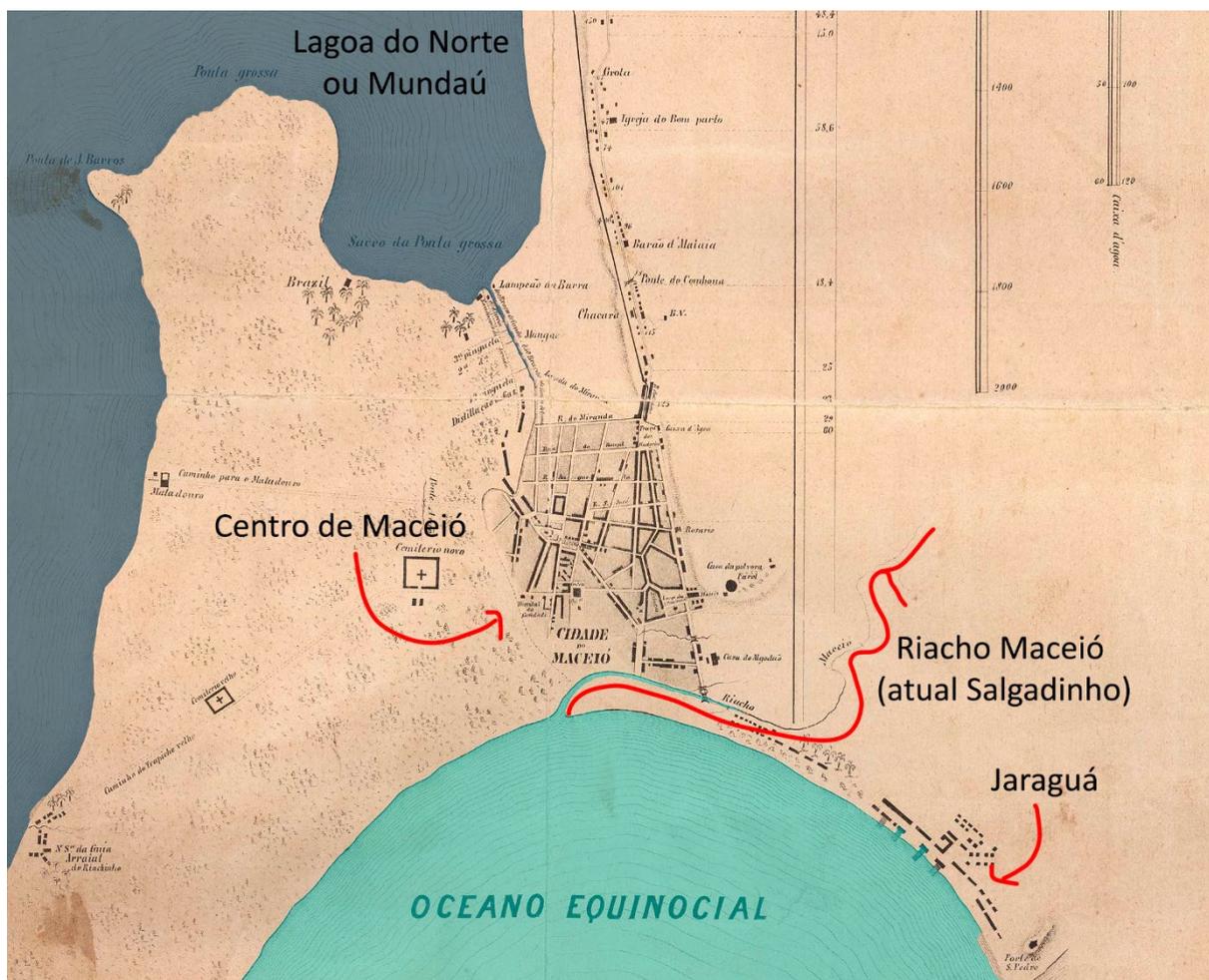


Figura 16 – Riacho Maceió separando centro e Jaraguá no séc. XIX. Base da Planta e nivelamento para o encanamento das águas do riacho bebedouro à cidade de Maceió, 1859 com alterações da autora. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176743/cart176743.jpg. Acesso em 06/03/2024.

O núcleo de povoação chamado de Maceió, hoje o centro da cidade, também era entrecortado por outro alagadiço, vindo da levada, em volta do canal de mesmo nome, que trazia em seu leito as águas da lagoa para dentro da cidade. A existência do Cotinguiba, outra localidade pantanosa no centro da cidade, nos ajuda a visualizar a quantidade de águas presentes em Maceió, e o caos que esse cenário deveria representar para a formação de uma cidade sob o pensamento higienista.

“O jovem Antônio Cotrim Soares me veio falar sob o coqueiral. A utopia da velha Maceió morria em suas mãos. O velho pântano do Cotinguiba ressurgia depois de aterrado pelo urbanismo do governador Euclides Malta, que embelezou Maceió, e sobre a lama do mangue construiu em linhas neoclássicas o grande teatro, que recebeu o nome de Deodoro, em homenagem ao proclamador da República, e a praça fronteira com o monumento ao

Proclamador e os conjuntos de estátuas de bronze representando cenas amazônicas: Índios, onças, jacarés” (DIRCEULINDOSO, 2006, p. 22).

As novas gerações não de se deleitar ao saberem que Pajuçara teria **uma ponte para ligar-se como Cais do Porto**. E que, em lugar dela, a região foi aterrada em prejuízo do fluxo das águas do mar provocando brutal assoreamento. Vai outrossim ficar sabendo que a orla marítima tinha três segmentos: o primeiro, que vinha de Pajuçara e terminava mais ou menos à altura do Museu da Imagem e do Som, mais apropriadamente conhecido como Ponta de Jaraguá; o segundo, que ia daí até o início da atual Avenida da Paz, e o terceiro, que constituía a Avenida da Paz com término onde hoje se situa a Praça Sinimbu, **onde existia uma ponte fazendo a ligação como centro da cidade**. (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 13, grifo nosso)

Os cordões paralelos de ‘cristas de praias’ e ‘barras arenosas’, aprisionando os braços de mar misturados com o do riacho, formavam extensos ‘alagados’. Havia uma sequência de uns três leitos de riachos modificados nos encharcados e manguezais, sob a influência das marés.” (IVAN F. LIMA, 2010, p. 192)

Constata-se ainda que a carga vinda do porto e destinada ao Centro passava pela Lagoa Maceió por embarcação apropriada (talvez uma balsa ou canoa grande), e daí prosseguia por uma ponte sobre a Lagoa D’Água Negra, depois da “Boca de Maceió (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 27).

Chegou (Mello Póvoas) num local à margem da Lagoa Maceió, que transpôs em alguns minutos em canoa ou batelão para a estiva na outra margem distante cinquenta ou sessenta braças. Era o sítio onde, vinte anos depois, cobravam-se quarenta réis por travessia em jangada, segundo Craveiro Costa. Em seguida, percorreu uma rua voltada para o sul, casas alinhadas umas pelas outras, da estiva até o córrego que chamavam de Lagoa D’Água Negra ou Lagoa Manoel Fernandes, também de Olho D’Água. Era a Boca de Maceió onde até há pouco estava o Arcebispado e onde ficam a Estação de Ferro e a 20ª CSM, antigamente Forte de São João, caminho natural entre Jaraguá e a Vila. Havia, naquele final de rua, uma ponte de madeira ligando o ancoradouro ao centro da Vila, onde despontavam edifícios maiores, uns de três ou quatro pisos, a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres, mais adiante, pela Rua do Rosário (depois do Sol), a Igreja Nova de Nossa Senhora do Rosário, ao lado da velha capelinha do mesmo nome a ser demolida, terminando num largo em frente da Igreja dos Martírios (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 31-32).

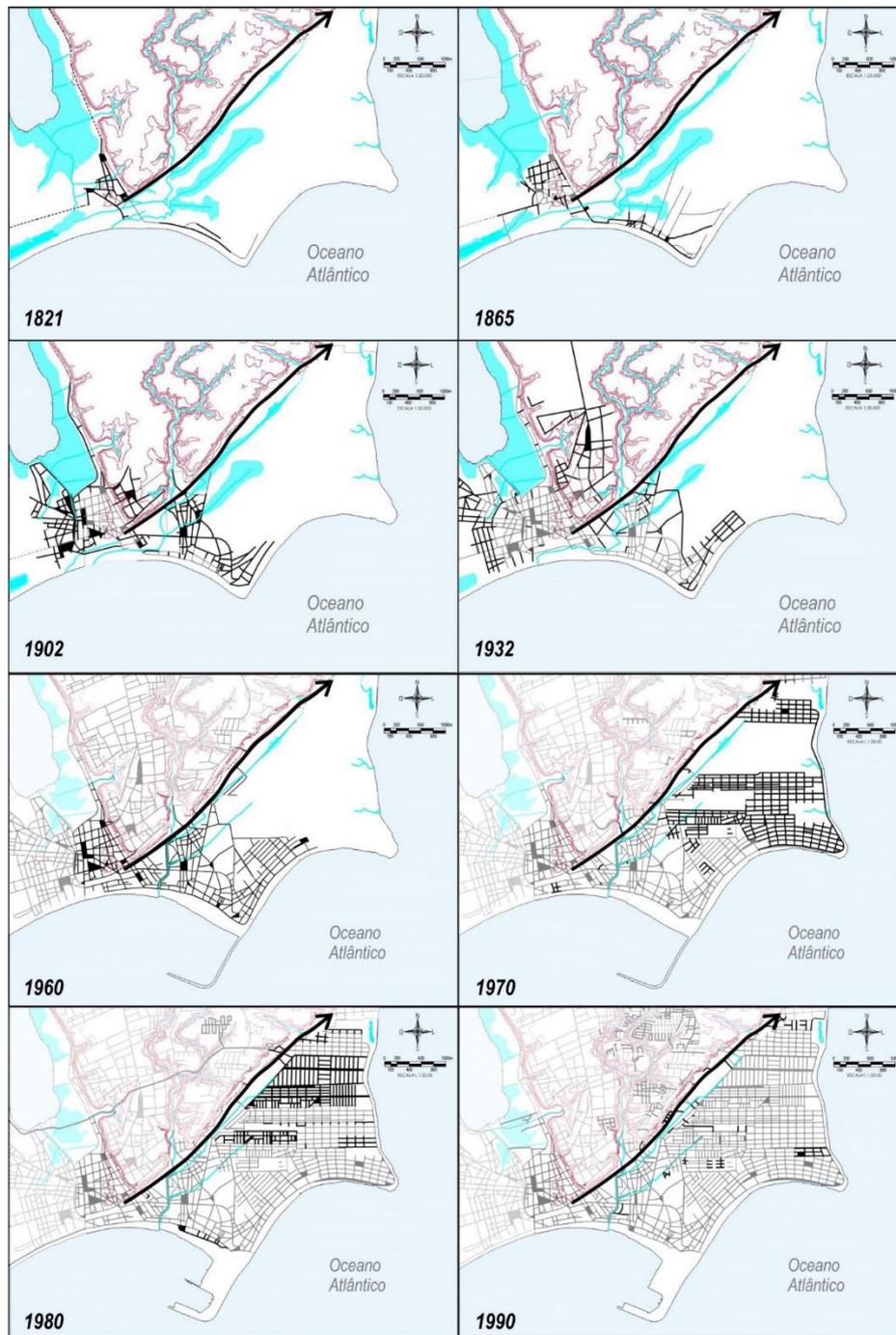


Figura 17 - Mapas da Evolução urbana da Planície Litorânea de Maceió. Fonte: MEP, 2017.

O mapa acima foi produzido pelo Núcleo de Estudo Morfologia dos Espaços Públicos – MEP, da Universidade Federal de Alagoas, e mostra o passar do tempo por meio da representação em mapas oficiais de Maceió, desde o Levantamento do Gov. Mélo Póvoas, em 1821 até a década de 1990. O compilado de mapas mostra a ampliação da malha urbana de uma parte da planície litorânea de Maceió e mostra também o paulatino aterramento das águas, que vão, a cada figura, desaparecendo ou sendo retificadas.

Em 1821 vê-se claramente os alagadiços, rios, riachos e lagoas mencionadas pelas dizibilidades fragmentadas acima. Como visto, a presença das águas e alagadiços era incompatível com a forma de ocupação urbana “civilizada” da época, e causava situações graves de condições de salubridade e impedimentos ou dificuldades de locomoção pelo território.

À medida que se foi construindo e expandindo a cidade, foram se fazendo cada vez mais urgentes as obras que pretendiam dignificar a vida urbana da população ao fazer sumir ou pelo menos “domar”, suas águas por meio de aterramentos, pontes, a construção de bombas e de um sistema de esgotamento sanitário e escoamento de águas pluviais. Essas obras, no entanto, foram feitas de forma morosa durante o período imperial, quando Maceió estava em franco crescimento econômico e populacional, mas o orçamento público estava vinculado ao Governo central do Império. Com a República, os governos locais ganharam maior autonomia e as obras de tapagem das águas e esgotos urbanos seguiram a todo vapor.

Na realidade a República, baseando-se no federalismo do estatuto de 24 de fevereiro, abriu novas possibilidades à vida municipal, que, até então, estivera dependendo dos governos provinciais, a cujos orçamentos se sujeitava. Os surtos progressistas da cidade, mesmo das capitais das províncias, dependiam exclusivamente da boa-vontade e do espírito construtivo dos presidentes. (DIEGUÉS JÚNIOR, 1939. In CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 199)

Começaram os trabalhos e realizações. Era preciso construir a cidade. Maceió cresceu desordenadamente, sem ritmo, sem método, sem estilo. A planta de Póvoas, de 1820, pretendia de um plano de urbanização, mas este não foi cumprido. Assim a cidade manteve sempre o seu aspecto defeituoso. Realmente a capital alagoana que o Império legara à República vinha já com os seus defeitos característicos da época colonial. Defeitos para aqueles que queriam tudo renovar e modernizar; era preciso acabar com as biqueiras, com as janelas xadrez, com as casas de taipa. Surgem assim novas edificações. (DIEGUÉS JÚNIOR, 1939. In CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 200)

“E conforme podemos deduzir da planta mandada levantar em 1820, pelo nosso primeiro presidente de Província: Sebastião de Melo e Póvoas – havia um alagadiço (a boca de Maceió) por onde ficam hoje as ruas Pedro Monteiro, Barão de Atalaia e outras do bairro do Poço, na área da praça 13 de Maio e adjacências, tudo obra do Reginaldo, que tentava, mais ao Sul, atingir o mar.” (IVANF. LIMA, 2010, p. 192)

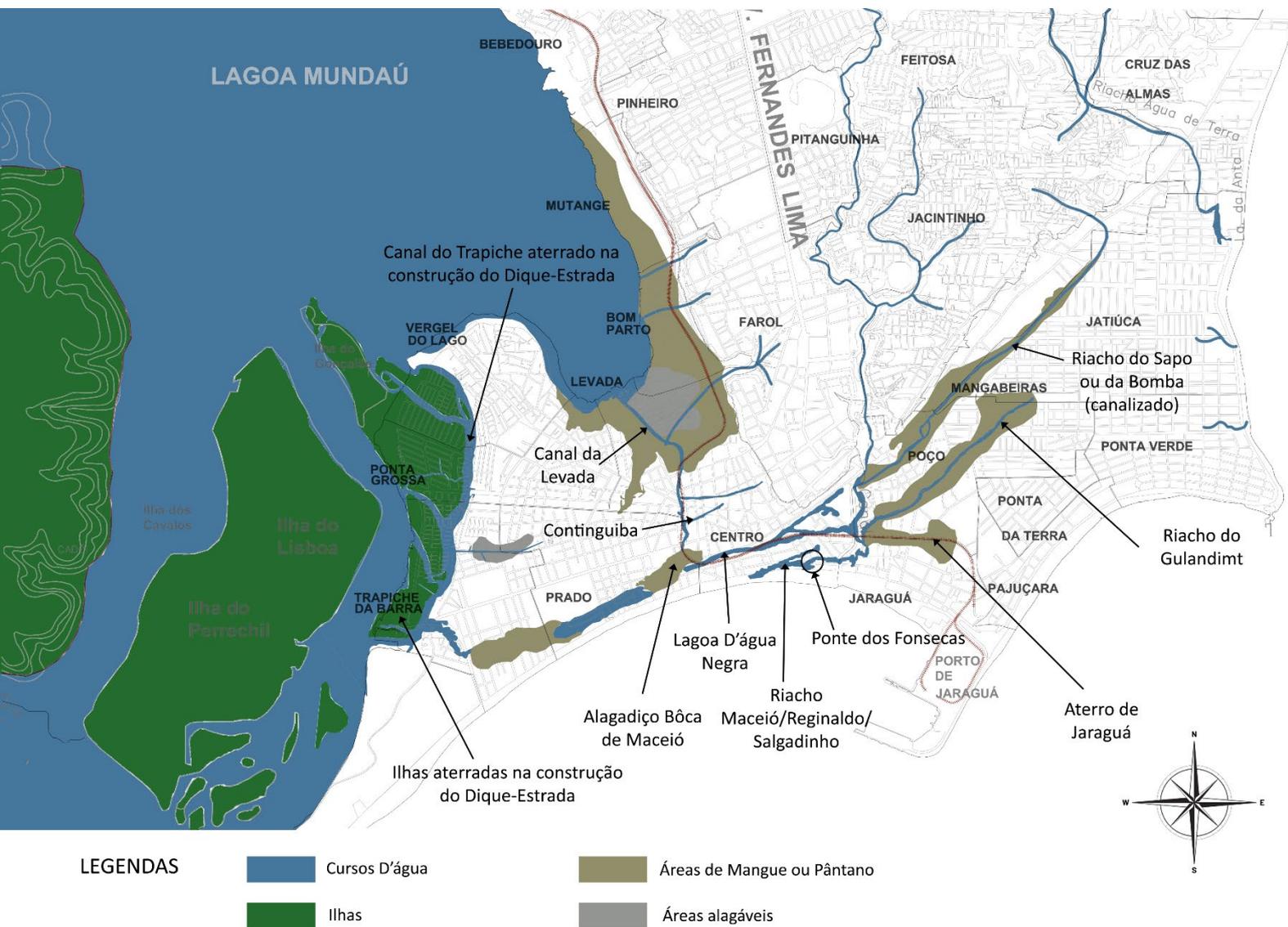


Figura 18 - Mapa esquemático visual das águas, alagadiços de Maceió. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió com alterações da autora.

“Encontramos assim, nestas imediações da Ponta Verde, a lagoa dos Peixinhos, hoje chamada do Justino, que deve ter sido o trecho isolado e separado do riacho da Bomba. Encontramos outra pequena e alongada lagoa, a do Teixeira, que nos sugere ter sido o antigo riacho Gulandim. A disposição que agora apresentam estes dois riachos é muito diferente da primitiva, quando, por certo tempo, atingiram o mar, atravessando a área em que se estende

o terraço da 'ponta dupla triangular'; estão dirigidos para sudoeste, e se tornaram afluentes do Reginaldo ou Salgadinho. A urbanização atual da Praia de Jatiúca deforma estas lagoas e riachos” (IVANF. LIMA, 2010, p. 187)

“Atualmente esta área (vale do Reginaldo em sua parte inferior, chamada de Salgadinho) está sendo aterrada e seus alagados destruídos, o leito se estreita e surgem novas residências.” (IVANF. LIMA, 2010, p. 187)

“As condições burguês-mercantis marcam, até hoje, a criação da vida urbana em Maceió, dando-lhe uma fisionomia própria entre tantas cidades brasileiras: um estilo de vida urbano requintado para o nosso século XIX, com palacetes, sobrados azulejados, jardins públicos de definição estética inconfundível, como foi o que se ergueu sobre o aterro do antigo manguezal do Cotinguiba, depois Praça Deodoro da Fonseca (...)” (DIRCEU LINDOSO, 2015, p. 67)

Bem mais tarde, o assoreamento da Pajuçara e de Jaraguá agravou-se pelo fechamento do canal que ligava as duas enseadas, no aterro para a construção do Cais do Porto, final da década dos anos trinta (1930), segundo opinião de Felix Lima Júnior em seu “Maceió de Outrora”. A lembrança do povo diz que o Interventor do Estado atendeu a uma solicitação da companhia construtora Geobra para substituir a ponte sobre aquele canal por um simples aterro, contrariando assim o fluxo das águas (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 40)

“À noite um carro buzinou à porta, e Marina saiu de casa, bem vestida como as senhoras do Aterro quando vão às festas da Associação Comercial. (...) Cinco dias seguidos a mesma cena se reproduziu. Marina atrasou a calçada como andar seguro das senhoras do Aterro, o peitilho engomado brilhou, o ar se encheu de uma estranha mistura de gasolina e perfumes.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 139)

Vê-se também que ambas as plantas (“Planta da Povoação de Jaraguá” de Carlos Mornay, 1841 e Planta de José da Silva Pinto, 1820) representam áreas alagadiças desde a Boca de Maceió (atual Barão de Anadia) até o início das instalações portuárias, daí o recente Aterro de Jaraguá que acabou com os pântanos, aplainou e modificou a paisagem da Avenida da Paz, disciplinou o Riacho Salgadinho (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 41).

O tão falado e pouco conhecido Aterro do Jaraguá foi feito por razões sanitárias e para promover acesso do porto até a cidade, facilitando a passagem das carroças e suas mercadorias. A obra não é vista do mar e abrangeu a área pantanosa por trás das casas da Avenida até as margens do Salgadinho, e o nome Avenida da Paz foi uma homenagem ao fim da Primeira Grande Guerra (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 53-54).



Figura 19 - Ponte de Desembarque de Jaraguá, s/d. Fonte: Misa (Museu da Imagem e do Som de Alagoas).

Entre a restinga, mangues e cursos d'água como riachos, lagoas e rios, a cidade foi se espalhando, ocupando, aterrando, invadindo. O modelo de ocupação humana que vemos hoje, se formou em cima, ou apesar das águas. Essa é uma evidência fácil de enxergar na planície litorânea até hoje, por meio das ruas de asfalto onduladas, que fazem saltar os corpos de dentro dos carros e ônibus. Pelos constantes alagamentos em lugares específicos, pelos estacionamentos completamente ondulados, pelas calçadas quebradas. A presença da natureza na vida urbana é gritante, e traz uma sensação de desordem pra cidade, que muitas vezes aparece nas dizibilidades como “terra sem lei”, “aqui nada dá certo”, “subdesenvolvimento”, “incivilidade”. E talvez seja isso mesmo, afinal, Maceió é uma cidade que luta para dominar suas paisagens naturais desde que os olhos do poder se voltaram para esse canto da terra.

Por outro lado, as formas urbanas alagadas de Maceió, ainda que muito presentes em um imaginário aquático, foram, como as águas, sumindo do espaço subjetivo urbano, de modo que as novas gerações (eu inclusa) não visualiza e nem sabe com profundidade a quantidade de água que habita – ainda que aterradas – o solo da capital alagoana. A impressão que dá é que ninguém sabe que a cidade

era cortada por água por todos os lados. Depois de tantas tapagens, a presença física das águas e alagadiços na vida cotidiana foi deixando de existir no campo prático, mesmo que os indícios de sua presença apareçam sempre que chove na capital alagoana, pois muitos pontos da cidade alagam rapidamente. Ainda assim, hoje essa não é mais uma questão consciente no imaginário aquático maceioense, que foi transferido, em grande escala, para a relação com o mar, e deste com o turismo e o lazer. As águas seguem tendo uma presença forte na subjetividade maceioense, mas agora de outro lugar, no campo do inconsciente, mais longe de uma vida prática nas águas, uma vida anfíbia, e mais perto de uma relação ligada ao lazer e deleite. O lazer está muito atrelado as águas, mas a vida mesmo, cotidiana, não é mais mediada pelas águas como antes. Maceió perdeu, na maior parte de seu território essa característica. Os processos de tapagem contínuos e a transferência de uma imaginário aquático lagunar para oceânico, deixou muitas marcas e se reflete no modo de viver a cidade atual por meio do “paraíso das águas”, o slogan criado com objetivos turísticos e absorvido pela população, que carrega em si, ainda a marca da anfibialidade, mesmo que impalpável. Vale ressaltar que uma parte da população, que vive nos bairros lagunares (área desvalorizada da cidade), ainda convive com alguns cursos d'água que cortavam a planície, que foram canalizados e viraram esgotos a céu aberto.



Figura 20 - Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: <https://www.cavalofilme.com.br/sobre>.

Figura 21 - Cena do filme Cavalo Cena do filme “Cavalo” de Werner Salles e Raphael Brabosa. Fonte: <https://www.cavalofilme.com.br/sobre>.

Ainda assim, as águas reclamam seu espaço de origem ao, por sua vez, tapar a cidade em alagamentos constantes, de maior ou menor grau, espalhados por toda a malha urbana ao menor sinal de chuva. A cidade central, que corresponde ao atual centro e a zona sul, para onde a cidade crescia em direção a lagoa, além da planície litorânea, onde ocorreram o maior número de tapagens, é onde estão o

maior volume de águas tapadas de Maceió, e ainda hoje, é a área mais afetada por alagamentos mais graves, principalmente os bairros lagunares, a cidade pobre. Essa cidade sofre com alagamentos pavorosos inclusive do Mercado Central da cidade – o Mercado da Produção -, a água toma de volta seus lugares de origem.

“Também temos a registrar a presença de ripple marks em alguns trechos, mas é, sobretudo, no limite da praia do Sobral que este fenômeno de ‘plissamento das areias’ se destaca, no local em que descem orientadas pelo antigo leito do Salgadinho, todas as águas que vem da parte baixa na rua Pedro Monteiro, Parque Rodolfo Lins e do riacho que corre por detrás da Faculdade de Medicina atual Centro de Ciências Biológicas da UFAL (brejo do Sobral) e demandam o mar. (...) Hoje está tudo alterado e na antiga foz do Salgadinho-Mundaú, no Sobral, construíram-se casas e edifícios” (IVANF. LIMA, 2010, p. 193, grifo nosso)

O estudo da terra nos mostra que ela tem memória. Justamente o brejo do Sobral, mencionado no fragmento acima, era o leito do Salgadinho que foi aterrado pelos homens, o das fotos (ver figura 22), que passava por trás do Théo Brandão (edificação do lado esquerdo, que hoje é o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore). Como se pôde ver por experiência própria, e de outras cidades em todo o mundo, não adianta aterrar, retificar ou alterar cursos d'água porque os leitos antigos ficam registrados na memória da terra, digamos assim. E quando chove, a água toma de volta o seu lugar, e tapa a cidade, não com terra, como fazemos, mas com água. E os alagamentos se dão, por vezes incômodos, outras vezes catastróficos.



Figura 22 - Riacho Maceió Salgadinho, no antigo leito. A ponte da foto destruída na cheia de 1924 e substituída pela Ponte do Fonseca. Fonte: História de Alagoas.

Até rios menores, sem o porte de um rio Branco, têm uma força mágica capaz de nos carregar. É fascinante pensar que o grande rio que dá nome à Bacia Amazônica nasce de um fiozinho de água lá nas cordilheiras dos Andes para formar aquele mundo aquático. Ele carrega muitos outros rios, mas também a água que a própria floresta dá para as nuvens, e que a chuva devolve para a terra, nesse ciclo maravilhoso em que as águas dos rios são as do céu, e as águas do céu são as do rio. (AILTON KRENAK, 2022, p. 09)

Conhecer os caminhos das águas e onde foram aterradas, ou alteradas de alguma forma é de fundamental importância para a construção de um plano diretor. Porque ignorar essas informações sobre a história da terra e das águas é justamente o que causa tanta inundação e catástrofes urbanas, “pois todos os nossos assentamentos humanos, na Europa, na Ásia, na África, por todos os lados, sempre foram atraídos pelos rios” (AILTON KRENAK, 2022, p. 07). Em “Futuro Ancestral”, Ailton Krenak, nos presenteia como uma visão de esperança em um futuro de crise climática, nos dizendo que o futuro é ancestral no sentido de um resgate enquanto humanidade, de tecnologias ancestrais de viver no planeta.

Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esses exercícios de escuta do que os cursos d'água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles. (AILTON KRENAK, 2022, p. 08)

O porto da Levada, cujo canal de mesmo nome levava as águas da Lagoa para dentro do centro da cidade, era uma importante ligação da urbe com as águas, uma constante na vida urbana cotidiana.

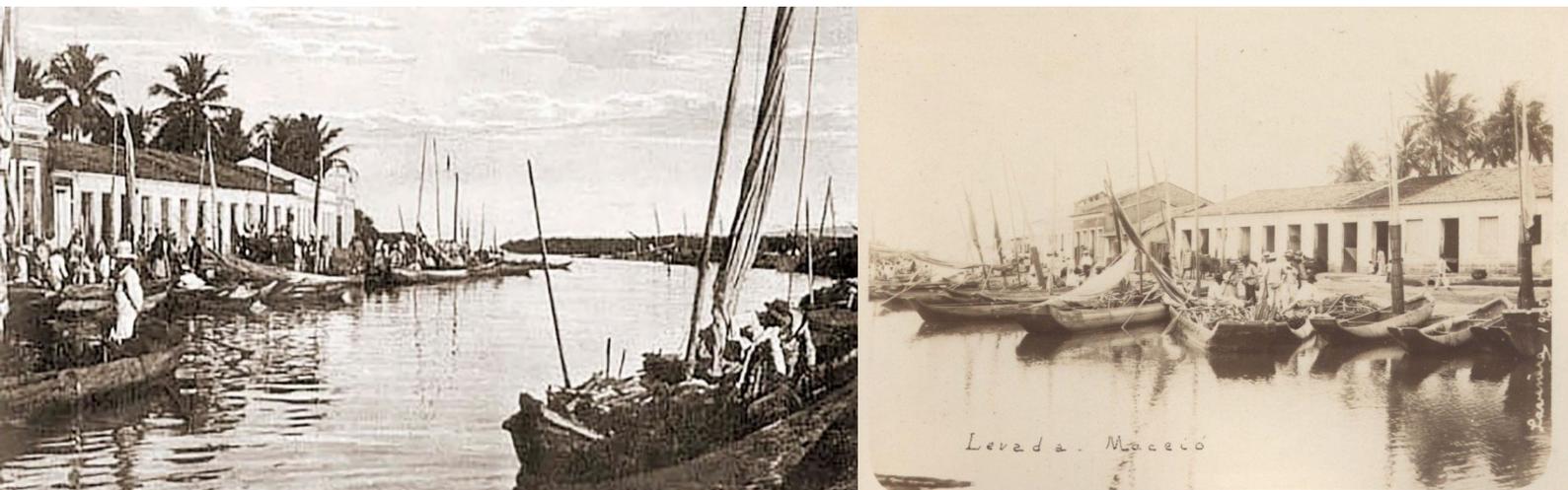


Figura 23 - Porto e canal da Levada, início do século XX. Fonte: História de Alagoas.

Figura 24 - Levada, Maceió, 1905. Foto: Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.

Parte da formação histórica geográfica da região dos canais e lagoas, o canal da Levada era um dos maiores canais dessa formação, atravessava a restinga procurando o mar por onde hoje se encontra o centro urbano de Maceió.

Não há mais de 150 anos, a barra era na Levada [se referia a saída da Lagoa Mundaú para o mar], cuja topografia ainda hoje apresenta uma depressão em direção ao mar; seguindo sempre para o sul, localizou-se [depois] perto do lugar onde existe o Trapiche da Barra, denominação que é uma verdadeira inscrição histórica, porque evoca o fato que se quer precisar; descendo sempre para o sul, a barra está hoje a cerca de seis quilômetros da antiga embocadura da Levada (Relatório de Governo de Costa Rego, 1926. In EDIBERTO TICIANELI, 2017).

O entreposto comercial que se deu neste lugar, fazia parte da rede de trocas que inseria Maceió na região dos canais e lagoas (veremos mais sobre isso em imaginários urbano-naturais-urbanos). A área seria conhecida por Largo do Cotinguiba, se estendendo de onde hoje é a Praça do Pirulito até próximo da Praça Deodoro (ver figura 18 – mapa esquemático visual das áreas alagadiças), um terreno alagadiço, fruto da mudança da foz da lagoa. Aqui, de novo, vemos a ação da memória da terra e das águas, que mesmo quando muda naturalmente seu percurso, leva ainda um tempo para se consolidar, deixando rastros que contam sua história. É preciso saber ler a história que a terra conta. O canal da Levada, no início do século XIX era navegável por canoas ou barcaças até onde hoje está localizado o Mercado da Produção, o principal centro de distribuição de alimentos de Maceió até hoje. O alagadiço que seria a continuidade do canal foi aterrado (EDIBERTO

TICIANELI, 2017), e é justamente nessa região que se dão ano após ano, alagamentos graves que dificultam e até impossibilitam o funcionamento do mercado, pois espalham doenças, devido às condições ruins de higiene em que o mercado se encontra funcionando, quando é varrido pelas águas da chuva que se acumulam facilmente na região alagadiça tapada.



Figura 25 - Horto Municipal e Porto da Levada, Maceió, s/d. Fonte: MARROQUIM, Adalberto. Terra das Alagoas. Maceió: Poder Legislativo do Estado de Alagoas, 2021. Edição original, 1922.

Figura 26 - Área aterrada com porto da Levada ao fundo. Fonte: História de Alagoas.

O Largo do Continguiba e suas adjacências também funcionava como destino das águas das chuvas que desciam pelas grotas nas barreiras do Jacutinga, atual Farol. Os mais antigos testemunham que no inverno a Rua do Livramento (que já foi em sua parte mais ao sul Rua do Cotinguiba) se transformava num verdadeiro córrego levando água barrenta para o Largo, que ficava alagado durante o período chuvoso. Parte dessa água era levada por um rego até o Riacho Maceió. A atual Rua Dias Cabral até 21 de julho de 1885 era conhecida como Rua do Reguinho devido a esta canalização. A mudança de denominação se deu dois dias após a morte do médico, jornalista e historiador João Francisco Dias Cabral. (EDIBERTO TICIANELI, 2017)

Segundo Ticianeli (2017), a ocupação em torno do porto da Levada foi acontecendo ao longo do tempo e as áreas que não eram alagáveis iam sendo mais valorizadas, de modo que em 1896 o bairro já teria 6 mil habitantes. Muitas obras foram sendo propostas desde a metade do século XIX para reparar a situação sanitária da área, na época muito malvista justamente por seus alagadiços naturais com adição de lixo e esgoto da urbanidade que foi ocupando a região ao longo do tempo.

Assim, em 1890 alguns aterros e investimentos em urbanização foram realizados na Levada, permitindo o surgimento da Praça da Intendência (área onde em meados do século XX foi construído o Mercado Público). “Foi construído um elegante e sólido pontilhão de alvenaria sobre o canal onde se depositam as águas pluviais que descem da cidade para a Levada”, informava o governador Pedro Paulino da Fonseca (EDIBERTO TICIANELI, 2017).

Como em outras cidade, os canais, riachos e mesmo rios de grande porte, foram canalizados e hoje são esgotos à céu aberto. Essa é a realidade atual do canal da Levada, cujo porto não existe mais, e é também a realidade de outros cursos d'água da região, como o canal das Águas Negras. Assim como acontecia no século XIX e XX, hoje, no século XXI, a região continua sendo vista como degradada pela presença de suas águas, ainda que tenham sido feitos sucessivos aterros, incluindo alguns de grande porte, como o Dique-Estrada (veremos em Maceió, cidade portuária), a região continua alagando ano após ano, lembrando a nós, “humanos urbanos” (AILTON KRENAK, 2022) que a terra e água têm memória e é viva.

Nossos parentes que vivem ali na fronteira do Peru com a Colômbia moram em aldeias flutuantes, construídas em plataformas sobre as águas. É uma gente que precisa da água viva, dos espíritos da água presentes, da poesia que ela proporciona à vida e, por isso, são chamados de povos das águas. A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer. No lago Titicaca tem um povo antiquíssimo que também vive em cima de plataformas, dentro da água. Ali, naquele espaço, todos nascem e morrem, criam pequenos animais, as crianças brincam. Vivem na e da água, essa potência de vida que vem sendo plasmada pela presença barulhenta dos humanos urbanos, que sempre querem mais e, se preciso for, constroem Belo Monte, Tucuruí, fazem barragens em tudo quanto é bacia para satisfazer a sede infinita de suas cidades, casa dos que já não sabem viver nas águas e nas florestas (AILTON KRENAK, 2022, p. 10)

Engraçado pensar que não somos mais povo anfíbio no sentido de a cidade não girar em torno da água, pois foi toda aterrada. Mas o lazer continua a girar em torno da água, rios, lagoas, riacho, mar. Então poderia se dizer que a confiabilidade do povo alagoano mudou, ela não vive mais no dia a dia da população em geral (só da população que ainda vive nos bairros que beiram a lagoa), não é preciso pegar barco ou canoa pra alcançar lugar algum da cidade. Curioso também pensar sobre como era de fato, viver de forma anfíbia, meio na água, meio na terra. Octávio Brandão já apontava as dualidades dessa vivência, a umidade que tomava conta

das casas causando doenças respiratórias, a presença contínua das febres palustres, criando imaginários fantásticos de maleita. Mas também, a relação mais próxima com a natureza impactando diretamente o ritmo de vida, uma vida cíclica, mais harmônica. Enfim, a ambiguidade de uma urbanidade mole, natural, urbano-natural-urbana.

Vê-se que foi construída entre 1820 e 1841 uma ponte sobre os alagadiços e a Lagoa Maceió ligando Jaraguá ao Centro, em torno do que é hoje a Praça Sinimbu. Esta ponte foi predecessora da Ponte dos Fonseca, uma obra em ferro reconstruída em alvenaria no Governo Costa Rego, ainda hoje existente, quase imperceptível ao homem pouco observador, porque por baixo dela, em vez de água do Riacho Salgadinho (antigo Massayô), existe areia de aterro. Sabe-se que a primitiva de ferro foi destruída pela tromba d'água da Sexta-feira Santa de 1924 e que a segunda veio em seu lugar pouco depois, ainda no Governo Costa Rego (JOSEF. MAYA PEDROSA, 1998, p. 41).



Figura 27 - Ponte dos Fonseca em alvenaria, fim do século XIX. Fonte: História de Alagoas.

Figura 28 - Ponte dos Fonseca em alvenaria, fim do século XIX. Fonte: História de Alagoas.

Foi, como vimos, a Ponte dos Fonseca que caiu nas enchentes da Semana Santa de 1924, aquela tromba d'água em que a Rua do Imperador tomou tanta água que as casas foram defendidas por sacos de areia. A ponte era de ferro como as do Recife, mas as águas arrancaram tudo trazendo para a cidade o grande drama da falta de ligação com o porto e o arrabalde da Pajuçara. O governo Costa Rego tentou um auxílio do Governo Federal (está no seu relatório de Governo) mas nada conseguiu. Fez a obra de reparação com o erário estadual, contratando o engenheiro francês Sigaud, exigindo, no contrato, que se construísse antes uma provisória de madeira. Mas o bonde, ao passar por ela tinha que se livrar dos passageiros, porque a obra balançava perigosamente nesses momentos. Foi quando, no velho hábito bem alagoano de criticar sem conhecimento de causa, um popular, ao ter que descer do bonde, chamou o Governador de ladrão, tendo quem o defendesse imediatamente afirmando que ele era honesto,

que houve concorrência pública e que o engenheiro contratado era competente, restando ao acusador rebater "... mas uma coisa está certa, ele não dá a ponte no prazo!" (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 59).

Os fragmentos acima mencionam grandes trombas d'água causadas por chuvas intensas que arrastaram em 1924 a primeira ponte dos Fonseca construída em ferro. Mas essas não foram as únicas vezes em que a força das águas se fez sentir em grandes catástrofes urbanas na Maceió do século XX. Houve também, em 1928 um temporal que causou destruição no porto antigo de Jaraguá, causando mortes e prejuízos comerciais e uma outra tromba d'água, em 1949 que destruiu, mais uma vez, a ponte sobre o riacho Salgadinho.

O riacho Salgadinho, que originalmente carregava o nome de Maceió, e do qual a cidade herdou o nome, tem nascente no Poço Azul, uma gruta nos tabuleiros, onde hoje fica o bairro Jardim Petrópolis, e desaguava na praia do Sobral, região conhecida na velha Maceió por Bôca de Maceió, já mencionada anteriormente. Segundo Ticianeli (2018), as águas do riacho, em períodos de seca, diminuía a ponto de sua barra fechar. Já nos períodos de chuva, inundações se faziam tão fortes que a Intendência mandava abrir o acesso do riacho ao mar, na mesma praia do Sobral. Ainda segundo Ticianeli (2018), o riacho passou a receber o nome de Salgadinho, depois de 1948, após a mudança de seu curso e canalização, "provavelmente por receber água do mar na maré cheia".

Considerado como o desaguador da principal bacia urbana da cidade de Maceió, o riacho percorre 17 bairros e passou a receber destes não mais somente as águas das chuvas, mas principalmente as águas provenientes dos vasos sanitários, chuveiros, lavatórios de banheiro, banheiras, tanques, máquinas de lavar roupas, pias de cozinha e lavagem de automóveis (EDIBERTO TICIANELI, 2018).

Durante o período de chuvas, o riacho canalizava muita água e provoca cheias e destruição por onde passava. Em 1924, no início de abril, as chuvas que já eram intensas, caíram em um volume muito acima do normal, causando destruição, arrancando pontes, e matando pelo menos três pessoas (TICIANELI, 2015). As águas destruíram seis imóveis nas proximidades da Ponte dos Fonseca, houve inúmeros desabamentos e centenas de famílias ficaram desabrigadas e muita gente ficou ferida, além de terem móveis e pertences de casas destruídas arrastados para o mar.

Os trilhos da Great Western entre Bebedouro e Jaraguá foram arrancados em diversos pontos. No bairro portuário, os armazéns das firmas Rosa Borges & Cia. e Carlos Lyra & Cia. também foram invadidos pelas águas, inutilizando parte das mercadorias ali estocada. A Ponte de Desembarque de Jaraguá foi atingida por ventos e ondas muito fortes e desabou (EDIBERTO TICIANELI, 2015).

A força da tromba d'água também danificou severamente a própria ponte dos Fonseca, obra construída em ferro em 1870, a deixando inutilizada para o trânsito de veículos. A ponte, também em ferro, da Great Western que ligava Jaraguá ao centro também foi arrastada, deixando os dois principais polos da cidade incomunicáveis, entre outras pontes levadas pelas águas.



Figura 29 - Ponte da Great Western sobre o Salgadinho após cheia de 1924. Fonte: História de Alagoas.

A partir de 1948 o então riacho Maceió teve seu curso canalizado e sua foz alterada, de modo a permitir a ampliação de áreas edificáveis para ocupação urbana. Essa alteração exigiu nova a construção de uma nova ponte, já que a dos Fonseca ficaria, portanto, inutilizada.

As principais consequências urbanas da retificação do curso do Riacho Salgadinho foram as seguintes: surgimento do prolongamento da Rua Silvério Jorge até a Praça Sinimbu; surgimento da Rua Arthur Jucá; prolongamento da Rua Barão de Anadia até a então Av. Duque de Caxias; prolongamento da Rua Dias Cabral até a continuação da Av. Duque de Caxias e o surgimento da Av. Humberto Mendes. A maior parte destas vias foi urbanizada pelo prefeito João Teixeira de Vasconcelos (EDIBERTO TICIANELI, 2019).

Já em maio de 1949, a recém-construída ponte foi completamente destruída por nova tromba d'água que voltou a acontecer no leito do mesmo riacho (EDIBERTO TICIANELI, 2019). Segundo TICIANELI (2015b), "as chuvas caíram por 70 horas ininterruptas até que, na madrugada da quinta-feira, 19 de maio, Maceió foi atingida por uma das suas maiores tragédias". A catástrofe não se restringiu a destruição da ponte, deixando dezenas de mortos e feridos e a cidade toda alagada. As principais mortes se deram pela queda das barreiras do tabuleiro, que arrastavam casas e moradores soterrando quem estivesse pelo caminho. Vale ressaltar que esse mesmo

tipo de problema segue acontecendo até hoje, visto que há sempre ocupação dessas barreiras para fins de habitação pelos mais pobres que ocupam áreas de risco por não conseguirem acessar áreas de solo mais estáveis. Vale também ressaltar que esse fenômeno acontece em várias cidades brasileiras, principalmente capitais.



Figura 30 - Ponte sobre o Salgadoinho destruída pela tromba d'água de 1949. Fonte: História de Alagoas.

Vários bairros da capital estavam inundados e barreiras deslizavam em toda a parte deixando famílias inteiras soterradas. Mangabeiras, Cambona, Mutange, Bebedouro, Fernão Velho e o Centro, na Rua do Sol e Barão de Atalaia, foram atingidos por deslizamentos, provocando mortes, feridos e desabrigados. (...) Na região sul de Maceió, as águas da Lagoa Mundaú invadiram o Pontal da Barra, Trapiche, Ponta Grossa, Vergel do Lago e Levada. O Mercado foi totalmente inundado. Em Bebedouro, a situação foi a mesma, com a parte baixa do bairro ficando embaixo d'água. Na Praça Pingo d'Água, no bairro do Trapiche da Barra, o altar original em madeira da Igreja de Nossa Senhora da Guia foi destruído pela força das águas. Nas ladeiras dos Martírios e da Catedral, o volume de água que descia do Farol era assustador. A igreja de Santa Rita, no Farol, também foi atingida e desabou. Com os bondes e trens impedidos de circular por conta das vias férreas destruídas ou soterradas, Maceió ficou sem transportes por vários dias. Em alguns bairros era possível ver

canoas e jangadas transportando pessoas e mercadorias. O farol da capital, que ficava no Alto do Jacutinga onde hoje está o prédio do CREA-AL, também foi atingido pela queda da barreira da Rua Barão de Atalaia. O material retirado da sua base deixou a construção instável, provocando a sua desativação em 1951 e a sua demolição em 1955 (EDIBERTO TICIANELI, 2015b)



Figura 31 - Rua Barão de Atalaia após desabamento da barreira, em 1949. Fonte: História de Alagoas.

Houve ainda, em 1928, apenas quatro anos após a primeira cheia de 1924, um temporal que atingiu gravemente o antigo porto de Jaraguá que ficava na enseada de mesmo nome. “Considerada como uma das mais violentas tempestades do mar da história da cidade, provocou o naufrágio de quase todas as embarcações fundeadas no porto de Jaraguá e danos em vários prédios da capital, principalmente aos próximos ao litoral” (EDIBERTO TICIANELI, 2022). A tempestade ainda deixou cerca de quatro vítimas, desses apenas um foi encontrando, ficando os outros três desaparecidos (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998).

O mar foi classificado de “Monstro Verde” e a culpa pelo desastre parecia ser do governo que não construía ainda o porto para abrigar a enseada das violências da natureza, tudo por causa das disputas de prestígio e poder entre Alagoas e Pernambuco, este interessado em

que nossos produtos do norte do Estado por lá escoassem (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 117)

Como vimos, a convivência urbana com as águas é questão complexa de resolver, visto as inúmeras tentativas da ideologia vigente na época de solucionar os problemas urbanos que as águas causavam ao cotidiano dos moradores das cidades. Ainda hoje essa questão não foi solucionada, e segue conflituosa. Como criar cidades seguras para os seres humanos segundo a lógica ocidental europeia? Podemos pensar em estudos de observação, a partir do estudo histórico do movimento e comportamento das água quando chove, por onde elas correm, onde ficam estagnadas. Podemos estudar as correntes marítimas para evitar o assoreamento ou o avanço do mar. Seguir um planejamento urbano intencionado a respeitar e observar o caminho natural das águas e suas margens de inundação. Ainda assim, não se sabe se somente esse planejamento urbano intencional seria suficiente para dar conta de resolver os problemas sociais e materiais criados pela lógica capitalista que rege as cidades ocidentais contemporâneas. Pois como afirma Ailton Krenak (2022, p. 14),

O que estamos fazendo ao sujar as águas que existem há 2 bilhões de anos é acabar com a nossa própria existência. Elas vão continuar existindo aqui na biosfera e, lentamente, vão se regenerar, pois os rios têm esse dom. Nós é que temos uma duração tão efêmera que vamos acabar secos, inimigos da água, embora tenhamos aprendido que 70% de nosso corpo é formado por água (...) por isso eu digo: respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos.

"1964. Eram os idos de março. Tempos ásperos. Maceió, cercada na pobreza das lagoas, e o basto coqueiral das praias. Maceió cismática. Soldados nos quartéis poliam as baionetas, as pistolas preparadas para o crime. Maceió sob o medo. Uma cidade encantadora, e batida dos ventos do mar. O Pontal era a restinga que se estendia, carregada de dunas de areias brancas. De um lado o cemitério marinho, os defuntos enterrados nas areias de sal. De outro, o campo de tiro do exército, com suas dunas e seus alvos fixos. O Sobral, bairro de pobreza, chão de barro e areia, onde ciscavam as galinhas e meninos brincavam à beira dos charcos. De noite, no silêncio da lua, soavam os tambores e os cantos aos orixás. Maceió angustiada. Fuzis ensarilhados nos pátios dos quartéis. A traição se armando no escuro. Um crime estava para acontecer. Um crime hediondo tramado na penumbra. "Uma úmida maresia vinha do mar, espalhava-se sobre as dunas, perdia-se entre ilhas e manguezais. A cidade noturna e seus

becos. Maceió das águas salgadas e dos ventos. Das bravas trombas-d' águas de março" (DIRCEU LINDOSO, 2006, p. 21).



Figura 32 - Escadarias da Praça Sinimbu para o Riacho Maceió em seu leito original. Fonte: História de Alagoas.

Maceió, cidade portuária

A transformação física do ambiente que hoje é cidade e as consequências da presença dessas águas criaram um modo de viver em volta delas, uma forma de habitar. A grande pergunta desse tema seria "até onde vão as consequências dessa 'marca' deixada pela presença das águas na sociabilidade e no modo de vida urbano maceioense? Como era esse modo de viver que se criou "em volta das águas" e o que restou dele hoje em dia, visto que o ambiente físico mudou, tanto naturalmente quanto artificialmente?

"Os antigos cronistas maceioenses eram velhos alcoviteiros da cidade. Queriam-na como se querem as mulheres moças e bonitas. Conheci um sujeito que tinha uma frase lapidar: as cidades são mulheres impúberes. Será que se podia aplicar o dito a Maceió? O velho Craveiro Costa, que era o cronista-mor da cidade, viu-a nascer 'espúria... no pátio de um engenho colonial, sem ascendência conhecida e assentamento autorizado'. Queria dizer o gaúcho, que Craveiro Costa nunca deixou de ser, que Maceió nascera sem nobreza. Mas sempre foi, e é, uma cidade de

mercadores. E de um mercador não se pode exigir as ascendências. É uma cidade filha de bons mascates. Prefiro imaginar Maceió filha do coito de um engenho velho com um maçaió marinho. O holandês Bartéus alcaguetou, nos meados do século XVI, que onde é hoje Maceió, era no seu tempo um deserto arenoso, uma restinga. Cercada de pântanos marinhos. O reino dos mosquitos. Ainda sem o cocal da Pajuçara e do Sobral. Um riachinho corria tranquilo. Pois mataram esse riacho tranquilo, aterraram as águas, e sobre ele criaram Maceió. A cidade nasceu de um crime. Um crime ecológico" (DIRCEU LINDOSO, 2006, p. 24-25).

A tradição historiográfica alagoana aponta o nascimento de Maceió a partir de um engenho-de-açúcar quase que unanimemente. "Nasceu espúria a cidade, no pátio de um engenho colonial, sem ascendência conhecida e assentamento autorizado nas crônicas do período histórico da luta pelo domínio do gentio e conquista da terra." (CRAVEIRO COSTA, 1981, p. 01). Apesar disso, Raquel Rocha Barros (2018, p. 85) , em sua tese chama atenção para uma outra versão desse surgimento: "Apesar da quase unanimidade que goza a versão (do engenho) entre os pesquisadores locais, o fato é contestado pelo historiador Moacir Sant'Ana, que defende o surgimento da cidade a partir de um núcleo de pescadores". Em sua tese de doutorado, Cynthia Fortes (2023), traz para a discussão das origens urbanas de Maceió, elementos novos que contrapõe a teoria defendida pela historiografia tradicional, e corrobora em certa medida com a menção feita por Moacir Sant'Ana.

Segundo a autora, a unidade urbana que mais tarde ganharia o nome de Maceió, teria se formado a partir da força das atividades portuárias de Jaraguá, grande exportador das madeiras de lei das férteis matas alagoanas durante o século XVIII. Cynthia Fortes (2023) chama atenção para a história da formação colonial do núcleo urbano que deu origem à atual capital alagoana. Baseada em documentações portuguesas do século XVIII, a autora constrói a tese onde, pelo menos durante o século XVIII, Maceió, era um tímido povoado formado a partir de três localidades principais - Massayó, Poço e Jaraguá – ainda profundamente dependente das dinâmicas da região lagunar, onde estava situada a cabeça da comarca, a vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, decretada sede em 9 de outubro de 1706.

"Já no início da segunda metade do século XVIII, portanto, Jaraguá era um pequeno povoado que vivia do comércio marítimo. Seu crescimento, todavia, deve ter apenas ocorrido a partir de fins do século XVIII, quando a Coroa (portuguesa) passa a utilizá-lo de forma

mais permanente pelo incremento da produção madeireira e pela prática do transporte direto para Portugal. Foi nesse período que Jaraguá passou a desempenhar efetivamente o papel de porto do mar de Alagoas, destino da produção açucareira da fértil região lagunar, conforme o documento de 1774.” (CYNTHIA FORTES, 2023, P.124)

Segundo a autora, o porto de Jaraguá, exportador de madeiras nobres que iriam construir peças importantes dos navios de guerra portugueses, começa a ganhar destaque no comércio marítimo, e, disputando espaço de poder com a já estabelecida capital Alagoas do Sul - hoje cidade de Marechal Deodoro -, vai ganhando cada vez mais importância para a coroa portuguesa em função dessa exploração madeireira especializada. É possível que essa dinâmica portuária tenha gerado, a partir da segunda metade do século XVIII, o estabelecimento de uma população, comércio e subsistência entre os 3 núcleos de povoamento, que deu origem à cidade de Maceió – Jaraguá, Maceió e Poço. Outros intelectuais, como Dirceu Lindoso (2005), já tinham atentado para uma possível origem outra de Maceió, senão aquela ligada profundamente ao açúcar, defendendo que o povoado teria sido resultado direto das **rotas de escoamento** dos produtos de exportação, ou seja, o açúcar e a madeira. Essa afirmação reforça as conclusões da tese de Cynthia Fortes.

Foi como caminho de exportação de açúcar e madeira dos vales palmarinos que Maceió guardou a importância de chegar em 1839, a capital. O fato de um casario em pátio de engenho não dá a Maceió a importância que alcançou como sede de poder e ponto de contato comercial (DIRCEU LINDOSO, a utopia armada, p. 37).

“Algumas coisas vão ficando claras na obra: por exemplo, a imensa participação da burguesia nascente, com seu faro para o desenvolvimento, na edificação do bairro (de Jaraguá), da vila e, claro, depois, da cidade. A ideologia historiográfica de dominação, do processo colonizatório, também vai ficando bem definida, baseada em três componentes fundamentais: a defesa, a exploração econômica, e a atividade religiosa, interligadas, indissolúveis, uma trindade da Coroa Portuguesa. (JOSÉ F. MAYA FREIRE, 1998, p. 14)

A historiografia tradicional alagoana, ao contar a história da transferência da capital de Alagoas para Maceió, em 1839, costuma deixar um vácuo sobre como Maceió ganhou importância suficiente para disputar o posto com a antiga cabeça da comarca. A relevância do porto de Jaraguá é mencionada, mas se faz uma

alusão às melhores condições que este dava enquanto ancoradouro, comparado ao porto dos franceses, como se isso bastasse para que a sede do poder local mudasse de localidade. Me parece que a valorização de certas coisas não acontece tão somente porque elas são melhores em relação às outras – inclusive, às vezes nem são. A valorização de algo acontece, em geral, principalmente porque o poder em vigor decide que algo tem valor para si, e, conseqüentemente, aquilo passa a ser valorizado perante a todos sob a influência daquele poder. Me parece que foi o que aconteceu com Jaraguá, que sempre foi um porto natural melhor que o do Francês, e seria mais lógico escoar o açúcar produzido nos vales do Mundaú, por ele. Mas foi só a partir do momento em que a coroa portuguesa decidiu que a madeira alagoana tinha valor para seus próprios interesses, é que Jaraguá começa a ganhar notoriedade, e passa paulatinamente a escoar, além da madeira, o açúcar também. As madeiras tinham tanta importância em um certo momento para o poder central, a coroa Portuguesa, que mais tarde, Maceió toma o status de sede do governo local da antiga vila de Alagoas, legando a antiga capital, Alagoas do Sul, uma decadência triste de ver.

Foi preciso que o poder central, acima do local, valorizasse Jaraguá, para que a atual capital alagoana ganhasse corpo e florescesse. Isso nos leva a reflexão de que poderia ser outra cidade qualquer, por outro motivo qualquer. Poderia ainda ser Marechal Deodoro, a capital alagoana, visto que, mesmo não sendo litorânea, a velha Alagoas do Sul se localiza relativamente próxima do mar, e ainda conta com as lagoas e os canais para o transporte e mobilidade. As potências que Maceió possuía foram valorizadas em detrimento da idade e consolidação da cidade de Alagoas, sob o ponto de vista daquele momento histórico, que buscava facilidade de escoamento dos produtos da colônia para Portugal, principalmente. A velha capital, foi fundada sob uma outra perspectiva, em outro momento histórico, cujo objetivo principal era a defesa e a ocupação do território colonial conquistado. Assim como outras cidades coloniais, fundadas ainda no final do século XVI ou começo do XVII, o lugar escolhido era alto e relativamente protegido de ataques vindos do além-mar.

Durante a estada prolongada em Maceió, o presidente Mello e Póvoas examinou, não apenas as possibilidades econômicas, mas também, as condições de defesa militar, resultando por oficializar em 3 de fevereiro de 1819, a sua decisão de transferir para Maceió a Junta Real da Fazenda e outras repartições complementares à estrutura

fiscal como, a Casa da Arrecadação e a Inspeção do Açúcar e Algodão (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 31)

Sem negar as vantagens concretas sob o ponto de vista da exportação e importação de Jaraguá sobre o Francês, observadas pelo Ouvidor Antônio Batalha, em 1815, e depois por Mello e Póvoas, presidente da província, em 1818, talvez se não existisse a força de exportação madeireira, que deu origem ao núcleo comercial em Jaraguá, Marechal seria ainda a capital de Alagoas. Mesmo longe do porto marítimo, outro destino poderiam ter tido as obras que transformaram Maceió em vila, e em sede da capitania e depois do Estado.

As coisas que são reconhecidas como boas, não o são porque são simplesmente boas. As coisas reconhecidas como boas, o são, porque o poder que age sobre elas, definiu que elas são boas, de acordo com seus próprios interesses. E aí elas passam a ser. Tudo tem contexto, tudo tem política. Como diria Dirceu Lindoso (2019, p. 53), "a história da conquista, ocupação e colonização da Alagoas Boreal é parte da história da expansão mercantilista europeia". A invenção da excelência do porto de Jaraguá sobre o porto dos Franceses, como motivadora da mudança da capital da antiga vila de Alagoas para Maceió é muito presente na historiografia alagoana, o que demonstra a força de reprodução dessa afirmação.

Assim, a cultura urbana burguês-mercantil surgiu, nas condições específicas de Maceió, como resultado da acumulação do capital mercantil, procedente do comércio marítimo e da agiotagem dos mascates. Essas condições de urbanização que Maceió oferecia, acrescidas à **excelência de seu porto natural, favoreceram o avanço do capital mercantil urbano sobre propriedades e imóveis rurais**. Os senhores endividados na agiotagem maceioense entregavam em garantia aos agiotas seus engenhos, suas terras de cultura, suas matas e, frequentemente, suas filhas e parentes para o casamento com os mascates gananciosos, da irônica acusação do historiador Craveiro Costas. (DIRCEU LINDOSO, 2015, p. 65, grifo nosso)

Decorria o crescimento da vida urbana de Maceió, em parte, do inadimplemento dos senhores de engenho em seus empréstimos aos agiotas da nova capital. Em parte, da intensificação do comércio marítimo. As alianças matrimoniais entre os *mascates gananciosos* da capital e a nobreza territorial falida ou em via de falência foram o caminho encontrado para a nobilitação do mascate e a salvação financeira da nobreza rural. No interior dessa aliança, os mascates

mantinham a hegemonia do estilo de vida urbana e do capital mercantil, e a velha nobreza rural sustentava, sob a custódia da burguesia mercantil urbana, a representação do poder político na Província. Os ciclos históricos dessas transferências de bens econômicos, das condições do poder e das alianças matrimoniais, determinaram a formação da vida urbana em Maceió. (DIRCEU LINDOSO, 2015, p. 65-66)

Como acontece uma formação urbana a partir do comércio mercantil, a partir de um porto exportador? O fragmento acima não dá conta de explicar como era a dinâmica inicial de formação da malha urbana. Essa cidade em desenvolvimento explanada por Dirceu, é uma cidade já formada, já capital, ou em ascensão, já com poder econômico em formação. Esse processo se dá depois de um outro processo, o de formação urbana inicial. Como se deu a transformação de um povoado portuário, cujas "condições de urbanização" eram questionáveis - devido às suas formas urbanas alagadas - em capital da província e depois do Estado? Essa força propulsora de formação urbana inicial não se deu pela relação de co-dependência dos mascates com os senhores de engenhos, mas pela valorização do poder maior, a coroa portuguesa, sobre as madeiras das matas alagoanas e sobre o porto do Jaraguá como escoador mais fácil e barato, portanto, mais prático para o interesse de Portugal. Ou seja, pelo comércio de exportação de produtos. É esse ponto da história, e para trás que vem sendo investigado mais profundamente recentemente por autoras e autores da nova geração de intelectuais alagoanos, seguindo rastros deixados por autores mais antigos como Ivan Fernandes Lima, que aponta abaixo para o "nascimento" de Maceió a partir de uma colônia de pescadores, e não do engenho Massayó, além de outros, como Moacir Santana e até o próprio Dirceu Lindoso.

"O terraço de Maceió também designado por: terraço do centro de Maceió, atualmente, acha-se no meio da cidade. No passado, quando se deu a formação do aglomerado primitivo de pescadores, **que foi a origem da cidade**, ficava no seu lado nordeste; pois, à medida que foi crescendo, ocupou a restinga, na direção de sudoeste e a praia-terraço Avenida-Jaraguá, a leste. Muito tempo depois deu-se o povoamento maciço do topo do tabuleiro, Alto do Jacutinga, por isso, denominamo-lo de terraço do 'centro'." (IVAN F. LIMA, 2010, p. 131, grifo nosso)

A força propulsora da aglomeração cada vez maior de pessoas em alguma localidade implanta marcas originais nas dinâmicas de funcionamento do lugar. Um aglomerado agrário carrega marcas diferentes de um aglomerado portuário. Essas marcas se traduzem, com o tempo em modos de viver, de agir, de pensar e de fazer, que vão se estabelecendo na subjetividade das pessoas que fazem o lugar, portanto, dos lugares. É inegável que Jaraguá, bairro importante e histórico de Maceió carrega marcas de uma vida portuária. Mas será que essas marcas são também formadoras das dinâmicas maceioenses no geral? Ou essas marcas se foram junto com tempos agitados de altas taxas de exportação de produtos?

A Velha Vila (Alagoas do Sul) que presidira a formação geográfica do território alagoano, sentiu profundamente o repúdio das suas condições topográficas para sede das repartições fiscais que lhe roubaram a hegemonia em proveito de uma **localidade espúria, sem tradições históricas**, constituída por mascates gananciosos (Maceió) (VALENTE, 1952 in JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 34, grifo nosso).

Devido à quase inalterabilidade do traçado urbanístico, definido durante o período de colonização, a população usufrui um convívio marcado por “cantos” que mantêm fortes cargas míticas e emocionais. Afinal, são as mesmas esquinas, velhas árvores, os grandes pontos de comércio e os largos das igrejas, tendo estes últimos, demonstrado contar bastante, sobretudo na sensação de pertinência ao ‘Lugar’ Marechal Deodoro (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 71)

O tempo exerce um peso sobre os assentamentos humanos. Um peso intangível, que sustenta o que se convencionou chamar popularmente de tradição. Mas sob a cosmovisão capitalista, até o tempo é submetido ao dinheiro, e não consegue por si só, sustentar o poder que naturalmente lhe seria atribuído. Inseridas no mesmo contexto ambiental, como Disse Dirceu Lindoso (2019), com “os pés fincados na cultura lagunar”, Maceió e a Velha Vila de Alagoas do Sul compartilham muitos aspectos do imaginário aquático próprio da região e Maceió ainda herdou de Alagoas do Sul muitas das dinâmicas que constituíram o que estamos chamando aqui de imaginários urbano-naturais-urbanizados.

As marcas desses imaginários podem ser percebidos ainda hoje refletidos na dinâmica urbana maceioense atual, como também por toda a literatura da qual partiu esta dissertação, em suas várias formas: romance, poesia popular, escrita acadêmica, etnografias, relatos de viagem, entre outros. É o que Octávio Brandão

chamou de “cultura anfíbia” em 1917, lá no início do século XX. Ainda na metade do século XVIII, Maceió não era nem vila, estava dividida entre os três núcleos de povoação de sua origem. Massayó ainda era o nome do riacho que nasce no Poço Azul e ia desaguar na praia do Sobral. A cidade vem florescer de fato, juntar os membros, ganhar corpo, durante o século XIX e no próprio XX, principalmente a partir do comércio marítimo com a abertura dos portos, em 1808, quando a sede do império português vem para o Brasil, segundo aponta Verônica Cavalcanti (1998). Ou seja, se estamos falando conscientemente de marcas da subjetividade urbana de Maceió nas primeiras décadas do XX, o que significa que há uma proximidade palpável entre a fazedura de tais marcas e sua nomeação. Se considerarmos a primeira marca, a nomeação dos lugares a partir dos fatos que lhe constituíram, subjetiva e objetivamente, podemos considerar “Massayó” um símbolo e síntese da dita “cultura anfíbia” e do imaginário aquático da sociedade que se formaria naquele lugar.

Assim, o polo de Santa Luzia (AL) se revela como colonizador lagunar, de específica situação geográfica, o único que o possuiu Pernambuco antigo. O que resta de sua cultura lagunar foi descrito pelo grande poeta e romancista Jorge de Lima em sua novela Calunga. Mas **nessa cultura lagunar, o mestre Theo Brandão colheu o que dela existia de melhor: suas tradições populares**. A velha capital, Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, com seus antigos conventos barrocos, é a mãe-cult que codificou em costumes e hábitos toda essa cultura lagunar, cuja base alimentar é um molusco: o sururu. Foi dessa cultura, de seus ritos culturais e costumes, que Maceió criou-se. Beiradeira como a velha cidade de Alagoas e metendo os pés na cultura lagunar, Maceió tem uma coisa que a velha Alagoas não tem: a fímbria marinha, o mar de colosso e um planalto que lhe entra às entranhas. E foi esse terceiro polo que criou, tardiamente, Maceió. (DIRCEU LINDOSO, 2019, p. 60-61, grifo nosso)

Dirceu Lindoso, nesse fragmento caracteriza Maceió como “Beiradeira”, que significa, segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2004) “Pequeno negociante das margens das linhas férreas”¹¹. Ou seja, o autor indica a vocação comercial da região que viria a ser Maceió, e ainda indica que essa vocação teria sido influência de um modo de vida lagunar presente na velha capital, Alagoas do

¹¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2024, Acesso em 07/02/2024. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/beiradeiro>.

Sul. Podemos entender essa síntese a partir da dinâmica de vida nos povoados da região dos canais e lagoas, cuja relação entre si era forte e dinamizada pelo centro comercial e cultural, a velha Alagoas do Sul. Essa formação social e cultural é nítida quando se pensa na quantidade e especialidade de técnicas de pesca desenvolvidas, e também na especialidade empregada na construção de meios de mobilidade entre os núcleos povoados, como canoas, jangadas e até embarcações maiores que funcionaram durante algumas décadas, fazendo o transporte comercial e de pessoas entre toda a região lagunar; outro indício forte é o desenvolvimento e a presença forte de tipos de bordados específicos como a renda filé, labirinto, barafunda e a renda de bilros. Há ainda o desenvolvimento de brincadeiras populares e folguedos misturados às diversas festas religiosas (JOSEMARY FERRARE, 2002), além da construção de habitações em taipa, muito comuns na região, em forma de mutirão. Esse tipo de construção deu origem ao coco, ritmo popular percussivo ainda muito presente na região e até espalhado pelo nordeste, onde a mistura de técnicas construtivas e percussão formava uma festa comunitária que ia levantando as habitações, regadas a muita cantoria, trabalho, comida e bebida.

Esse modo de viver refletido em várias cidades da região dos canais e lagoas indica que havia um intercâmbio pelas águas. Um intercâmbio não só de mercadorias de subsistência, mas cultural também. Marechal Deodoro era o ponto de irradiação desse modo de viver lagunar para todo o entorno dos canais e lagoas, incluindo Maceió. Maceió foi contemplada com esse modo de viver lagunar por estar inserida nesse contexto. Ainda bem. A presença desse modo de viver é claramente perceptível nas dinâmicas urbanas maceioenses, especialmente nos séculos XIX e XX. Havia três portos lagunares que ligavam Maceió (o terraço do centro) à lagoa do Norte (Mundaú), e conseqüentemente, à capital da província, Alagoas do Sul e aos diversos povoados da região lagunar. Eram eles, os portos de Bebedouro, Trapiche e da Levada. Esses portos faziam uma rota hídrica entre povoados e localidades na região dos canais e lagoas e funcionavam sob a lógica da subsistência daquela região e de seu povo. O que diferencia a cidade do ponto de vista das dinâmicas sociais-urbanas dos dois vetores de colonização implantados ao sul do antigo Pernambuco, Porto Calvo e Penedo, e a insere no polo de colonização da vila de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul, dando mais uma camada de sentido à anfiabilidade maceioense, para além de suas formas urbanas alagadas.

A função de transporte proporcionou também à laguna o papel de porta de entrada de Maceió no século XIX e primeira metade do século XX. Esta relação ocorria pela ligação da cidade às povoações do interior da província, como pontos de chegada de pessoas e mercadorias. Isto foi fundamental para o seu papel de protagonismo no contexto urbano (RUBENS DUARTE, 2019, p. 95)

“Esse mercado da beira do canal da lagoa, o Canal da Levada em Maceió, tinha um encanto urbano, com seu pátio interno, onde se reunia a feira. Era pois duplamente mercado e feira livre. E as canoas vinham ainda de velas pandas subindo o canal, e aportavam de mastros secos no cais do mercado. Canoas carregadas de peixes, caranguejos, massunime sururu. De tijolos para a construção. De paneiros de camarões. De samburás de lagostas. De cestos de cajus, pinhas, mangabas, citis-corós, cajás, cachos de cocos de titara. Ena beira do cais os pescadores se reuniam para conversar. Agarrafa de cachaça aberta. Otira-gosto no pires. Quase sempre frutas de temporada. As jacas perfumando escancaradas em bagos sobre balcões. Os abacaxis cheirando nas manhãs. As melancias de polpas vermelhas. E os melões da terra, tão diferentes dos melões de Espanha. Quias cheias de maçarandubas leitosas, que se chamavam ‘chidletes dos pobres’. Emuita alegria entre as gentes. Sujeitos sisudos que mercavam pássaros de canto em esplêndidas gaiolas de taliscas. Poetas populares cantando seus folhetos. E os bêbados – meu Deus! – sempre notáveis. E as prostitutas de beijos de carnim que falavam alto, riam alto, desaforadas, levantando as saia para mostrar as coxas roliças. Gente sururuzeira, quase toda. O mercado da Levada era a alegria da cidade. Lá quinhentos réis de pitus davam um jantar. E as violas dos cegos, meu Deus! E as violas bem afinadas. Maceió nua à borda das águas” (DIRCEULINDOSO, 2006, p. 24)



Figura 33 - Porto e canal da Levada, 1920. Foto de Rogato. Fonte: História de Alagoas.

Os portos lagunares de transporte e o porto de Jaraguá de exportação e importação, e seus impacto na dinâmica urbana da cidade crescente formaram um imaginário anfíbio em conflito. Um conflito entre o urbano do progresso e o natural do passado. O porto de Jaraguá e a mudança da capital para Maceió formando um imaginário urbano de progresso e a forte influência do modo de viver lagunar remetendo a um imaginário natural do passado. A confluência dessas duas forças aquáticas subjetivas formando um só lugar ao mesmo tempo, acaba por criar um contexto subjetivo complexo - um imaginário urbano-natural-urbanizado. Esse imaginário complexo urbano-natural-urbanizado é urbano e natural ao mesmo tempo, posto que o contato intenso com a natureza das dinâmicas lagunares não era com uma natureza intocada, era com uma natureza urbanizada, eram **portos** lagunares. Portanto esse imaginário complexo, híbrido, meio terra, meio água, coexistem em conflito. Os homens tapando a água com terra para expandir a cidade e sanitizar, e a água tapando a cidade com água em sua força descomunal. Há na cidade anfíbia, a presença de uma natureza urbana forte, assim como a urbanidade que se forma ali é, portanto, natural. Poderíamos dizer, então, que a anfíbioalidade seria a síntese de um imaginário complexo urbano-natural-urbanizado.

Imaginário urbano-natural-urbanizado

“Alagoas,
meu canto é das Alagoas
Eu sou AfroCaeté
Alagoas,
terra de barco e canoas,
Lugar de homem de fé”
(Canto às Alagoas - Manu Preta)

A presença da “natureza” na vida urbana maceioense se impõe: as marés, as chuvas no inverno e cheias dos rios e riachos, a umidade intensa que faz tudo mofar. O gosto pela comida da terra, os frutos do mar e da lagoa, as frutas, traduzem um clima que permanece até hoje na cidade, e configura a experiência urbana na capital. A sensação de qualidade de vida é palpável, a brisa que sopra, o céu azul na maior parte do ano. O lazer, muito ligados às águas, é tão intenso que virou

também mercadoria, e é vendido para turistas de todo país e alguns estrangeiros. Tal prática consiste em pessoas de diferentes classes usando as águas da cidade para lazer. A prática comum de ir à Massagueira¹², às praias, e principalmente, a existência de recantos aquáticos, que são diferentes para cada classe, mas que aglomeram bastante gente em torno da água, para banhos e contemplação, principalmente nos finais de semana e nas férias escolares de janeiro. Maceió tem um lazer muito diurno e voltado para a natureza, que é exuberante e muito acessível – ou podemos dizer: urbanizada. A cidade respira um clima único que vem da influência da vida anfíbia de outrora, da relação com a lagoa e suas formas de habitar.

Mas a maior poesia é conhecermos o batismo de águas correntes que nos vão limpar de todas as impurezas da cidade. Remédios, Boca da Pedra, Boca da Caixa, Massagueiras. São nomes que nos despertam desejo duma vida ao ar livre, de andarmos a toa, de pés descalços, dependurando sonhos pelos galhos dos carinholinhos anônimos.
(CARLOS PAULÍLIO, 1938)

Na região dos CANAIS e das LAGOAS, as duas estações – o inverno e o verão – são de uma irregularidade sem limites, principalmente a primeira. No inverno: dias longos, tristes, de chuva. Então, tudo mofa. Das paredes frias, dos móveis, de todas as madeiras, sai um visco repelente. A umidade sem igual invade as casas. O tijolo do ladrilho escurece. Nos prédios cimentados, a sensação de mal-estar é horrível. Julga-se viver dentro de um charco. E, por vezes, parece que os habitantes da Levada, em Maceió, não passam de sapos e rãs (...) Doem os nervos. Tudo irrita. A melancolia da Natureza comunica-se ao espírito dos homens. Arrepios – odiosos precursores do paludismo – invadem o corpo. E o povo dos CANAIS e das LAGOAS dá para inchar e surge uma verdadeira epidemia de paludismo. (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 127)

Quando o vento sul caía, então o vento ganhava como um demônio, derrubava coqueiros, arrancava as palhas dos mocambos. (JORGE DE LIMA, 1997, p. 38)

A menção do maceioense ser um povo anfíbio, cunhada por Octávio Brandão, nos idos de 1917, no Canais e Lagoas, vem provavelmente do contato direto com a lagoa e com os pântanos, que já não cobrem mais a cidade toda, pois foram tapados; e do contato com o modo de viver lagunar, já que a menção se

¹² Povoado lagunar do distrito de Marechal Deodoro muito frequentado por moradores da região dos canais e lagoas, principalmente de Maceió. É famoso pela culinária, pelos passeios de barco na lagoa e banhos de bica.

referia à toda a região dos canais e lagoas. Uma vida meio dentro, meio fora d'água, meio terra, meio água.

“Pois da história da gente alagoana se pode generalizar, como do passado do carioca, que é a história de uma gente quase anfíbia. Apenas ao lado das águas já amorosamente estudadas em trabalho de mocidade (...) por Otávio Brandão, não se deve deixar de considerar a grande influência, sobre a formação do alagoano, que vem sendo o açúcar através do latifúndio, da monocultura e da escravidão. Através do sistema patriarcal e quase feudal de relações de senhores de terras com lavradores, de donos de casas-grandes com escravos de senzalas ou quilombos de mucambos, de homens com mulheres, de brancos com pretos, de europeus com indígenas, do homem com a natureza – com as terras, com as matas, com as águas.” (FREIRE in JÚNIOR, 2006, p. 10)

Não compreendo tua alma, ó Alagoas. És como um anfíbio que se conserva frio, mesmo batido pelo sol. Tu também batida pelo fulguramento do meu amor, vive, no entanto, fria, indiferente. És como a água do meu tanque, que, mesmo sacudida, agitada pelo sol, se conserva algida, fria, gelada... (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 132)

A região dos canais e lagoas, como bem descreveu Octávio Brandão e depois, Ivan Fernandes Lima, são ricas em massapê e barro. Em Calunga, Jorge de Lima também menciona olarias e a presença do coco em sua raiz, uma dança-trabalho coletiva que surge com a tapagem das casas de taipa com barro. É no contexto dessa manifestação popular ligada ao trabalho que surge também o Coco de pé de parede, que mencionei antes.

“Estas barreiras que desabam vão, depois, constituir um solo muito argiloso, como no Cadoz. A argila que, nelas, se superpõe ao giz, quando em estado menos impuro, é utilizada para ‘caiar’ (...). Serve também para tapar o envarado das casas, especialmente em Santa Rita, onde estas casas avultam com um aspecto bizarro, proveniente das paredes de barro vermelho.” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 66)

(...) Lula saiu pra ver a noite. Andou, andou, parou numa casa de esquina onde dançavam coco. O ganzá animava os pares suarentos, um negro tirador de embolada tirava a embolada, e a macacada, homem com mulher de mãos pegadas, davam umbigadas bem unidos um no outro e depois sob o ritmo da dança se uniam em novas umbigadas nos demais pares que compunham a roda. A embolada do preto era, como toda embolada, uma lambança em que se prometia fazer e acontecer. Vinha um pituim enjoativo misturado de oriza lá de dentro, mas as palmas e o sapateado cadenciado eletrizavam o pessoal que respondia o refrão.

Lula ficou no sereno da festa distraído, como se estivesse pela primeira vez assistindo a essa maravilhosa dança. Tudo agora tinha forte cheiro, dentro o pituim da molecada, fora o fartum da maresia vinda até ali pela brisa da lagoa.

Agarrafinha de cachaça passou de mão em mão, cedendo golinhos aos dançarinos e um novo fogosíssimo coco ia agora tirado por um moleque sarará. Veio dançando às umbigadas com um caboclo desempenado uma morena bonita como os amores. Passou rente da janela em que espiava Lula. Era um pedaço de mulher de seio duro e ancas muito duras também

O caboclo desempenado dançava que só vendo, sapateava pra danar, o tórax forte, o pescoço embrulhado num lenço vermelho, as pernas ligeriras riscavam todas as figurações que o coco podia dar. A morena estava orgulhosa de seu cavalheiro, tinha um requebro na cintura, um fecharzinho de olhos que o sujeito ficava derretido. Vontade de cópula subiu o corpo de Lula. Desejou a naturalidade daqueles viventes pra dançar assim seu coco, a força do caboclo dançarino pra disputar com ele à faca, com quem quisesse, a posse daquela volúpia. (JORGE DE LIMA, 1997, p.24)

“Lula logo pela manhã foi trocar pernas pela cidade, agitado com as suas preocupações. Reviu a multidão da véspera premeida na sua labuta de ganhar pão à custa dum trabalho assassino, em contato com o barro e com a lama, com as febres e com os germens do amarelão que infetam a terra.” (JORGE DE LIMA, 1997, p.24)

“Os coqueirais balançam as palmas uivando e embaixo homens e mulheres, crianças, crianças, por demais andam andam andam. Sussurro bruto do vento, taco-tacos dos calafates batendo cavernames e costados arreventados. Também cantigas nos grupos que consertam redes imensas. Morenaças sentadas, outras de cócoras, arreganhadas, banham menininhos em gamelas, população escurinha de cabrochas, mulatos, cafuzos, índios, brancos, mestiços de todas as cores sombrias.” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 21)

O modo de viver lagunar que Maceió herda da vivência nos canais e na lagoa Mundaú abrange muitas dinâmicas de trabalho, comidas típicas, festas próprias, barcos e canoas, um modo de viver bem específico, sob uma cosmovisão mais próxima da “natureza”, onde a presença indígena e negra se faz sentir e configura um modo de ser, sentir e viver próprio daquele contexto.

“O Canoeiro abicou em Fernão Velho. Lula principiou a olhar nas margens o pessoal tirando sururu. O processo continuava o mesmo, toda gente seminua, atolada na lama das margens, arrancando o molusco de dentro da água suja. Depois de cheia a canoa, remavam para outro sítio e aí procediam à limpa do sururu, expurgando-o mais da lama negra. Era o sururu-de-capote. Em casa botavam o molusco pra ferver em latas de querosene e, de dentro

da concha, surgia então o sururuzinho amarelo, que se servia na mesa, assim mesmo, dentro da casca. Ou então era despincado pelas mulheres, para ser torrado, guisado com coco ou vendido na hora do trem aos passageiros, em urupemas enormes: uma cuia de queijo cheia de sururu custava aos revendedores quatro tostões” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 97)



Figura 34 - Cata de Sururu - Lagoa Mundaú -AL, Out. 2022. Fonte: Gazeta de Alagoas Web¹³.

Figura 35 - Cata de Sururu - Lagoa Mundaú-AL, Mar. 2023. Fonte: Gazeta de Alagoas Web¹⁴.

9 de agosto.

Vida de bordo. Na Família Brasileira ainda existe a chamada exceção loura, descendente de holandeses, pelo que dizem os pernambucanos. Não a nomeei ontem porque estava doentinha, a mãe nos conta, com os intestinos desarranjados. Se chama Gracette, palavra, e terá seus seis anos, mais velha que o Zezé e a Arlindinha, mais nova que os três guris taludos. O pai chega e diz

– Gracette, quem é a menina mais bonita de bordo?

– Sou êêêeu

– Gracette, olha, o doutor está falando que você é feia.

Gracette fica desapontada, os beicinhos tremem, se agarra na mão do pai:

– Pode mentir que eu sou feia, pode!

E desata a chorar. Então o pai empresta o lenço à mãe e etc. Maceió está à vista, são quinze horas. Descemos no barco de vela. Auto. Vamos ao Bebedouro, bem no alto, contemplar as lagoas, Butantã de Maceió. Não, o Butantã de Maceió, é o sururu provado numa tigelada, a bordo, mais sublime do mundo. Que suavidade meiga no açúcarado da carne rija e sadia. Maceió, feiosinha... (MÁRIO DE ANDRADE, 2015, p. 202)

¹³ Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/geral/sururu-some-da-lagoa-mundau-e-afeta-mais-de-mil-familias-ribeirinhas>. Acesso em março de 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/maceio/sururu-reaparece-na-lagoa-mundau-apos-dez-meses-de-escassez>. Acesso em março de 2024.

“De noite os mocambos acendiam seus candeeirinhos de querosene, o pessoal saía pras suas portas, abancando-se em tamboretas e caixotes, contando histórias mal-assombradas” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 38)

O costume de sentar na porta de casa e conversar entre a família e os vizinhos é ainda bastante comum em muitos bairros residenciais tradicionais e/ou populares de Maceió, sendo uma prática bastante comum na maioria das cidades e povoados alagoanos.

Numa relação desse tipo onde é nítida a interpretação entre casa/rua/cidade, pode-se afirmar que a cidade é sentida como a extensão da própria casa (...) Interligando espaço exterior e interior, no usufruto de atividades domésticas, as 'calçadas' propiciam a interatividade cotidiana no espaço urbano o que amplia os vínculos identitários da população residente com a cidade. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 70)

Esse tipo de sociabilidade, presente em muitos lugares do Brasil e mesmo do mundo, é uma dinâmica urbana própria de lugares de alta presença comunitária, uma vivência que não combina com o nível de violência urbana presente na maioria das capitais brasileiras – incluindo Maceió – passando a impressão de que é um costume pertencente a um outro tempo, um tempo que já passou. Esse costume é geralmente associado, no senso comum, a cidades “menores”, de “interior”, com contato mais constante com áreas “menos urbanizadas”, ou seja, com a “natureza”. Mas o que, ao fazer essa associação, estamos considerando como parâmetro de ambiente “urbanizado”? A existência da própria calçada já não seria uma urbanização? E se imaginarmos uma calçada sem calçamento, não seria o espaço em frente a uma habitação, conceitualmente, a calçada da casa? Que tipo de interação de humanos com o ambiente estamos chamando de urbanidade?

“Gostava de me lavar assim quando era menino. A trovoadas ainda roncava no céu, e já me preparava. Às vezes a preparação durava três dias. O trovão rolava por este mundo, os relâmpagos sucediam-se com fúria. Quitéria encafuava-se, oferecia peles de fumo a Santa Clara, escondia a cabeça debaixo das cobertas e gritava: - ‘Misericórdia!’; meu pai largava o romance, nervoso; Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva chamava sinha Germana, que tinha morrido. Quando o aguaceiro chegava, o couro cru da cama do velho Trajano virava mingau, tanta goteira havia; a rede suja de Carrilo fedia a bode; os bichos da fazenda vinham abrigar-se no copiar, o chão de terra batida ficava todo coberto de excremento.

Eu tirava as alpercatas, arrancava do corpo a camisinha de algodão encardida, agarrava um cabo de vassoura, fazia dele um cavalo e saía pinoteando, pererê, pererê, pererê, até o fim do pátio, onde havia três pés de juá. Repetia o exercício, cheio de alegria doída, e gritava para os animais do curral, que se lavavam como eu. Fatigado, saltava no lombo do cavalo de fábrica, velho e lazarento, galopava até o Ipanema e caía no poço da Pedra. As cobras tomavam banho com a gente, mas dentro da água não mordiam

O poço da Pedra era uma piscina enorme. Antes de entrar nela, o Ipanema (rio) tinha dois metros de largura e arrastava-se debaixo dos garranchos de algumas quixabeiras sem folhas” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 18)

O fragmento acima me remete a lembranças das histórias de meu pai, em Anadia, cidade do interior de Alagoas de onde vem a maior parte da minha família paterna. Mas há também resquícios desse tipo de vivência em Maceió. O fragmento acima representa uma narrativa rural dos anos 1930 que reconheço no discurso do meu pai na Maceió da década de 1970, e ainda hoje a cidade mantém uma relação muito próxima de lazer ligada aos recursos naturais, sendo este aspecto exatamente o que é vendido para o turismo. Tenho ainda as lembranças de minha própria vivência com as águas maceioenses ligadas ao lazer, tanto no mar, quanto nos canais das lagoas. Só aí, já vai quase um século de relação íntima, mítica e lúdica com as águas, sendo essa, possivelmente a relação mais emocional do povo dos canais e lagoas alagoano, estruturada no deleite visual e na capacidade de provisão alimentar.

A lagoa destaca-se como emolduramento natural do sítio e sempre manteve com este uma relação imediata de abastecimento e de fonte de transporte, emprestando à cidade o seu ritmo cíclico, a ponto de tomar-se inclusive, indicador da maior ou menor concentração da população masculina nas ruas, dependendo do horário das marés favoráveis à pesca (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 65-66).

Esta lagoa é mãe do povo de Marechal Deodoro. Aqui o povo vai pra lagoa e pega peixe de mãe: pega um'gererê e pega camarão, siri e depois come, dá ou vende se quiser. (Morador do Centro In JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 67)

Cem contos de réis, dinheiro bastante para a felicidade de Marina. Se eu possuísse aquilo, construiria um bangalô no alto do Farol, um bangalô com vista para a lagoa. Sentar-me-ia ali, de volta da repartição, à tarde, como Tavares & Cia, Dr. Gouveia e os outros, contaria histórias à minha mulher, olhando coqueiros, as canoas dos pescadores.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 88)

Muito do imaginário urbano-natural-urbanizado maceioense vem da apreciação da lagoa Mundaú não só como meio de subsistência, mas de sua contemplação enquanto imagem idílica, muito do que hoje foi transferido para o mar. O que era considerado boa vida nos anos 1930, quando Graciliano escreveu o romance *Angústia*, consistia em vista para a lagoa e uma casa confortável nos moldes higienistas, em bairro nobre da época, o Farol no alto do tabuleiro. Seguindo, claro, o estilo arquitetônico da época, o eclético.

“Sob quase todos os aspectos, nossa Natureza merece elogios: uma fartura, uma abundância nunca vistas. E todavia, o Homem não aproveita esta Natureza! Ó, não me é possível a resignação de ver impassivelmente a miséria deste povo que é o meu...” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 125)

Octávio Brandão, quando escreve esse fragmento, por volta dos anos 1917, está inserido no contexto pós-revolução industrial que enxergava os “recursos naturais” com fonte monetária, por meio da exploração e industrialização desses. Ao mesmo tempo em que reconhece a potência natural de sua terra, deseja explorá-la, para “salvar sua gente da miséria”. Uma ironia infeliz é que essa é exatamente a área – a lagoa Mundaú - que vai ser afetada, quase um século mais tarde, final da década de 2010 pelo “desastre” da Braskem (antiga Salgema), desabitando boa parte dos bairros que tinham a “vista para a lagoa” mencionada por Graciliano. A implantação da empresa e do Dique-Estrada, como vimos, ainda nos anos 1970, provocou um “afastamento geral” da lagoa, incentivando um movimento de abandono em massa dos bairros tradicionais, junto a outros fatores da dinâmica urbana, como o aumento do turismo voltado para o mar e da própria exploração desse potencial turístico da cidade, o que intensificou o declínio da região das lagoas, até como lugar de lazer (RUBENS DUARTE, 2019). Esse “afastamento da lagoa”, distanciou a população de uma das forças subjetivas fundantes da cidade, diretamente ligada à relação com a lagoa e suas representações.

O canal do Calunga, não à toa, dá nome ao romance de Jorge de Lima. Provavelmente por ser carregado de mistérios, ele traz um tom mítico de perigo e deleite para o imaginário urbano-natural-urbanizado e para a região. Sendo um ponto de águas turbulentas na lagoa Mundaú, o Calunga – que dá nome ao canal

O geógrafo alagoano, explica que o Canal do Calunga representa os dois rios (o Mundaú e o Paraíba do Meio), que “voltam a ter forma de rio”, depois de terem “desaguado” nas respectivas lagoas, Mundaú e Manguaba, para então desaguar, de fato, no mar. O complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba tem uma barra única, há muitos séculos, informação essa que foi registrada no relatório holandês sobre o estado das Alagoas em outubro de 1643, escrito por Johannes van Walbeeck e Henrique de Moucheron e publicado na revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano em 1887.

“As alagoas, ou lagoas propriamente ditas, das quaes procede o nome do districto, são duas, a do Norte e a do Sul, tendo ambas a mesma barra, e demoram na altura de 9º e ¾ de lat. Merid. Nas grandes marés tem somente dez ou doze pés d’água, de modo que não podem servir senão para a navegação de barcos pequenos ou de pouco calado, tanto mais quanto o vento, soprando directa e constantemente do mar sobre a barra, faz quebrar constantemente o mar sobre ella, e assim a sahida torna-se ainda mais difficil, porque só póde effectuar-se com vento de terra e de maré cheia, devendo aguardar-se o curso destas duas condições” (WALBEECKE MOUCHERON 1643, in RIAPE, n. 33-34, Recife: 1887)

“Ali perto, na beirada d’água, estava uma canoa. Entrou nela, empurrando-a, com todo o resto da força que tinha, pro canal. A água do mar corria naquela hora pra lagoa. A maré enchia. A corrente da água levou de rojão o homem e o barco. A canoa de Lula vogava em plena lagoa, na escuridão lambida de instante a instante pelo facho branco e vermelho do farol do Jacutinga. O homem viu que estava só, de noite. Desamparado. E queria uma proteção qualquer. A da prostituta amante dos homens do governo que ele conhecera numa pensão da capital servia. E foi a que lhe veio logo à mente. Foi o porto mais seguro que enxergou no seu último naufrágio. Aí sentiu que a canoa rodava, rodava um círculo ligeiro puxando-o para a morte. Era o redemoinho, sim senhor. Estava em cima do Calunga, mesmo. Pegou a tremer, sem saber se de medo ou de maleita. Talvez o cansaço da briga. Talvez a tremedeira das águas picadas do Calunga sacudindo a canoa. Ouviu direitinho na memória as mesmas palavras do canoeiro, quando o livrara um dia do perigo

- Então o Calunga já deixou gente viva passar emriba dele?

Quando a manhã raiou não havia mais ninguém sobre a face das águas. A lagoa estava muito calma. (JORGE DE LIMA, 1997, p. 133-134).

Os ventos de nordeste exercem mais a agitação das águas desta lagoa (Mundaú) e são ajudados pelos de leste. Aqueles levantam ondas de até 2 metros; empurram as correntes lacustres contra a base da ribanceira do Cadoz e é, mais comum, nessas épocas, coincidir mais o aumento da agitação das águas, que provocam o “macaréu”

do Calunga, quando se observa a impetuosidade das vagas (ondas), que se orientam pelo antigo talvegue (parte mais profunda de um rio) do Mundaú, que vinha para a Levada, partindo desse local de “bifurcação” e hoje, também, de “cruzamento” com a corrente que desce para o mar ou vem, impulsionada deste, para dentro da lagoa, pelas marés de subida ou entrantes. Como repercussão dos efeitos de tais ventos, diante da Croa da Holanda, a água “ferve”, segundo a expressão dos pescadores, num autêntico “fervedouro”, que tem vitimado a tantos incautos ou mesmo atrevidos canoeiros, que não temem os efeitos de uma “contenda” entre correntes hidráulicas, muito bem revelados no modelado de um novo *talvegue*. (IVAN F. LIMA, 2010, p.228)

O misticismo que envolve a região foi, muitas vezes, atribuído por artistas e escritores a doenças como a “maleita” ou malária, e a “opilação”, cujos sintomas envolvem, segundo estes artistas e estudiosos, um certo “estado de espírito”, que inserido no contexto local, fazem o indivíduo “ver o mundo de um jeito diferente”.

“Nas lagoas os sururuzeiros trabalhavam do mesmo modo, dentro da lama e debaixo de chuva.

Mas os miseráveis estavam aquecidos por dentro, de maleita, estavam de sensibilidade embotada, minados por verminose, o gosto pervertido, viciados a mascar bolões de barro cozido, cacos de telha, balas de badoque. O hábito de comer terra era natural entre os cambembes: nas bodegas do Pontal da Barra se vendia ao lado da meia-quarta de bacalhau, dos dois-tões de sabão marmorizado, o tijolinho de massapê cozido, vermelhinho, até doce; tinha um gosto que só se comendo se podia dar uma opinião sincera. Faltando essa especialidade, servia barro cru mesmo, e a necessidade apertando, o de-comer proibido seduzia a vontade como cocaína: se corria tudo o que não presta pra se comer, papel, molambo, graveto, meleca, cabelo, mijo acabado de sair, outras coisas assim. Sururuzeiro esquentadinho de sezões via o mundo diferente, o sol com outra cor, a lama chegava a possuir seus afagos apalpando os pés de frieira, abarcando os sexos, oferecendo uns gozos muito diversos dos da carne, o incesto com a mãe-terra se dava de todo jeito, comendo a velha, machucando-a, sentindo-a sexualmente pela pele, num mais vasto prazer sexual, por todos os nervos do corpo. A lama generosa maternalmente oferecia o sururu que ela gerava em seus seio, como guardando o nutrimento debaixo do cabeção para a fome dos filhos fracos” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 57)

“O Homem dos CANAIS e LAGOAS tem apenas uma companheira, a apatia, e apenas um ideal, a passividade! É um nirvanizado dentro da vida.” (OCTÁMO BRANDÃO, 1999, p. 117)

“Lula tinha vivido até aqueles tempos objetivamente, sentindo a vida e diferenciando-a da morte. O seu mundo de cambembes, de sururuzeiros, de beatos era um mundo de carne e osso, que ele amava e odiava conforme as circunstâncias.

Porém a moléstia e as contingências em que se afundava mudaram o homem prum plano diferente. (...) O mundo de Lula era agora o mundo de sua psicologia doente.” (JORGE DE LIMA, 1997, p. 114)

Nos fragmentos acima, podemos ver a formação de um imaginário fantástico em torno dos sintomas das doenças, que Jorge de Lima usa muito bem para inserir o contexto do personagem que está “em sua psicologia doente”. No fragmento a seguir, Lula, o personagem principal do romance está prestes a morrer no Calunga, em minha interpretação, como metáfora para mostrar o personagem sendo engolido pela dinâmica local, preso no delírio de mudar as coisas e salvar sua terra e “sua gente”. Essa visão é comum a Octávio Brandão, e a semelhança das escritas do romance e dos estudos Canais e Lagoas é um indicativo de uma possível relação entre os dois textos, sob a hipótese de Jorge de Lima ter lido Canais e Lagoas antes de escrever Calunga ou pode também indicar a abordagem de uma visão e/ou temas predominantes ou muito conhecidos da época, já que as obras foram produzidas com mais ou menos duas décadas de diferença.

“Patrão - disse-lhe um dia Zé Foca -, vossemecê precisa é sair dessa terra. Voltar pra donde veio; aqui remédio não dá resultado pra ninguém é mesmo que manteiga em focinho de cachorro. As pelancas da maleita e o vício são donos dessas imundícias.

E era mesmo, o desejo de comer terra continuava a governar Lula. Um dia viu um pedacinho de massapê cozido em cima de sua mesa, que nem guloseima que se põe na carteira de menino pra fazer surpresa. O seu vício já estava descoberto, os viciados de casa procuravam satisfazer o novo iniciado; eram até bons: ofereciam-lhe veneno menos tóxico. (...) Estava irremediavelmente perdido. Ou saía da terra ou a terra o tragava.” (JORGE DE LIMA, 1997, 69-70)

“Enfim, uma ‘especialidade’ curiosa do giz habitantes do Pontal da Barra, atacados de opilação, consideravam-no um manjar delicioso. Para isto, o giz era cortado em tijolinhos, idênticos aos do pó de limpar facas. Estes tijolinhos eram vendidos nas bodegas. Aquele povo de comedores de terra, de geófagos, ou melhor, de cretófagos, sentia um prazer esquisito em comer esses tijolinhos. A predileção era pelo giz, branco, róseo ou amarelo, das barreiras do Cadoz. Era um uso geral. Certos pontalenses, empregados nas casas de família de Maceió, chegavam mesmo a devorar as quartinhas e, em último lugar, pedaços de tijolo e de telha. Depois, pela continuação inchados como os baiacus da lagoa. Até hoje ainda há gente no Pontal da Barra que come giz” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 66).

“Com efeito: partamos de Maceió e ao chegar à Seriba – cujos velhos ainda se lembram de meus antepassados – atravessamos o canal e saltamos em terras da Massagueira” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 119).

Esse último fragmento, inclusive, me lembra muito o contexto em que o personagem de Jorge de Lima, Lula, foi inserido, onde depois de passar muito anos “na cidade grande” volta para Alagoas em busca de “antepassados perdidos”. Sinto aqui, como se o próprio Lula fosse inspirado em Octávio Brandão.

Os misteriosos igarapés, gráteis de curvas, partindo pras não-civilizações paradisíacas, dão principalmente esse desejo de maleita que se tornou desde essas sugestões amazônicas uma verdadeira obsessão na minha vida. Eu sei que, sob o nosso ponto de vista litorâneo-europeu, é horrível isso que estou falando. Sei também que qualquer sujeito que já tremeu um dia na cama, obrigando a casa a tremer, vai me chamar de “futurista” ou de maluco. Sei mais que existe o fácil argumento em contrário de que se quero ter maleita é só ir na beira do Mogi e... tomar maleita. Tudo isso é pueril. Não quero tomar maleita aqui em São Paulo, sofrer horrorosamente a doença nesta cidade, onde os trabalhos, a luta pela vida, a Civilização, me tornavam desesperadamente odiosa, moral e fisicamente odiosos a doença, o depauperamento, a impossibilidade de trabalhar (...). Resta o argumento incontestável de que o acesso de tremedeira na maleita é um sofrimento danado. Não discuto. Deve de ser pois que todos os maleitosos afirmam isso. Assim, a obsessão da minha vida, não é o acesso de febre. Nem no acesso de febre se resume a filosofia da maleita, com perdão da palavra. Está claro que o meu desejo é mais elevado. Quero, desejo ardentemente é ser maleitoso não aqui, com trabalhos a fazer, com a última revista, o próximo jogo de futebol, o próximo livro a terminar. Desejo a doença com todo o seu ambiente e expressão, num igarapé do Madeira com seus jacarés, ou na praia de Tambaú com seus coqueiros, no silêncio, rodeado de deuses, de perguntas, de paciências. Com trabalhos episódicos e desdatados, ou dum vez sem trabalho nenhum. Quanto ao sofrimento dos acessos periódicos, não é isso que desejo, mas a prostração posterior, o aniquilamento assombrado, cheio de medos sem covardia, a indiferença, a semimorte igualitária. Que só em determinados lugares e não aqui posso ter. (MÁRIO DE ANDRADE, 2015, p.418-419)

Os fragmentos acima, todos escritos mais ou menos na mesma época, demonstram a existência de um imaginário fantástico em torno da maleita, um certo “estado de espírito” acessado pela doença, que era, assim como as lagoas, motivo ao mesmo tempo de cobiça e julgamentos, a depender de onde partia o olhar. Sob o olhar do modernista Mário de Andrade, o “estado de espírito” provocado pela doença, provavelmente contrastava com o ritmo industrial da época, e com a novo

imaginário que se instalava. Esse imaginário urbano-industrial que conduziu o começo do século XX no Brasil, classificava como inadequados todos aqueles, seja sob qualquer circunstância, que vivessem sob outra cosmovisão. A partir do contato com uma outra possibilidade de ver a vida e as coisas, Mário de Andrade encontra na maleita, de forma metafórica, uma cura contra os novos tempos.

Sei que, com a nossa idiotíssima civilização importada, um indivíduo não se envergonha de arrebentar o fígado à custa de whisky e de cocktails, não se envergonha de perder uma perna num desastre de automóvel ou quebrar o nariz numa virada de patinação, mas aborrecida os prazeres sensualíssimos, tão convidadores ao misticismo, do delicioso bicho-de-pé. Que por nós é considerado uma falta de educação. Não se amola de dormir num quarto de hotel, num trem noturno, onde a tuberculose dorme; sorrindo passa a língua num selo de carta, até sendo essa coisa esteticamente nojenta que é o selo amarelo e vermelho da Segunda República!... Pois passa a língua num selo desses e considerará uma depravação a gente desejar a maleita! Otapui do Solimões, o maleiteiro do Javari, não morre mais abundantemente que o paulistano ou o carioca, morre de outras doenças, e é só. Agritos de higiene (não discuto e reconheço o valor da higiene), a berros de cirurgia e a enriquecimento de jomais com anúncios de remédios que a gente ingere pela boca mortífera, nós nos iludimos dentro da nossa pseudossabedoria, imaginando que os nossos recursos são maiores e que o conforto duma poltrona é maior que o do chão duro. Quando tudo não passa duma simples questão de mentalidade e costume. (MÁRIO DE ANDRADE, 2015, p.418-419)

A visão de Mário de Andrade, se insere no mesmo contexto temporal de Octávio Brandão, um tempo em que a formação de uma imagem e a reunião de símbolos nacionais se fazia urgente, a invenção da identidade nacional, e, portanto, a invenção do regionalismo. Nesse contexto, acredita-se ser necessário conhecer a fundo o Brasil, seus elementos, e sua natureza. Sendo o Brasil do início do século XX, um país, no geral, pouco "urbanizado", muito do estudo da terra (no sentido de investigação de uma identidade nacional ou regional) era o estudo do que convencionamos chamar "natureza" mesmo.

A abordagem desse tema é sempre complexa, pois a crítica muito necessária a um modo de vida pautado no consumo sem fim, que está levando o planeta para um colapso climático, pode facilmente enveredar por caminhos saudosistas e/ou românticos, que criam uma ideia de que o passado era perfeito e a solução é voltar para ele. Ir para o outro polo na crítica é perigoso, pois não só não é possível voltar ao passado como também ele não é perfeito. Quando Ailton Krenak (2022), vem nos dizer que o futuro é ancestral, não é uma apologia saudosista, muito pelo contrário.

Ailton Krenak nos diz que uma possível saída para esse buraco ontológico onde o ser se misturou ao ter, que nos encontramos hoje, seria a tecnologia ancestral da harmonia com a “natureza”. Mas para além disso, a partir do contato com suas reflexões, fica mais claro em mim a necessidade de nós, humanos da cidade, ouvirmos outras cosmovisões sobre formas de habitar os espaços, pois dentro dessa que inventamos não conseguimos imaginar outras formas de viver, senão a que experienciamos nas cidades ocidentais de hoje, e ela já se mostrou absolutamente insustentável.

Quando eu tinha oito ou nove anos de idade, estava no quintal, lugar de que gosto muito, e lá estava uma linda égua selvagem que meu irmão tinha ganhado. Ela comia milho enquanto eu limpava o quintal com um rastelo. Enquanto a égua roía os sabugos, passei o rastelo perto dela e, sem querer, a assustei. Ela me deu um coice bem dado, que acertou meu estômago e me fez voar uns três metros. Perdi o fôlego, mas logo me recuperei. E ali, de uma maneira totalmente atemporal, como se fosse um raio, tive uma aula sobre limite e, ao mesmo tempo, compreendi que podemos agir no mundo. Foi uma revelação que me veio como um mantra: “sim, nós podemos muito, mas nem tudo”. Um aprendizado que recebi em fricção com a natureza (ALTON KRENAK, 2022, p. 53)

Os gregos queriam ser sábios, queriam ser livres. E querendo ser sábios e livres, eles criaram a democracia. Os romanos queriam ser grandes, queriam ser fortes. E para legitimar a sua grandeza, a sua fortaleza, porque ninguém domina o tempo todo pela força, eles inventaram e deram a grande contribuição para o direito. Os egípcios queriam ser imortais, certo? E querendo ser imortais, eles gastavam mais tempo construindo a tumba do que a casa. Mas deram uma grande contribuição para a medicina. Na idade média, as pessoas queriam ser santas, mesmo cometendo muitos pecados e atrocidades em nome da santidade. A gente chega no mercantilismo há 450 anos atrás e a gente muda milhares de anos de trajetória civilizatória e o ideal do ser é capturado pelo ideal do ter. Então, fazer... ser cientista, o ser filósofo virou fazer ciência, fazer filosofia. O ser santo vira fazer igreja, fazer dízimo, fazer fiéis. E a gente chega na década de 1960, na revolução cultural e a relação amorosa entre duas pessoas vira fazer amor. Numa cosmovisão em que a base de orientação é fazer e ter, há de se criar um buraco negro para botar tanta coisa que se faz.

E o que nós fizemos? Criamos esse buraco negro. Ele chama-se consumo. Você faz e consome, faz e consome. Só que nós chegamos a um ponto em que, tentando suprimir aquilo que a natureza nos limitava, a gente chega ao limite da própria natureza. E o limite da própria natureza está dizendo: há limites para ter. O planeta nos limita. Somos bilhões de pessoas desejando infinitamente ter coisas. Se o padrão de produção e consumo dos europeus, dos americanos e dos japoneses for universalizado, não tem planeta para tudo isso. Mas como é que a gente vai viver se sentindo criativo, produtivo, livre em um mundo que nos limita? Só se nós fizermos um deslocamento e introjetarmos o ideal do ser. Porque há limites para ter, mas não há limites para ser. Não há limites para ser o melhor entrevistador, não há limites para pintar o melhor quadro, não há limites para dar a melhor aula, não há limites para ser, mas há limites para ter. E talvez isso possa ser o caminho. A pergunta que se coloca é: o que queremos ser? (Marina Silva em entrevista para Fluxo, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U1NAM6Tbzsc&t=5s>. 2 out. 2015. Acesso em março de 2024).

“O estudo da natureza é o ponto de partida para o descobrimento das riquezas do país, para seu desenvolvimento industrial, para a verdadeira industrialização, a criação da siderurgia, da alta metalurgia, a produção de meios de produção. A Natureza é o fundo da paisagem humana social, o convívio com ela auxiliará o homem a adquirir a própria personalidade. O povo brasileiro deve alcançar a plena consciência de si mesmo, da Natureza e da História do país. A visão científica da Natureza brasileira e sua representação realista, no terreno literário e artístico, auxiliarão o nosso Povo a adquirir a mais alta, a mais ampla e a mais profunda consciência nacional!” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 08, grifo nosso)

Nesse sentido, mesmo quando pesquisadores partiam do estudo da “natureza” para investigar as raízes da identidade local, ou mesmo brasileira, se deparavam com dinâmicas humanas e mesmo urbanas, que remontam a história do processo de formação da cultura local.

Merecem menção: (...) a das Cabras, em frente à Rua Nova. De altos coqueiros e verdes relvados; a dos Bois, com os seus mangais; a dos Frades, melhorada pelo esforço de Manuel Francisco, um caboclo que tem fama de cuba (feiticeiro); (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 62)

Este fragmento, por exemplo, dá um indício claro da presença negra e indígena compondo o imaginário urbano-natural-urbanizado maceioense, ou a

cidade anfíbia se mostra pela menção de religiosidades divergentes da católica, e o impacto social que a existência delas causava. Esse impacto pode ser percebido pela menção de Octávio Brandão à “fama de cuba” de Manuel Francisco, morador da ilha dos frades. Esses indícios podem também ser visualizados ao analisarmos as diversas técnicas especializadas de pesca e tecnologias de construção de embarcações locais.

Sendo o pescado lagunar a fonte alimentícia prioritária da maior parte da população, é natural que haja se desenvolvido um sistema próprio e adaptável às condições que viessem a potencializar a pesca local, resultando então uma produção considerável de utensílios e veículos de pesca adequados à captura de peixes e demais frutos lagunares. Dentre os utensílios de pesca, destacam-se entre outros: os covos, os jererés, os reduchos, as redes de várias malhas, e mesmo os anzóis. O fabrico de embarcações para pesca em madeira é facilitado pela boa adequação da jaqueira e mangueira, abundantes nos quintais de todo o centro e arredores da Sede Urbana. Predomina a fabricação artesanal de canoas, feitas em locais que se instituíram como estaleiros – no caso o Manguinho. Também é frequente a confecção de jangadas à vela (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 123-124).

Mas a relação entre os moradores deodorenses e a Lagoa Manguaba, transcende à sua capacidade de provedora alimentícia, na medida em que se torna também uma ‘alimentadora’ do imaginário mítico, que nutre várias ‘estórias’ sobre pescarias, assombrações ruidosas e corrediças, etc., e até mesmo lendas, como a Lenda da Baronesa, que tenta explicar a origem de uma vegetação aquática, flutuante em suas margens (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 124-125).



Figura 37 - Covo. Foto de Pablo de Luca.

Figura 38 - Pescador na lagoa Manguaba. Foto de Pablo de Luca.

A culinária da região dos canais e lagoas é bem presente e muito apreciada até hoje, ainda que haja a influência dos alimentos ultraprocessados sobre os da terra, e outros fatores, como a poluição das lagoas tenha alterado a presença da culinária tradicional na mesa dos alagoanos da região lagunar, a referência cultural ainda segue muito presente no cotidiano da população. A força dessa referência cultural se faz perceber pela sua presença constante e atravessadora de todas as obras escolhidas como ponto de partida deste trabalho, cujas escritas variam desde os anos 1930 até 1995.



Figura 39 - Sururu de Capote. Fonte: História de Alagoas.

De modo recorrente, destacam-se na culinária deodorense, os frutos lagunares e marinhos, com predominância do camarão, o siri de coral e também o siri mole, o massunin, além de diversos tipos de peixes, classificados como da água salgada ou doce, cozidos no leite de côco, - o componente básico dos ensopados. Como fruto mais exótico da Lagoa existe o Sururu, cozido na forma que correspondeu, por muito tempo, ao prato mais alagoano: o 'Sururu de Capote',

hoje muitíssimo escasso por questões de assoreamento e outras alterações no complexo lagunar Mundaú-Manguaba. A forma bem tradicional de preparo desta forma de preparo do Sururu, corresponde a ser levado ao fogo com a casca e estes ao cozimento, abrem-se liberando um caldo muito rico em fosfato, sendo este caldo aproveitado para fazer um pirão com farinha de mandioca (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 125-126).

Outra presença atravessadora das cidades e povoações da região dos canais e lagoas, cujo centro é a antiga capital, Marechal Deodoro, é a prática do bordado em renda. Essa prática, que costumava ser de consumo local, de modo que as rendeiras elaboravam grandes peças de enxovais, vai agora se reconfigurando para atender a uma tendência de consumo do turismo, com peças menores. O bairro do Pontal da Barra, em Maceió é um dos centros de referência de rendeiras e do Filé, na atual capital.

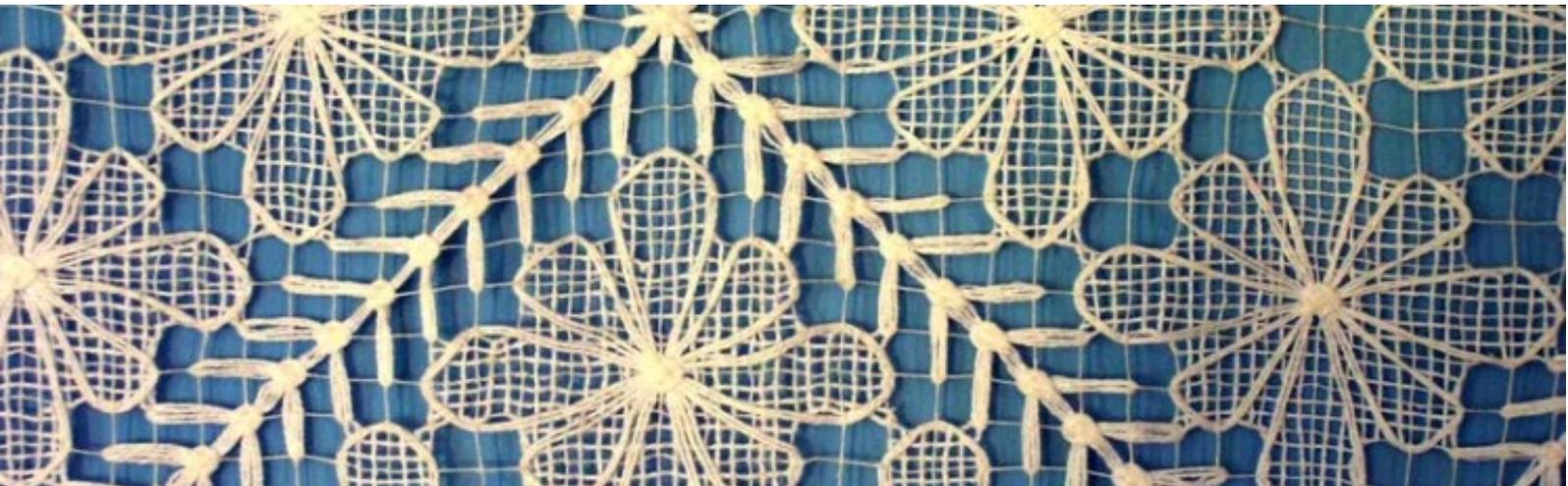


Figura 40 - Filé. Foto de Pablo de Luca.

Marechal Deodoro notabilizou-se como um centro de excelência de rendeiras, que até algumas décadas passadas, junto com seus teares, chegavam a ser elementos constitutivos da própria paisagem urbana (...). Dentre tantos, o Labirinto foi sempre considerado o mais peculiar de todos – um trabalho artesanal feito em tecido, com predominância – o linho branco, cuja técnica consiste em desfiar todo o tecido, quando já esticado no tear, depois riscar o desenho compositivo para então executar o bordado. Por ser de execução lenta, para diminuir o tempo as rendeiras recorriam à participação coletiva de membros da família, vizinhas, e comadres, que assentadas em tamboretas ou diretamente nas calçadas teciam tramas geometrizadas em colchas, lençóis, toalhas de mesa etc., entre sorrisos e conversas corriqueiras. Já o Filé tem um processo de elaboração diferenciado, embora seja também executado em teares. Inicia-se armando uma malha quadriculada, o fundo, tecido de modo semelhante às das redes de pesca, com o uso de linha de cor ou branca, compondo desenhos em barras geometrizadas ou florais, como exhibe o tear confeccionado pela 'Dona Vandete do Pastori!', também artesã (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 121-122).

Os diversos folguedos, ligados profundamente à religiosidade católica imposta pelo colonizador, que foi reelaborada pela população mestiça e apartada da “capital do império”, gerando manifestações de cunho religioso-popular que perduram ainda hoje, com maior ou menor força. Há na velha Alagoas do Sul, como é característico das cidades brasileiras do início do período colonial, a presença forte de muitas igrejas, conventos e outras edificações de função religiosa, configurando a malha urbana e formando uma espécie de “polígono sacro”, que segundo Josemary Ferrare (2002):

Polarizava o deslocamento e a frequência dos habitantes e pessoas das redondezas na assistência cotidiana e, sobretudo, nas concorridas festas e procissões da Quaresma e Semana Santa, em seus templos e

Largos, tendo assim contribuído para consolidar, ainda no século XVIII, as ruas que as ligavam como principais, o que evidencia o quanto a organização espacial de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, esteve inserida na visão catequética e persuasiva fomentada pela Contra Reforma, disseminada pela colonização portuguesa no nordeste do Brasil, a ela estando incorporada de modo intersticial" (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 54)

Os Largos ou adros, espaços livres em frente às igrejas e conventos cujo objetivo é a realização de festas e eventos religiosos, foram o palco da formação através dos tempos dessas tradições e brincadeiras populares, apresentadas nas festas e celebrações "entre sentimentos e expectativas que variavam do fervor religioso a uma alegria profanizada" (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 152). A partir desse polo, configurado pelas cidades barrocas coloniais, as manifestações populares iam se espalhando para os povoados, vilas e cidades. Maceió, que não viveu essa época, herdou assim muitas dessas manifestações da velha capital, assim como outras manifestações foram se criando a partir dos contextos únicos que se formaram a partir da nova sede do poder, e, portanto, da concentração de renda, população e dinâmicas urbanas. Ao analisar a ritualista de cada folguedo, registrado por Josemary Ferrare (2002), em análise das referências culturais de cunho sócio-histórico da sede urbana do município de Marechal Deodoro, visando o tombamento federal da velha capital, percebemos nitidamente a influência do contexto em que as manifestações se formaram e suas influências. Ainda que muitas dessas manifestações tivessem raízes religiosas cristãs, nas festas populares comumente o sagrado e o profano coexistiam, complexificando o tema. Não tenho a intenção de me aprofundar nele aqui, pois a foco por ora é visualizar os rastros dessa influência. Mas a complexidade do tema o torna absolutamente interessante e vale o aprofundamento em outra pesquisa.

Muito apresentado nas Festas de Natal (ou de Final de Ano), através de cantigas e danças de cunho religioso, é constituído por jornadas soltas de temáticas alusivas ao nascimento de Cristo, ou mesmo profanas. (...) O pastoril apresenta-se todas as noites das festas do período natalino (...) sendo também convidado para abrilhantar festas natalinas armadas em cidades que não detêm tradição de formalização deste folguedo. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 114-115)

Nos primeiros anos do século XX, os pastoris estavam consolidados e **aceitos**, provavelmente por terem perdido algumas das suas características mais **profanas**. Uma nota publicada no *Gutenberg* do dia 6 de janeiro de 1906 anunciava que em **Bebedouro** haveria “diversas festividades, entre as quais se notam cavalhadas, **pastoris**, pau de sebo e outras” (EDIBERTO TICIANELLI, 2018b).

Em Marechal Deodoro o pastoril de maior referência é o da Mestra Vandete Correia, que também desenvolve a aptidão artística do bordado do Filé. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 115)



Figura 41 - Pastoril em Maceió. Fonte: História de Alagoas.

Figura 42 - Chegança em Maceió, 1905. Foto de Luiz Lavenère Wanderley. Fonte: Arquivo Nacional do Brasil.

Chegança: Folgado que canta tema marítimo alusivo às dificuldades enfrentadas em uma travessia oceânica, como tempestades e rivalidade entre os marujos, fazendo ainda referência às recorrentes lutas entre cristãos e mouros, considerados infiéis pelo culto a Maomé. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 116)

Cavallhada: Folgado em que é também muito acirrado a polaridade do Vermelho e do Azul. É formado por duas filas de cavaleiros (12) vestidos nestas duas cores, formando os pares, montados em animais também enfeitados com estes mesmos tons. De lanças empunho, disparam estes cavaleiros como objetivo de alçarem golgas nos mastros, tentando atingir a vitória da competição para um dos cordões (Azul ou Encarnado) (...) “Desfile, corrida de cavalos e jogos das argolinhas, realizado em amplas praças próximas às igrejas. Teve origem nos torneios medievais, (...)” (FRANÇA In PEDROSA, 1999, In JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 117)

Baianas: Dança apresentada por figurantes femininos, com um quadro acentuado de evoluções feitas ao som de instrumentos de percussão, e na sequência de “cantigas” ou marchas de entrada (abertura) seguidas por peças variadas e por uma última, de despedida. Sem um enredo determinado, as figurantes cantam temas circunstanciais

e líricos. (...) É um folguedo muito apresentado nas festas de final de ano e na Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem ao lado do Guerreiro. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 117)



Figura 43 - Cavalhada na Rua Cônego Costa em Bebedouro, Maceió - 1955. Foto de Marcel Gautherot. Fonte: Instituto Moreira Sales.
Figura 44 - Baianas Recordar é Viver, agosto de 2014 - Orla da Ponta Verde - Maceió. Fonte: ASFOPAL.

Fui passear em Palmeira

Com a baiana dengosa

De lá eu fui a Viçosa

Um café eu fui tomar

Comecei a salivar

Pra ver o que ela dizia

O nome dela é Luzia

Rainha do Baianá

Ba noite povo que eu cheguei

Mais outra vez apresentá meu baianá

Eu vou cantar com muita alegria

Vou apresentá essas baiana da Maria

Jacarecica, Ponta Verde, Morro Grosso

Levada, Cambona e Poço, Bebedouro, Jaraguá

Coqueiro Seco de outro lado da lagoa

Se atravessa na canoa, Lamarão é no Pilar

Esse ano eu vou a capital do Rio

Olho o tombo do navio, meu Baianá

Nb lugar que a minha mestra dança

Ela fez umjeitinho de admirar

Música interpretada por Alessandra Leão, provavelmente coletada de algum grupo de Baianas de Alagoas.

Olha o buraco do barreiro, cavaleiro

Bravo do carro carreiro desviou pra não virar

Abeia ufamo tubibura usu mirim

Boca de sirimbucó, jataí, aripuá

Ainda essa noite meu cachorro acou um bicho

Mas eu levo de capricho minha pistola metá

São sete machado com dezoito caripina
Cortando madeira fina pra fazer meu tabuado
Fazer meu tabuado, cortando madeira fina
São sete machado com dezoito caripina

Tava no Orato, do Orato para Monteiro
De Monteiro para o Orato, do Orato pra Juazeiro

Depois do Orato eu voltei para Monteiro
De Monteiro para o Orato, do Orato pra Juazeiro

Baianá, baianá

Música interpretada pelo grupo Barbatuques. Provavelmente coletada de um grupo de bairns. A música faz menção à diversos bairros de Maceió e lugares da região das lagoas como Lamarão e Coqueiro Seco.

Guerreira: Este folguedo é sempre escolhido em Marechal Deodoro para compor representações mirins tanto nas ruas da cidade e povoados, como em ambientes ligados à atividades escolares, de modo que mesmo desta forma a essência de seu conteúdo é transmitida. Além de apresentado na festa Nosso Senhor do Bom Fim já é tradicional na festa de Boa Viagem. Tem ele um vasto elenco de figurantes, destacando-se: o rei, a rainha, mestre, contramestre, palhaços, além de outros. As indumentárias são multicoloridas e o destaque maior fica por conta dos altos chapéus recobertos com muitos adornos espelhados e em fitas coloridas. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 118)



Figura 45 - Guerreiro alagoano em 1943, Maceió. Foto de Marcel Gautherot, acervo do Instituto Moreira Sales.

Figura 46 - Guerreiro alagoano do Mestre Jorge Ferreira. Foto de Leo Villanova¹⁵.

¹⁵ Disponível em: <https://projetoalagoas.com/a-alegria-e-representatividade-do-guerreiro/>. Acesso em março de 2024.

Brincadeiras de Carnaval: Dentre as tradicionais 'Brincadeiras de Carnaval' que ocorrem na cidade e também povoados, encontram-se manifestações decorrentes diretas de alguns folguedos bem configurados, - Bumbas meus Boi, Guerreiro e Reisado - como é o caso dos 'Boi de Carnaval'. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 118-119)

Boi de Carnaval: Na investigação de sua procedência, o folclorista o situa como de raiz mista (européia, africana e ameríndia) que veio a se tomar em um folguedo carnavalesco de estrutura simples, composto por 2 integrantes: o condutor e o Boi, este escondido sob uma "(...) armação de madeira, recoberto com tecido vistoso e chitão que constitui o couro do boi. Sai às ruas durante os três dias de carnaval, fazendo pechincha de dinheiro, de bebidas ou vendendo o boi" (FRANÇA, In: PEDROSA, 2000). O 'Boi de Carnaval' sai percorrendo várias ruas da cidade no período carnavalesco e atrai espectadores e até um relativo cortejo de crianças e adolescentes que o acompanha e observa as evoluções que faz ao se defender do seu condutor, que por vezes o instiga com uma varinha ao mesmo tempo em que se dirige, por muitas vezes, ao público, para as negociações de pechincha. É uma das animações de rua carnavalesca, bastante apreciada pelos maceióenses. (JOSEMARY FERRARE, 2002, p. 119)



Figura 47 - Vivência com Bumba Meu Boi - Andança Negra, Maceió, Fevereiro de 2020. Acervo da autora.

Figura 48 - Festival de Bumba meu Boi de Maceió, 2023. Foto de Edvan Ferreira.¹⁶

¹⁶ Disponível em <https://www.jornaldealagoas.com.br/entretenimento/2023/12/14/4419-30o-festival-do-bumba-meu-boi-tem-inicio-nesta-sexta-15-na-praca-multieventos#:~:text=O%20tradicional%20Festival%20do%20Bumba,de%20divers%C3%A3o%20para%20o%20p%C3%ABlico.> Acesso em 26 de fevereiro de 2024.

Com a transferência da capital, as festas religiosas e o arcabouço das manifestações populares passaram, aos poucos, a também a se centralizar em Maceió. Há diversos registros de festas, principalmente nos bairros lagunares, a exemplo da festa da Nossa Senhora da Guia, no Trapiche da Barra, com registros da década de 1950, e do Natal do Major Bonifácio em Bebedouro, festa essa que ficou largamente conhecida na cidade.



Figura 49 - Festa de Nossa Senhora da Guia, 1952 - Trapiche da Barra. Acervo do Arquivo Público de Alagoas.

Figura 50 - Natal do Major Bonifácio, 1923 - Bebedouro. Fonte: História de Alagoas.

As manifestações populares e os elementos naturais estão, no modo de viver anfíbio da região dos canais e lagoas, intimamente ligados, compondo o imaginário urbano-natural-urbanizado que se deitou e se deita sobre todos os núcleos de povoação, maiores ou menores da região que envolve as lagoas Manguaba e Mundaú. Essas é a cultura lagunar a que se refere Dirceu Lindoso, e antes dele, Octávio Brandão. Esse imaginário foi perdendo força na capital, e vem sendo cada vez mais marginalizado por ser um imaginário profundamente ligado aos povos originários e pobres, negros e indígenas, desde sua origem. Ao mesmo tempo, uma outra força subjetiva que também forma o imaginário urbano-natural-urbanizado maceioense, a força urbano-industrial, foi ganhando força e foi paulatinamente aterrando a cultura anfíbia em seu ímpeto de pertencer a cena nacional brasileira. Esse processo, muito complexo e cheio de diferentes camadas vai gerando conflitos e discussões entre intelectuais estudiosos da cultura alagoana, que, no entanto, sentem falta da presença das dinâmicas urbanas e/ou de outros elementos que não só os naturais no imaginário coletivo de Maceió. O que é uma questão importante a

se considerar, tendo sido estudada por diversos autores já mencionados aqui, como Dirceu Lindoso e Raquel Rocha. A autora, em sua tese de doutorado, fala sobre a presença dos elementos naturais nas representações e elaborações de símbolos locais:

Na realidade, representações se valendo de elementos naturais em geral (e não apenas daqueles associados ao isolamento), podem ser encontradas na literatura e na historiografia locais, além de poderem ser localizadas nas já citadas marcas turísticas e oficiais da cidade. Tais imagens realizam, em realidade, nós o veremos, uma singular e delicada operação, em que o elemento natural tomado como fonte de representação ou, em todo o caso, de autorrepresentação, o é pelo absoluto esvaziamento de outras fontes inspiradoras, estas informadas a partir da existência de uma vida coletiva. A inexistência dessa vivência coletivizada – aqui manifesta enquanto experiência da falta ou da ausência, e da qual acreditamos derivar o sentimento de isolamento – é o que favorece a eleição do elemento natural como imagem representativa da cidade. Veremos que a operação pela qual a natureza se torna álibi do sentimento mais generalizado de isolamento é regida pelo desligamento das formas representativas históricas, por uma preferência pelo “de fora” em detrimento ao que é “de dentro”, e por uma busca do genérico em lugar do particular. (RAQUEL ROCHA, 2018, p. 33-34)

A “preferência pelo de fora”, citada por Raquel Rocha no fragmento acima, como autorrepresentação, pode ser entendido como um indicativo de uma insegurança ontológica muito profunda, ancorada justamente no desenvolvimento urbano sob uma expectativa específica de cidade ideal, à qual Maceió nunca conseguiu alcançar. A forte presença desse discurso da falta até hoje, por sua vez, expõe, a flagrante ignorância de nós mesmos e de nossos processos de subjetivação coletivos. Nos pega desprevenidos em meio à vontade de pertencer a qualquer custo. O sentimento de isolamento, nesse contexto, faz total sentido, pois quando perdemos a conexão conosco, nos sentimos apartados de tudo e de todos, sozinhos.

Uma sociedade construída sobre uma base estrutural de natureza e influência indígena forte, como é Maceió e a região dos canais e lagoas, há de carregar em seu modo de viver urbano rastros dessa vivência, neste caso, a presença inegável das águas – salgadas, salobras e doces. Entender a força natural que incide sobre um lugar é importante, pois essa força geralmente tem uma transferência clara na vida cotidiana, mesmo que o espaço vá sendo modificado fisicamente pelo homem, essa força continua existindo, pois é a força natural daquele lugar. Em Maceió é possível identificar o ritmo cíclico, a dinâmica urbana predominantemente diurna, a

presença de uma “natureza” muito exuberante na malha urbana – as praias urbanizadas e a lagoa Mundaú, apesar de toda degradação ambiental. Ainda assim, o tema é bastante complexo, pois apesar dessa presença fortemente sentida de forma mais ou menos consciente pela população, é também muito comum o corte constante das poucas árvores que restam na malha urbana, por exemplo.

Esse fenômeno acontece pelo menos desde o início do século XX, com o famoso corte das gameleiras do Aterro de Jaraguá, cujas idades variavam de 80 a 100 anos. As árvores centenárias foram cortadas ainda nos anos 1911, pois os moradores da Avenida da Paz – estrada que ligava Jaraguá ao centro de Maceió, motivo pelo qual o aterro de Jaraguá foi feito – alegavam “que os morcegos, depois de comerem os frutos, satisfaziam suas necessidades fisiológicas nas frentes das casas daquela artéria (...) além disso, as raízes se estendiam demasiadamente, prejudicando o calçamento da rua e os alicerces dos prédios” (FÉLIX L. JÚNIOR, 2014, P. 110). O aterro de Jaraguá ou Avenida da Paz, foi construída não só para conectar as duas partes mais importantes da cidade, mas também já se previa que seria o novo lugar de moradia da elite maceioense, de comerciantes ricos que tinham interesse em morar perto do porto, ainda que afastado o suficiente do convívio com trabalhadores portuários e prostitutas.

“À noite um carro buzinou à porta, e Marina saiu de casa, bem-vestida como as senhoras do Aterro quando vão às festas da Associação Comercial. (...) Cinco dias seguidos a mesma cena se reproduziu. Marina atrasou a calçada como andar seguro das senhoras do Aterro, o peitilho engomado brilhou, o ar se encheu de uma estranha mistura de gasolina e perfumes.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 139)

Não era por mais nem por menos que Jaraguá tinha um aspecto desagradável. Muito progresso, muita mudança, muita gente trabalhando junta e confinada, trapicheiros estivadores, barcaceiros no porto, escriturários, comerciantes grandes e pequenos, funcionários aduaneiros, biscateiros, cocheiros e cobradores, carroceiros, raparigas da vida e seus fregueses, os vagabundos de rua, os desocupados e facadistas, viajantes e marinheiros querendo viver o início do século, como se tudo agora fosse diferente e prazenteiro, que tinha de ser gozado com sofreguidão (...). E assim Jaraguá recebeu o Século XX (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 70).

No conjunto habitacional onde cresci, na Jatiúca, bairro litorâneo da capital alagoana nos anos 1990, havia muitas amendoeiras que foram plantadas junto com a construção dos prédios e casas e que ajudavam a sombrear as fachadas dos

edifícios expostas à incidência solar intensa da face poente. Vi inúmeras amendoeiras sendo cortadas e ouvi essa mesma alegação de dano nas encanações dos prédios e da "sujeira" que as folhas caídas faziam. Nota-se que a relação da vida urbana como conhecemos e a "natureza" é bastante conflituosa. Ainda assim, penso que, no caso de Maceió, a presença dos elementos naturais, especialmente as águas, dentro do contexto urbano é um fator mais importante para sua constituição subjetiva do que se costuma pensar.

"Mas nunca poderia dizer (*a raposa*) se esse instante em que herdara o sentimento de seu ambiente natal transcorreria de dia, sob o sol que fazia com que as carnaubeiras fremissem ou se fora à noite, quando a terra bebe a claridade das estrelas. Também não lhe seria possível discernir se, naquele momento remoto, ela morava na Zona da Mata, onde os canaviais haviam crescido no lugar das imemoriais florestas varridas a fogo, e os caetés perseguidos pelos colonizadores se haviam esvaído, ou se esse minuto já defunto se diluíra de si mesmo em outra paisagem, entre mandacarus e coroas-de-frade." (LÊDO IVQ, 2015, p. 15, grifo meu)

Maceió desenvolveu um imaginário próprio de sua subjetividade, especialmente depois de ganhar o status de capital, quando estava em franca expansão, a partir do século XIX. O porto de Jaraguá enquanto motivador de uma dinâmica intensa de exportação, como vimos anteriormente, de madeiras das matas alagoanas e açúcar, foi paulatinamente roubando para Maceió o poder da antiga capital, Alagoas do Sul. A força subjetiva originada das dinâmicas urbanas presentes nesse momento e contexto também formaram o que é Maceió hoje, e a diferenciou do modo de viver anfíbio, sua influência primordial.

É o surgimento de Maceió, sua vitória política de ser capital da província, que vai amaciar as contradições sociais e econômicas dos dois modelos de colonização e, ao mesmo tempo, esgotará economicamente os dois modelos, fazendo cidades como Penedo e Porto Calvo entrarem em decadência. Maceió, hoje, concentra toda a riqueza econômica produzida em Alagoas, toda a produção cultural e todo o trabalho intelectual. O preço da modernidade do seu urbanismo é a decadência de quase todas as cidades de Alagoas. (DIRCEU LINDOSO, 2019, p. 63)

Quando Póvoas transpôs a ponte de madeira sobre a Lagoa D'Água Negra (1818), a sociedade local passava por um daqueles surtos de modificação e Jaraguá devia interpretar o novo quadro devido ao seu comércio. Já era próspera a classe dos burocratas administradores e dos homens do Fisco, da Justiça, do Clero, das tropas de Linha e Milícia, dos comerciantes que tomavam o lugar dos senhores-de-engenho distantes em suas terras e afazeres, mergulhados numa certa carapaça de poder, mas afastados das fortunas e do prestígio os novos tempos. Endividados nesta época, dána lugar à pequena fidalguia dos descendentes de mascates, dos que arnealhavam fortunas na exportação de couro, algodão, açúcar, aguardente, madeiras, fumo. E foi esta gente que edificou o bairro portuário da Vila, antes um ajuntamento desordenado, local de botes, catraias, estaleiros velhos, alguns armazéns, inclusive o Real, e um rudimento de fortificação militar, querendo isso dizer que foram os burgueses e a Administração Colonial e não os proprietários de terras os construtores de Jaraguá. (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 32)

Pouco mais adiante, em 1835, o marinheiro britânico Sir Ross declarou o que se sabia por aqui: “Maceió é a única ancoragem conveniente que existe entre a Baía de Todos os Santos e Pernambuco”. E se referiu à importância de Jaraguá no conjunto da Província assim no porto “se faz um comércio muito considerável e se têm relações muito extensas com o interior. Os víveres e os refrescos são obtidos a um preço moderado e se pode facilmente arranjar água excelente em uma pequena fonte junto da praia, na Enseada da Pajuçara”. (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 42)

“O aspecto das edificações não apenas confirma o grande avanço que Maceió teve com a chegada do Governador Póvoas, como as motivações econômicas promovidas desde 1822, pela exportação de açúcar, algodão e fumo para os portos da Europa, especialmente da Inglaterra” (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 43).

O esforço do Barão de Sinimbu e seus aliados para trazerem a capital para Maceió em 1839, pode ser entendido pelo progresso que Jaraguá teve nesta fase. O local já tomava aspecto de bairro ou arrabalde de Maceió, pelo porte de suas edificações e ruas. Era a marcha inexorável do tempo e o início de uma arrancada de progresso na esteira da Revolução Industrial. (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 43)

Jaraguá de 1902 tinha oito mil habitantes, quatro vezes mais que nos meados do século anterior. Havia no bairro quarenta e cinco ruas, duas praças e três mil edificações diversas. Não havia mais escravos e os tempos eram de novidades mecânicas, modernismo e velocidade antes desconhecida, palavra solta, imitação da moda estrangeira, vontade de ficar livre do controle econômico de Pernambuco e da Bahia, para exportar tudo que desse dinheiro, negociar diretamente com a Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 54)



Figura 51 - Praça Wanderley de Mendonça - Jaraguá, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.

Figura 52 - Panorâmica de Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.

“À medida que o carro se afasta do centro sinto que me vou desanuiando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca. Do lado esquerdo são as mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma ratuína. Do lado direito, navios. Às vezes há diversos ancorados. Rolam bondes para a cidade, que está invisível, lá em cima, distante. Vida de sururu. (...)”

O bonde chega ao fim da linha, volta. Bairro miserável, casas de palha. Crianças doentes. Barcos de pescadores, as chaminés dos navios, longe.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p.11)

Baseado no satírico “O Bacurau”, um jornal da década de 1920-30, José Maya Pedrosa, faz um apanhado dos anúncios, resenhas, charges e artigos do “orgam ultra social anti-político e humorístico” para tentar compor a paisagem social-urbana de Jaraguá no passar do tempo.



Figura 53 - Edição 225 de O Bacurau, 6 dez. 1930. Disponível em: <https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=14343243>. Acesso em: Mar. 2024.

Devido aos constantes atropelamentos pelos trens da Great Western, principalmente próximo da cancela da Sá e Albuquerque, um popular chamado Aloísio, exaltado, dizendo-se indignado com a omissão das autoridades, deu vários tiros de revólver numa composição ferroviária que cortara os pés de uma criança, dias depois de atropelar um burro e de matar uma senhora distraída. O povo chegou a apelidar a locomotiva de “sanguinolenta”. (...) Mas, no final, confirmava-se, o alagoano é assim mesmo, chora, chora, mas logo vai sorrir, uns com as tolices dos outros. Ninguém jamais morreu porque chorava nessas bandas de Jaraguá. (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 110).

Se tomássemos o bonde desfilariamos pela Sá e Albuquerque e entraríamos na Avenida da Paz, felizmente já distantes do cruzamento da linha com a Great Western, onde havia o perigo da cancela aberta para a composição prestes a desfilarem pelo cruzamento da rua, instantes depois levando o bonde de lado e fora dos trilhos, gritos das mulheres, gemidos dos machucados. Mas chegamos incólumes perto da curva que nos levaria à ponte sobre o Salgadinho, na Praça Sinimbu, e escutamos alguns gritos: - Olha o poste! Olha o poste! Cuida do cocô! Era um poste que, fincado durante muitos anos no meio-fio, esperou e encontrou o crânio de vários incautos e distraídos, pendurados no estribo, que foram dormir no Pronto Socorro com as pernas cortadas ou no Cemitério da Piedade com os pés juntos. O perigo ficava plantado a um metro da linha e a poucos centímetros pelas costas dos “morcegos” como apelidaram os pingentes acumulados e pendurados uns sobre os outros nos estribos, “morcegando”. Cenas como essas inspiraram a imaginação popular para outras histórias incríveis e difíceis de acreditar, como a do movimento das tábuas que formavam os bancos, abrindo espaços momentâneos entre elas, beliscando e prendendo dedos, gorduras e partes proeminentes do corpo dos passageiros do sexo masculino que usavam calças mais folgadas. Naquela curva da Rua do Araçá para a Sá e Albuquerque, muita gente tinha os testículos amassados por não escutar ou não acreditar nas advertências do povo: - Olhe a curva! Olhe a curva! (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 91).

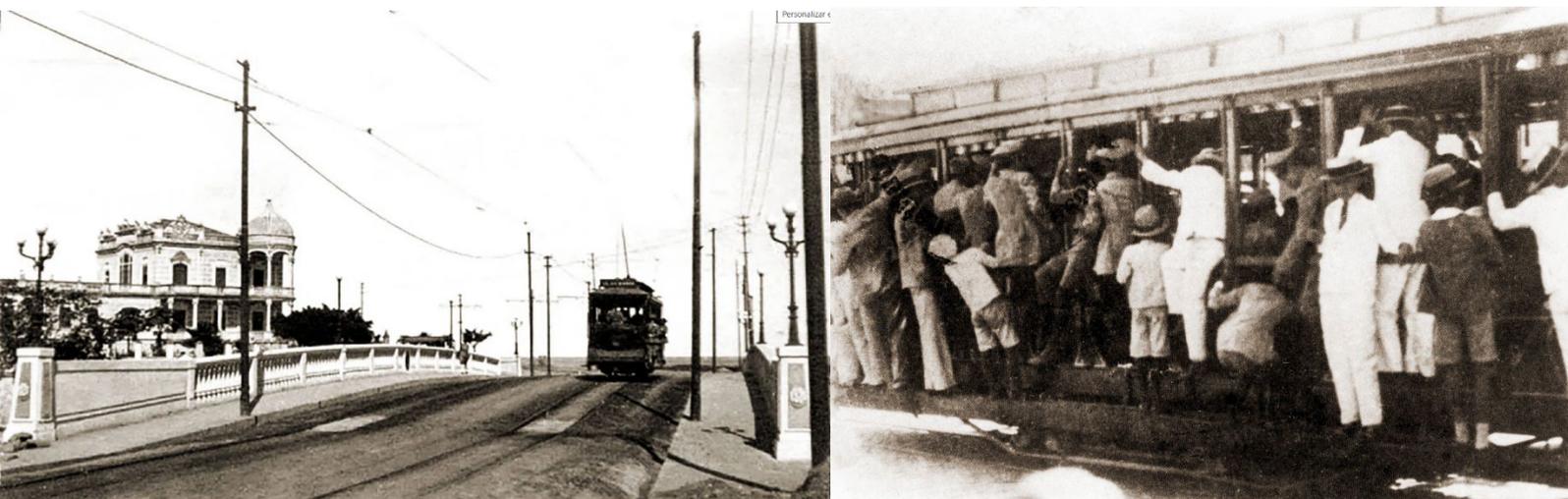


Figura 54 - Bonde sobre ponte dos Fonseca, em alvenaria. Praça Sinimbu. Fonte: História de Alagoas.

Figura 55 - Bonde pós jogo CSAxCRB no Mutange. Fonte: História de Alagoas.

Mas quem tinha mesmo razão de chorar eram os populares que sofriam os efeitos daninhos das constantes crises econômicas, do atraso, da falta de higiene e inação das autoridades. E então reclamavam de tudo: do Mercado São José sempre sujo e cercado de restos de verdura, carne podre, lama e águas servidas, fezes e mijo, dos ratos que uma vez mataram e comeram um porco velho preso de sábado para segunda-feira, sem poder gritar, coitado, porque lhe amordaçaram o queixo. Reclamavam dos paralelepípedos proeminentes, das horas desaceleradas dos relógios públicos, das sarjetas onde cresciam piabas e carás, larvas de mosquito, das más-criações dos vendedores de peixe e da ganância dos pombeiros (intermediários), da falta de emprego, da brutalidade dos carroceiros, dos moleques e maloqueiros que se juntavam para maconhar na praia e nos quintais baldios, dos perigos de atropelamento pelos bondes e trens na famosa cancela da Great Western, das enchentes como a de 1924 e das autênticas lagoas que se formavam no inverno, como a do Rayol e da Rua do Araçá com a Rua do Cravo, da incapacidade da Profilaxia Rural e do preço dos alimentos, passagens, tecidos (JOSÉ M PEDROSA, 1998, p. 109).

As casas dormiam e pareciam ainda mais acachapadas, mesmo as que possuíam mais de um pavimento. Os homens e mulheres dormiam cheirando a suor, a esperma, ao açúcar que há séculos escorria da paisagem a uma secreção qualquer, eles dormiam na noite vidrada, e sonhavam e se agitavam enquanto morcegos balançavam como lâmpadas nos caibros dos telhados e mosquitos zuniam e ratos e baratas se movimentavam desembaraçadamente na escuridão. (LÉDO IVO, 2015, p. 12)

Araposa atingiu a primeira rua de paralelepípedos, cruzou obliquamente uma linha de bonde, desceu a ladeira dos Martírios, e começou a vagar pelas ruas estreitas do centro da cidade. (LÉDO IVO, 2015, p. 11)



Figura 56 - Rua Floriano Peixoto, centro - Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.
Figura 57 - Ladeira dos Martírios, s/d. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

A cidade tapadiça, que tem em seu imaginário o desejo de se encaixar na lógica “burguesa-mercantil” (Dirceu Lindoso, 2015) em vigor, quando começou a ganhar o status de cidade, a partir do século XIX, é uma cidade que vai negando sua anfibilidade, na tentativa de acompanhar os novos tempos. Para a cidade tapadiça, água e pântano precisam ser tapados, precisam não existir. A higiene e embelezamento precisa acontecer – dentro de moldes muito específicos. A cidade tapadiça precisa ostentar urbanização, status, poder e dinheiro para ser reconhecida como uma cidade importante. Esse movimento subjetivo, aliado a uma situação concreta de degradação ambiental pela aglomeração de pessoas sem infraestrutura ou planejamento urbano, levou Maceió – e muitas outras cidades da época – a promoverem reformas urbanas no intuito de melhorar as condições sanitárias de habitação e circulação no espaço e embelezar o ambiente, “dar cara de cidade”, de “civilização” ao espaço urbano.

Esse imaginário tapadiço começou pelo porto do mar. Foi Jaraguá que trouxe a possibilidade da cidade que quer se encaixar, de fato vir a existir. Essa cidade, portanto, está profundamente ligada às dinâmicas portuárias. A formação de uma cidade mercantil portuária de exportação tem sabor de mar e relação com estrangeiros desde sempre. É uma cidade que sente o peso da influência estrangeira, indo e vindo, e uma certeza na qual não se quer acreditar, um receio, de que vai ser usada paira constantemente no ar. Por isso é uma cidade desconfiada. Mas também curiosa.



Figura 58 - Estátua da Liberdade e Zeppelin, Jaraguá, 1935. Fonte: Prefeitura de Maceió.

“Pensei no jornal francês lido na véspera e aqui chegado vinte e quatro horas depois de publicado. As notícias dos municípios sertanejos do meu Estado chegam mais atrasadas que um número de jornal europeu.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 210)

É tido como certo que foi naquela noite de regalório que os alagoanos inventaram o uísque com água de coco, pois a presença dos marinheiros norte-americanos fizera com que, em certas mesas a bebida escocesa se juntasse às comidas e bebidas nativas e conspícuas. De qualquer forma, houve uísque e água de coco, juntos ou separados. Foi servido o melhor cachimbo imaginável, feito da própria cachaça do Engenho Coruripe com o mel de abelha uruçú. Emuitos dos convidados e penetas cortavam a bebida com pedacinhos de caju, que não eram aliás, o único tira-gosto, pois nos pratos de louça florida havia um despotismo de bocas-de-uçá cozidas e enfeitadas com um raminho de coentro, ou à milanesa. (LÊDO IVO, 2015, p. 132)

Casa Voa e Retrato espaço cultural apresentam:

inventário guilherme borsatto

Meu amor,

É engraçado, mas foi só quando cheguei ao Rio de Janeiro que percebi se tratar de uma cidade portuária. Testemunhei idas e vindas e concluí que o porto é um convite para o viajante chegar ou partir.

Permanecer nele é habitar esta intersecção entre o início e o fim. Nesta tensão entre afeto e permanência revela-se a semelhança entre o luto e a paixão. São dois vetores exatamente iguais, coreografados indissociavelmente. Negação, raiva, barganha, depressão e aceitação definem, simultaneamente, as pulsões de vida e de morte.

Então procuro nas nossas cartas os versos dessa espera.
Nossas histórias de fantasmas.

Lembro-me de tudo o que gostaria de manter, mas a verdade é que tenho uma profunda paixão em assistir ao seu desfazer.

Penso nos jardins de infância onde se formam os homens, e no meu aniversário de um ano, quando minha mãe me vestiu de marinheiro. Talvez seja este o meu destino: enquanto em casa, sonharei com as promessas do mar, e enquanto no mar, sonharei com o útero da minha casa.

Chegada e partida são os ventos que guiam minha deriva nos oceanos formados por maternais lágrimas de saudade.

E durante toda a viagem escuto as sereias cantarem: "não me diga adeus".

-Guilherme Borsatto

Eram os noivos que viajavam em busca de situação melhor, bacharéis que conseguiam cargos de promotor e até de juiz no distante Pará, jovens aventureiros que iam sentar praça no Rio de Janeiro, estudantes nos colégios e faculdades da Bahia e do Recife ou até mais distantes, deixando lágrimas "sentidas e sinceras". Era uma velhinha mãe acenando lenço ensopado de lágrimas para os lados do filho querido que, descendo as escadas da ponte para o bote, olhava para cima quase a chorar, sofrendo assim para um dia "ser gente, fazer figura". Muitos saíam da província num clima de desconfiança, um desfalque em que ficaram suspeitos, um defloramento onde não queriam casar, uma dívida muito atrasada, uma acusação qualquer de conspirador numa daquelas arruaças, uma briga com o pai. Mas sempre lá estavam as mocinhas, noivas, amigas, irmãs, primas chorosas, despedidas, flores, corações partidos, independente mesmo do motivo da viagem (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 86)

Nesse meio tempo, me pego pensando nas inúmeras histórias e menções literárias à marinheiros estrangeiros fazendo arruaça e sendo mangados por maceioenses nas imediações de Jaraguá. Histórias essas, muito típicas da cidade dos homens e seus lazes boêmios e livres pelas ruas e águas. Até agora, pelo menos, foi assim que pensei. Mas depois de ser atravessada por Cynthia Fortes e seu porto de

Jaraguá, poder central na gênese da cidade de Maceió, fico agora imaginando que tais histórias portuárias, de bebedeiras, prostitutas e brigas, compõem também o imaginário de fundação da cidade, é a cidade urbanizada, tapadiça. Não que essa cidade não seja mais dos homens. Continua sendo, e isso é outro ponto por onde se pensar a subjetividade maceioense e os elementos de sua formação social-urbana.

Me lembrei então, de uma crônica que li no site História de Alagoas, “Inglês na chuva”, e fui pesquisar sua fonte primária. Me deparei com o jornal “Orbe” dos anos 1890. Acredito que esses jornais antigos, de escrita menos engessada, capturam bem a alma de uma época, e são, portanto, uma boa fonte para capturar subjetividades. Achei que montava bem aqui a crônica, além de ser muito gostosa de ler.

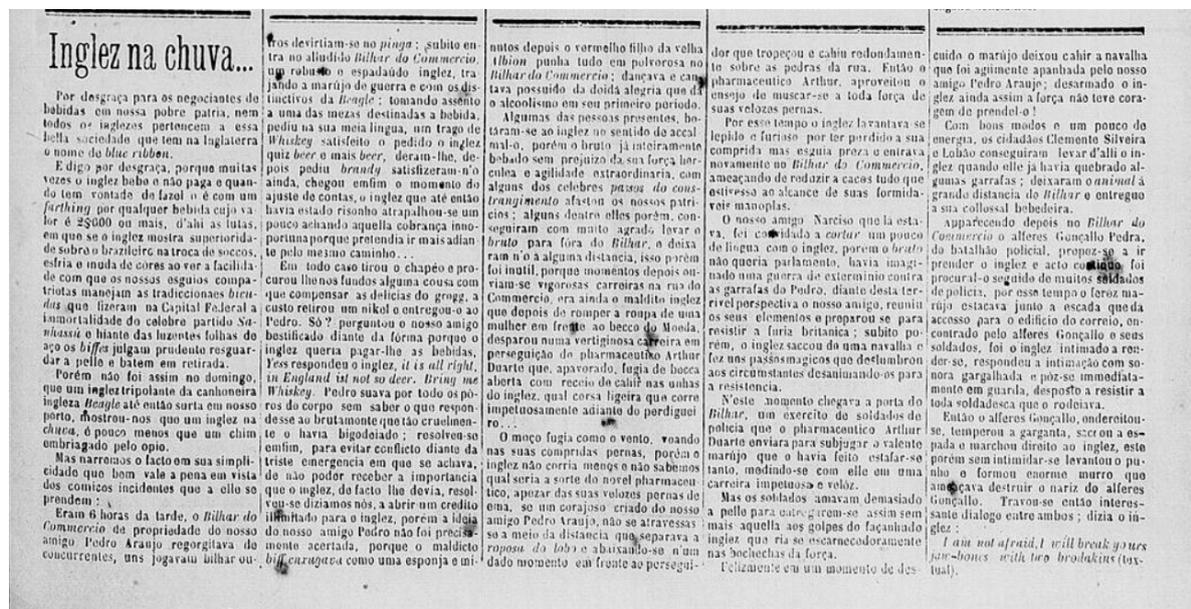


Figura 59 - Jornal “Orbe”, 7 de outubro de 1898, Maceió. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em 15/01/2024. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=260959&pagfis=6071>.

“Por desgraça para os negociantes de bebidas em nossa pobre pátria, nem todos os ingleses pertencem a essa bella sociedade que tem na Inglaterra o nome de *blue ribbon*. Edigo por desgraça, porque muitas vezes o inglês bebe e não paga e quando tem vontade de fazê-lo é com um *farthing* por qualquer bebida cujo valor é 2\$000 ou mais, daí as lutas em que, se o inglês mostra superioridade sobre o brasileiro na troca de socos, esfria e muda de cores ao ver a facilidade com que os nossos esguios compatriotas manejam as tradicionais bicudas que fizeram na Capital Federal a immortalidade do célebre partido Sanhassú e diante das luzentes folhas de aço os *biffes* julgam prudente resguardar a pele e batem em retirada.

Porém não foi assim no domingo que um inglês tripulante da canhoneira inglesa Beagle, até então surta [ancorada] em nosso porto, mostrou-nos que um inglês na chuva é pouco menos que um chinês embriagado pelo

ópio. Mas narremos o fato em sua simplicidade, que bem vale a pena em vista dos cômicos incidentes que a ele se prendem

Eram 6 horas da tarde, o Bilhar do Commercio de propriedade do nosso amigo Pedro Araújo regurgitava de concorrentes, uns jogavam bilhar, outros divertiam-se na pinga; súbito entra no aludido Bilhar do Commercio um robusto e espadaúdo inglês, trajando a marujo de guerra e com os distintivos da *Beagle*, tomando assento em uma das mesas destinadas a bebida, pediu na sua meia língua um trago de *Whiskey*. Satisfeito o pedido, o inglês quis beber *beere* mais *beer*; deram-lhe, depois pediu *brandy*, satisfizeram-no ainda. Chegou enfim o momento do ajuste de contas. O inglês, que até então havia estado risonho, atrapalhou-se um pouco achando aquela cobrança inoportuna porque pretendia ir mais adiante pelo mesmo caminho..

Em todo caso, tirou o chapéu e procurou-lhe nos fundos alguma coisa com que compensar as delícias de grogg. Acusto retirou um níquel e entregou-o ao Pedro. — Só? Perguntou o nosso amigo bestificado diante da forma como o inglês queria pagar-lhe as bebidas. — *Yes*, respondeu o inglês. — *It is all right in England ist not so deer. Bring me Whiskey*. Pedro suava por todos os poros do corpo sem saber o que respondesse ao brutalmente que tão cruelmente o havia bigodeado. Resolveu-se enfim para evitar conflito diante da triste emergência em que se achava, de não poder receber a importância que o inglês, de fato lhe devia, resolveu-se, dizíamos nós, a abrir um crédito ilimitado para o inglês, porém a ideia do nosso amigo Pedro não foi precisamente acertada, porque o maldito *biff* enxugava como uma esponja e minutos depois o vermelho filho da velha Albion punha tudo em polvorosa no Bilhar do Commercio; dançava e cantava possuído de doida alegria que dá o alcoolismo em seu primeiro período.

Algumas das pessoas presentes, botaram-se ao inglês no sentido de acalmá-lo, porém o bruto, já inteiramente bêbado sem prejuízo da sua força hercúlea e agilidade extraordinária, com alguns dos célebres passos do constrangimento, afastou os nossos patrícios; alguns dentre eles porém, conseguiram com muito agrado levar o bruto para fora do Bilhar, e deixaram-no a alguma distância, isso porém foi inútil, porque momentos depois ouviam-se vigorosas carreiras na rua do Commercio. Era ainda o inglês, que depois de romper a roupa de uma mulher em frente ao beco do Mbeda, disparou numa vertiginosa carreira em perseguição ao farmacêutico Arthur Duarte, que apavorado fugia de boca aberta com receio de cair nas unhas do inglês, qual corsa ligeira que corre impetuosamente adiante do perdigueiro..

O moço fugia como o vento, voando nas suas cumpridas pernas, porém o inglês não corria menos e não sabemos qual seria a sorte do novel farmacêutico, apesar de suas velozes pernas de ema, se um corajoso criado do nosso amigo Pedro Araújo não se atravessa-se a meio da distância que separava a raposa do lobo e abaixando-se num dado momento em frente ao perseguidor, que tropeçou e caiu redondamente sobre as pedras da rua. Então o farmacêutico Arthur aproveitou o ensejo de muscar-se a toda força de suas velozes pernas.

Por esse tempo, o inglês levantava-se lépido e furioso por ter perdido a sua cumprida, mas esguia presa, e entrava novamente no Bilhar do Commercio, ameaçando de reduzir a cacos tudo que estivesse ao alcance de suas formidáveis manoplas. O nosso amigo Narciso, que lá estava, foi convidado a cortar um pouco de língua com o inglês, porém o bruto não queria parlamento, havia imaginado uma guerra de extermínio contra as garrafas do Pedro. Diante dessa terrível expectativa, o nosso amigo reuniu os seus elementos e preparou-se para resistir à fúria britânica. Súbito, porém, o inglês sacou de uma navalha e fez uns passos mágicos que deslumbrou aos circunstantes, desanimando-os para a resistência.

Neste momento chegava à porta do Bilhar um exército de soldados de Polícia que o farmacêutico Arthur Duarte enviara para subjugar o valente marujo que o havia feito estafar-se tanto, medindo-se com ele em uma carreira impetuosa e veloz. Mas os soldados amavam demasiado a pele para entregarem-se assim sem mais aquela aos golpes do façanhudo inglês, que ria-se escamecedoramente nas bochechas da Força.

Felizmente, em um momento de descuido, o marujo deixou cair a navalha, que foi agilmente apanhada pelo nosso amigo Pedro Araújo; desarmado o inglês, ainda assim a Força não teve coragem de prendê-lo! Com bons modos e um pouco de energia, os cidadãos Clemente Silveira e Lobão conseguiram levar dali o inglês, quando ele já havia quebrado algumas garrafas, deixaram o animal à grande distância do Bilhar e entregue à sua colossal bebedeira. Aparecendo depois no Bilhar do Commercio o alferes Gonçallo Pedra, do batalhão policial, propôs-se a ir prender o inglês e ato contínuo foi procurá-lo, seguido de muitos soldados de polícia. Por esse tempo, o marujo estacava junto a escada que dá acesso para o edifício do Correio [atual prédio da Delegacia do Ministério da Fazenda, em frente à Catedral]. Encontrado pelo alferes Gonçallo e seus soldados, foi o inglês intimado a render-se. Respondeu a intimação com sonora gargalhada e pôs-se imediatamente em guarda, disposto a resistir a toda soldadesca que o rodeava.

Então o alferes Gonçallo endireitou-se, temperou a garganta, sacou a espada e marchou direto ao inglês. Este, porém, sem se intimidar, levantou o punho e formou enorme murro que ameaçava destruir o nariz do alferes Gonçallo. Travou-se então interessante diálogo entre ambos; dizia o inglês: — *I am not afraid, I will break yours jaw-bones with two broadswords* (textual). O alferes Gonçallo dizia: — Seu mister inglês, estou lhe tratando muito bem mas se você me descarrega um murro, corto-lhe em pedaços coma espada (textual).

O nosso amigo Pedro Araújo, que estava presente, mostrava de balde os galões do oficial, o inglês porém ria-se a bom rir. — *Never mind*, dizia ele. O nosso Pedro, desapontado, invocava as lições que recebera da língua inglesa e formava frases nessa ordem: *inglish Jones, caminha glò Jaraguá shippis espera você, drinks non bones Maceió*. O marujo ria-se sementender patavina e o Pedro insistia ainda em forma de súplica: *caminha Jones! Drinks non mais, shippis géo, deixa você terro sururu*. O inglês pouco entendeu dessa nova algasovia e conservou-se fincado entre a parede e a escada do Correio. Se ali estivesse na ocasião o nosso amigo Zé da Vosta, resolveria a

questão com quatro palavras bastante inglesas e, lembrando do discurso preparado para o capitão Norfolk, do *Retribution*, diria logo ao inglês: *God save Victoria, mister Tandstichor oeh fosfor Jankapings, to be as not to be good sailor man of war*. E o marujo ouvindo aquele apelo aos seus brios ter-se-ia ido embora em procura da *Beagle* e no outro dia o jornal A Tribuna, pela pena de Illusio — o doutor de ... boubage — publicaria na íntegra o discurso do nosso simpático geólogo.

Porém Zé da Vosta lá não estava e a linguagem de Pedro era demasiada mista para ser compreendida pelo mata-menes que cada vez se esquentava mais. A situação era intolerável. As tentativas sucediam-se para se apoderarem daquele hercúleo John Bull e ele resistindo sempre. Eram já dez horas da noite quando, por infelicidade do inglês, passou em frente ao local das suas proezas, um soldado do 33º batalhão. Convidado para ver se ele sozinho conseguia aquilo que muitos soldados de polícia não puderam, o valente soldado não se fez de rogado e atirando-se resolutamente ao inglês esmurrou-o fortemente, fazendo-o cair de bruços sobre as lajes da calçada. — *Oh! Devil's man*, disse o inglês, *you aer very cross for me!*

Estava enfim vencido o brutamente e fácil foi então subjugar-lo e levarem-no aos trambolhões e debaixo de uma saraivada de socos até meio caminho de Jaraguá. Aqui termino a longa história das proezas que na terra alagoana fez o valente marujo da *Beagle*. Uma convicção, porém, ficou-me dos fatos relatados. É que o punhado de inválidos que constitui a polícia desta terra é sempre alguma coisa superior que a polícia de Londres. Ao sr. alferes Gonçallo Pedra, pretendo pedir permissão para parar pasmado perante polícia progressista provada paciência patenteada pública.

E então?"

Texto de autoria de Mandaimé, comentários entre parênteses de Ediberto Ticianeli no site História de Alagoas. Acessado em 15/01/2024. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/ingles-na-chuva.html>

Seguem-se as narrativas cheias de marinheiros estrangeiros, comidas das lagoas, bebidas dos engenhos e brigas com possibilidade de morte.

No momento em que algumas comidas faziam a sua entrada triunfal na sala, e o caldo fumegante do sururu de capote inebriava consciências e estômagos já cativados pela azulzinha de Coruripe, o poeta Armando Wucherer dissertava sobre suas origens étnicas. E garantia, mirando em roda, e o abrindo as narinas para o cheiro dos pitus cozidos e os olhos para os camarões que pareciam nadas no leite de coco: 'Em meu sangue, rodopiam os moínhos da Hblanda e florescem os vinhedos de Rend'.

Do outro lado as mesa, e ao lado de Guebiraba, o facínora Folho de Onça, notoriamente vinculado ao Sindicato da Morte, ouvia-o, deslumbrado, mastigando, com o restava de seus dentes cariados, nacos de carne de sol com farofa de bolão (...). Como havia marinheiros norte-americanos na cidade - e todos sabem que os marujos,

quando bêbados, gostam de brigar, puxar faca, quebrar mesas e cadeiras, passa seixo nas putas –, sua presença fora solicitada, uma presença preventiva e moralizadora recebida com efusão pela própria Dina (...).

E o que Alagoas tinha de melhor e mais letrado limpava travessas de sururu e de carapeba ao leite de coco e pedia mais fritada de siri. A um marinheiro, o poeta Armando Wucherer procurava (numa língua que, para Filho de Onça, deveria ser francês, ou inglês, ou alemão, pela simples razão de que não era língua de homem macho alagoano) inculcar algumas noções da riqueza de sua terra. Explicava-lhe, na verdade, Alagoas era um lençol subterrâneo de petróleo (...). E, embora os jornais do Rio – que exageram em tudo, apesar da censura do DIP! – vivessem propalando que, em Alagoas, imperava a lei da selva e do cão, devido aos frequentes crimes de morte (que tinham razões de natureza sociológica! Como costumava sublinhar, no foro e nas aulas, o professor Serafim Gonçalves), na verdade ela era uma doce terra de açúcar, conceituada até no estrangeiro. (...) uma terra azul e branca, e verde, que alguns alagoanos maus ou ressentidos detratavam lá fora. Não, Alagoas não era uma terra de assassinos ou de gente sanhuça, de revólver ou faca na cinta. E, quanto aos rumores de que, na cadeia de Maceió, os presos apanhavam mais do que boi ladrão, não passavam de calúnias espalhadas pelos inimigos do interventor, um homem de bem que combatia o comunismo e a corrupção administrativa (LÉDO IVQ, 2015, p. 135).

Afastou-se do mar e seguiu pela praia até os trapiches negros que, cheirando a açúcar mesmo à noite – quando todos os armazéns estavam fechados e não havia nenhum trabalho de estiva – avançavam para o mar, apoiados em estacas verde-negras que, presumivelmente, jamais apodreceriam e haveriam de entrar para a eternidade com a sua imemorial solidez. (Perto, debaixo de uma daquelas casas, estavam sepultados os marinheiros ingleses. Havia muitos anos, um navio ancorara no porto de Jaraguá, com peste a bordo. Os cadáveres dos marujos mortos de febre amarela tinham sido desembarcados e enterrados na praia que, com os tempos, se converteu numa avenida, suprimindo-lhes os túmulos. E, em certas noites, quando há navios ingleses ancorados no porto, as almas desses marinheiros vagueiam pelas ruas desertas de Jaraguá, procurando barqueiros que os levem para bordo e os façam repousar sob a mesma bandeira que os cobria nos dias em que, embarcando no navio perdido, eles sonhavam com um verde trópico de coqueiros, papagaios, canários e mulheres morenas. (LÉDO IVQ, 2015, p. 13, grifo nosso)

Me lembrei também, da primeira foto aérea de Maceió e sua descrição, também feita por um inglês, nos anos 1931 que vi na tese de Rubens Duarte (2019, p. 110). Dizia assim, em tradução livre:

Os cais de Maceió (74.000 habitantes – acima, apenas sua extremidade marítima que se estende até o Atlântico) estão repletos de sacos de açúcar e até mesmo o ar é doce e pegajoso. Grande parte do açúcar do distrito é destilado em aguardente, um potente rum exportado para o Uruguai e a Argentina. Maceió é o terminal sul da Great Western

Railway, de propriedade britânica (1.000 milhas de trilhos), o maior sistema ferroviário de todo o norte do Brasil. (Alfred G. Bukhamin RUBENS DUARTE, 2019, p. 110)



Figura 60 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles.

Figura 61 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles.

Num movimento rápido, a raposa mudou de direção, e veio pela rua que cheirava a açúcar e cebola. (Atrás das portas cerradas das fachadas leprosas, que o vento do mar fora ulcerando, jaziam sacos de açúcar de banguê e de cebola, fardos de algodão, aguardente, milho, coco, fibras têxteis). (LÊDO IVQ, 2015, p. 14)

“A cachaça, que haviam começado a servir era, decerto, a melhor do mundo, aquela que garantia a Alagoas o privilégio de olhar com desdém os alambiques de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, ou os engenhos do Ceará. Escorrendo pela garganta dos presentes, a azuladinha fabricada por Paulo Rolemberg, no Engenho Coruripe, dava-lhes a sensação de que tinham nascido numa terra ditosa, merecedora da inveja universal.” (IVQ, 2015, p. 129)

Era costume, nas cidades litorâneas brasileiras, que as edificações ficassem de costas para o mar, que era visto, na época, como sinônimo de doenças e perigos misteriosos.

Era como se ali, naqueles sobrados de gradis ferrugentos e nas calçadas tortas e em declive, o homem se tivesse empenhado em construir o seu primeiro e mais resistente baluarte contra o mar e a evasão, levantando um monumento que, mesmo à noite, cheirava a mercadoria e a lucro. E as janelas fechadas escondiam o amor e o ódio, a expiação e o terror, o adultério e a sodomia. E, dia e noite, os relógios marcavam o fluir do tédio e da espera insensata. (LÉDO IVO, 2015, p. 14, grifo nosso)

Esse fragmento me parece capturar e descrever a alma da cidade tapadiça e seu motivo de existência. “O homem” que levanta um monumento que cheira a mercadoria e lucro. Pode-se entender o monumento como sendo a própria cidade, que vai deixando de ser povoado, para virar vila, e depois capital, para atender à expectativa de gerar lucro. Se transforma no ponto de encontro de interesses mercantis. E as marcas dessa confluência que gira em torno de mercadoria e lucro vão sendo deixadas pelo chão, paredes, praças, no ar.

Os trapicheiros, vistos de longe, pareciam um formigueiro em atividade. Todos eram da mesma cor, faziam movimentos iguais, no mesmo sentido ou no sentido contrário, laborando sem parar, ágeis e inquietos, como se alguma coisa os fizesse agir por automatismo. Vestiam calça curta até os joelhos, invariavelmente desbotada, com um bolso grande embutido do lado direito e às vezes surgindo depois da boca, de peito nu ou com camisa de saco de estopa furado em três lugares, um deles no centro para entrar a cabeça e ficar mostrando a nuca, clavículas e parte superior do busto, os outros dois eram para os braços, mostrando os ombros, peça folgada por inteiro e chegando por baixo da cintura. Na cabeça um turbante de pano enrolado para proteger do peso dos sacos e fardos, um lenço à moda dos piratas ou simplesmente o forro dos cabelos encarapinhados, sempre melados de garapa e suor salgado do corpo (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 81).



Figura 62 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles.



Figura 63 - Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot - Arquivo Instituto Moreira Salles.

“Um senhor que mora em Belém italiano, associando as coisas (pelas 24h chegaremos a Maceió) me conta: Em Maceió os pretos têm um costume engraçada: quando transportam um piano, costumam cantar, são oito homens, um puxa, os outros secundam lento, forte, de longe se escuta. É um canto falado, num som só, diz-que pra não desafinar o piano. Eis o canto que ele me deu

Texta: Sola – O que vem lá na barra?

Coro – É um naviu

Etc. (sempre o mesmo texto)

E eu que tenho pelejado pra pegar uma dessas parlendas de carregadores de piano, por um simples acaso de passar um navio, perto de Maceió, consegui afinal integralmente uma delas.” (MÁRIO DE ANDRADE, 2015, p. 216-217)

O Fragmento acima foi publicado no Diário Oficial, jornal de São Paulo, no ano de 1931, por Mário de Andrade após viagem ao nordeste, quando passou por Maceió. A movimentação que as mercadorias de exportação e o lucro faziam girar provocavam dinâmicas diferentes daquelas vindas da influência lagunar, e produziam um novo clima para a urbe. Essas duas dinâmicas, se encontravam, se misturavam, entravam em conflito, se fundiam, e originaram o imaginário urbano-

natural-urbanizado. Imaginário esse, específico e diferente de qualquer outra cidade alagoana.

“Este mês fiz uma sacrifício: dei uns dinheiros ao Moisés das prestações para amortizar a minha conta. Dr. Gouveia há-de ter paciência: espera mais uns dias. Deixarei de andar pela rua do Sol para não encontrá-lo. O que não posso é continuar a esconder-me de Moisés. Escondo-me, estive algumas semanas sem ir ao café, com receio de ver o judeu. E gosto do café, passo lá uma hora por dia, olhando as caras.

Há o grupo de médicos, o dos advogados, o dos comerciantes, o dos funcionários públicos, o dos literatos. Certos indivíduos pertencem a mais de um grupo, outros circulam procurando familiaridades proveitosas. Naquele espaço de dez metros **formam-se várias sociedades com caracteres perfeitamente definidos, muito distanciadas**” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 27, grifo nosso)

Veremos também passarem os bondes de segunda classe, com bancos laterais e espaço central, mais feios e no entanto mais engraçados, com suas lotações completas da criadagem, trapicheiros, prestamistas, gazeteiros, estafetas da Western, contínuos, guardas-civis, raparigas da vida fácil, soldados rasos, carregadores, biscateiros, vendedores ambulantes com suas mercadorias: patos, galinhas, perus, latas de sururu, carangueijos, peixe, embrulhos disformes com carne de porco, ganchos com tocinhos pendurado, verduras em cestos, legumes e frutas, samburás, rolos de fumo, sacos de estopa, quinquilharias. E, por isso: - **Lá vai a gaivota da CATU**, dizem (JOSÉ F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 90)



Figura 64 - Vendedor de Perús, Maceió, 1905. Foto de Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.

Figura 65 - Vendedoras ambulantes na Praça do Montepio dos Artistas, Maceió, 1905. Foto: Luiz Larvenère. Fonte: Arquivo Público do Brasil.

O pecado vivia bem na Sá e Albuquerque, pior nos becos e ruas do Duque, Verde, Ubu, mais para dentro, muito pior pelos fundos dos trapiches até a beira do mar, por baixo das pontes, onde se escondia tudo, desde a rapariga

rampeira aos que praticavam o sexo exótico na escuridão e no disfarce de uma floresta de troncos e debaixo de tetos enormes, tendo como piso a areia salgada nem sempre limpa pelas ondas do mar. Muitos frequentadores daquelas paragens eram gente importante, alguns recém-saídos dos bailes da Fênix, rondando por ali movidos pelo apetite de suas perversões ou preferências sexuais (...) gente que foi para a Ponte do Sabão ou ruínas da Igrejinha da Ponta Verde quando os trapiches foram demolidos (JOSÉ, F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 80).

Muitos anos se passaram nesse lufa-lufa de armazéns e trapiches, carroças, trens chegando do Vale do Mundaú, caminhões chegando de Murici, Uirão, São Luiz do Quitunde e Camaragibe, portos e barrancas de rio, navios ao largo pegando açúcar das alvarengas em meio de barcaças, rebocadores, troles, guindastes, catraias. Até que um dia chegou uma nova onda de progresso junto com a guerra e a construção do cais do porto. Os caminhões vieram em quantidade, substituíram as carroças, ficaram maiores, as estradas melhoraram, as cargas movimentaram-se direto para os navios atracados e chegou forte e poderoso o IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool com seus enormes armazéns para um milhão de sacos de demerara de exportação, construídos na Avenida Maceió esquina com Santa Leopoldina, enquanto adormeciam os armazéns antigos, mudavam de ramo quase todos os exportadores, o açúcar deixou de ser preparado naquela faina do “boi” e da pá, enquanto morreram também os banguês, cresceram as centrais açucareiras e o Governo passou a cuidar de tudo isso, até mesmo do comércio. Era o ocaso dos trapiches e pontes e o surgimento de Jaraguá segunda metade do século XX como Cais do Porto, depois o Terminal Açucareiro, Pier Petroleiro, tanques de petróleo gigantescos. Dos trapiches não se ouve mais falar. Um ou outro velho morador do bairro, algum trapicheiro ou barceiro aposentado guarda na memória a movimentação da humanidade de Jaraguá até hoje não superada, naqueles anos de muita vida, sofrimento e trabalho. Continua a loita do porto, mas ninguém da rua sente a humanidade da estiva e da resistência, porque ficaram longe e cercadas as áreas de trabalho, lá pelos lados da cabeça do cais, os arrumadores (JOSÉ, F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 84-85).

Nas madrugadas boêmias, as raparigas que ficavam em Jaraguá, enquanto as companheiras iam até o Catolé com seus fregueses ricos, costumavam tomar banhos matutinos de mar por baixo ou entre os trapiches, e alguns curiosos escondiam-se por trás das estacas num anfiteatro clandestino (JOSÉ, F. MAYA PEDROSA, 1998, p. 81).

“Julião Tavares e Marina tinham entrado no Livramento e lá iam juntinhos, esfregando-se. Cadeiras na calçada. Era necessário saltar (do bonde) no paralelepípedo. Um passo em falso, topada na sarjeta, e os dois corpos se chocavam. Diante da igreja, nos bancos da praça miúda, gente esquisita: homens sujos, mulheres sem companhia. E crianças abandonadas pelos cantos. Cochichos, palavões, descontentamento, frases incendiárias. Na calçada estreita da igreja as crianças abandonadas apinhavam-se. Automóveis parados, chauffeurs adormecidos, vagabundos, exposição de prostitutas à entrada da rua da Lama.” (GRACILIANO RAMOS, 2005, p. 117)



Figura 66 - Rua da Lama. Fonte: História de Alagoas.

E assim, "estranhando o familiar" (GILBERTO VELHO, 2013), sigo caminhando pelas caminhos tortos e certos da intuição buscando entender porque é que dói tanto amar alagoas. Esse caminho não se encerra aqui, e talvez nunca tenha fim. Quem é que sabe dos mistérios da vida? Só me resta caminhar.

7. | ÁGUAS FINAIS |



Figura 67 - Canal Novo na Lagoa Manguaba, 1950. Foto: Stuckert. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta dissertação passeou pela cidade que nasce das águas, nasce do mar de Jaraguá, junto ao ancoradouro natural. E que nasce também, e ao mesmo tempo, nas águas salobras e verdes do Canal Grande, no alvor dos cômodos do Pontal da Barra e no cinzento metálico das lagoas do Norte e do Sul (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999). Ao longo do tempo, foi adquirindo má-fama pelo seu nascimento aquático. A “gente anfíbia”¹⁷ que vivia tanto na terra, quanto na água, não era bem-vista pelas autoridades dos idos dos anos 1818, quando o governador da nova capitania de Alagoas, desembarca na cidade. O motivo era justamente sua vida na água e nas

¹⁷ “Na região dos CANAIS e das LAGOAS, as duas estações – o inverno e o verão – são de uma irregularidade sem limites, principalmente a primeira. No inverno: dias longos, tristes, de chuva. Então, tudo mofa. Das paredes frias, dos móveis, de todas as madeiras, sai um visco repelente. A umidade sem igual invade as casas. O tijolo do ladrilho escurece. Nos prédios cimentados, a sensação de mal-estar é horrorosa. Julga-se viver dentro de um charco. E, por vezes, parece que os habitantes da Levada, em Maceió, não passam de sapos e rãs” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 127).

terras alagadas, nos mangues das lagoas, nas ilhas, no pântano da Boca de Maceió, suas ruelas e habitações rústicas com mata à beira do casario, seus alagadiços (CRAVEIRO COSTA, 1983). A chamada Boca de Maceió, é exemplo vivo da “Maceió restinga” (IVAN. F. LIMA, 2010), explicação geográfica da paisagem natural dessas terras cercadas de águas por todos os lados, embaixo e em cima:

“Que é uma ilha senão um círculo” (Jorge de Lima, em a Invenção de Orfeu, Soneto XXIII, Canto IV). Aos que consideram como eu, as Alagoas um enclave social, político e cultural, a definição da ilha como círculo é uma metáfora alagoana da cultura. (...) Entre a concretude geográfica ou social aspm-se as realidades da metáfora” (CIRCEULINDOSO, 2015, p. 12).

A partir da literatura e de outras narrativas que compõe o imaginário social-urbano, esta dissertação investigou a história cultural urbana de Maceió, tomando como ponto de partida o imaginário das águas, metáfora cara e bem conhecida da intelectualidade alagoana. A partir da vivência com riachos diversos e extensas áreas alagadiças e pantanosas, a cidade foi se formando pelo porto marítimo de Jaraguá e pelos portos lagunares, que a inseriam na região dos canais e lagoas. Viu-se que a relação da cidade com suas águas é conflituosa desde sua origem, e que tende a reproduzir a “tapagem” que lhe deu nome.

O próprio nome da cidade, Maceió, de origem indígena, designa “o que tapou o alagadiço”, e expõe a profunda ciência indígena, que viu esta paisagem se transformar ao longo dos milênios. Essa tapagem, um processo natural e milenar de consolidação da terra onde antes tudo era água, foi dando lugar a um outro tipo de tapagem: a tapagem dos alagadiços. Aterros vários e retificações de riachos foram dando forma à Maceió de fato: aquela que nasceu da tapagem da água que brota da terra e se impõe na alma dos maceioenses. Águas essas que por sua vez, tapam a cidade com águas voadoras que descem dos céus e invadem a urbe destruindo tudo que o homem construiu para continuarem fluindo.

Lagos e lagunas, olhos d'água, riachos, terrenos alagadiços e manguezais. Jaraguá e Centro, primeiros núcleos de povoação, eram separados pela Boca de Maceió, a boca do riacho que deu nome à cidade. Outras áreas do que hoje são a cidade Maceió apresentavam as mesmas características.

“O Canal da Levada, que avançava até onde hoje se encontra o Mercado do Artesanato e era utilizado como área de desembarque de passageiros e mercadorias que eram transportadas em embarcações pelas águas das lagoas Mundaú e Manguaba” (EDIBERTO TICIANELLI, 2015).

Esse conjunto de terrenos alagados, seus cursos d'água e lagoas, principalmente o Riacho Maceió (atual Salgadinho, que atravessa o vale do Reginaldo) dificultavam o acesso da maior aglomeração de pessoas da vila (o centro) ao porto de Jaraguá. Porto esse, que foi a principal razão pela transferência da capital da antiga cidade de Alagoas (atual Marechal Deodoro) para Maceió. À medida que se foi construindo e se expandindo a cidade, foram-se aterrando os alagadiços, drenando ou bombeando os riachos e lagoas e/ou os retificando.

As águas, portanto, formaram a cidade, e a cidade se formou delas, fazendo do povo desta região, um “povo anfíbio” (Octávio Brandão, 1999), meio água meio terra. A presença das águas na vida urbana maceioense se impõe: as marés, as chuvas no inverno que causam alagamentos e cheias dos rios e riachos, a umidade intensa que faz tudo mofar. Essa presença e os movimentos de tapagens dessas águas formam, então, um imaginário aquático complexo, urbano-natural-urbanizado, que é urbano e natural ao mesmo tempo, coexistindo em conflito. O vínculo com as águas traz à tona aspectos profundos e contraditórios de amor e rejeição: os homens tapando a água com terra para expandir a cidade e sanitizar, e a água tapando a cidade com trombas d'água em sua força descomunal.

A aproximação da cidade com a natureza vai criar conflitos e prazeres. Vai se formando uma estigmatização das águas que vai determinando o modo como a cidade reage e lida com elas. A partir disso, pode-se refletir sobre a ideia de um imaginário que é, ao mesmo tempo, urbano e natural. Há na cidade anfíbia, a presença de uma natureza urbana forte, assim como a urbanidade que se forma ali é, portanto, natural. Poderíamos dizer, então, que a anfíbioalidade seria a síntese desse um imaginário complexo urbano-natural-urbanizado, onde há a compreensão de que não há separação radical entre o natural e o urbano, e, portanto, entende-se que tudo é modo de viver, urbe e socialização, e tudo é também natureza. As duas coisas estão imbricadas. Nós somos natureza, e a natureza também é social, no sentido de que ela também foi transformada por nós, é uma natureza urbanizada.

“Alagoas é o que se ama e dói” (Dirceu Lindoso), é um dos sentimentos mais genuínos que compõe os afetos da cidade. Esse sentimento compõe grande parte da subjetividade maceioense, e até se expande para o estado. É ter a consciência de sua parte ruim, feia, que rasga por dentro o orgulho de pertencer a este chão, e mesmo assim, se pegar amando, como disse Lêdo Ivo, “como as cobras amam seus ninhos de pedra”. Esse sentimento se apresentou muito claramente para mim não só em relação às águas, mas durante todo o processo de pesquisa, e acredito que isso abre caminhos possíveis de continuação dessa investigação. A dissertação conseguiu trazer à tona todas essas reflexões, mas caberia, por exemplo, uma discussão mais aprofundada sobre quais eram as cosmovisões presentes aqui, antes da colonização europeia, e como é que isso de alguma maneira se relacionava com essa geografia e vice-versa – partindo do pressuposto de que a geografia fazia muito parte dessas cosmovisões – para tentar entender melhor, se e como, isso tem algum rebatimento na cidade de hoje, que vive sob uma outra cosmovisão. As outras cidades identificadas na montagem deste trabalho, são também pontas soltas que podem contribuir para o avanço da discussão iniciada aqui com a cidade das águas, principalmente a cidade que se ama e dói.

O desejo de controle, tamponamento, desvio, no lugar de adaptabilidade a essa água pode ser entendido como parte da subjetividade urbana que ama e dói, mas isso também nos direciona para a necessidade de estudos futuros sobre outros modos de se relacionar com as águas urbanas, no caso de Maceió, mas em outras cidades, principalmente com o advento das catástrofes climáticas tão presentes na era do antropoceno em que estamos vivendo. Se faz necessária e urgente a concepção de outras formas de habitar o espaço, a intervenção de outras cosmovisões, que não essa onde os homens se entendem não-natureza, e, portanto, capazes de dominá-la. Precisamos nos perceber natureza, e mais que isso, dependentes, pois os seres humanos não sobrevivem sem o ambiente diverso que os cerca e do qual fazemos parte, ainda que, se os seres humanos desaparecerem, a vida para além de nós, seguirá existindo e se transformando.

Essa reflexão é especialmente importante em um momento em que estamos vendo ruir um modelo de urbanização que se fez destruindo a diversidade existente no planeta. E é também, especialmente importante que essa reflexão aconteça entre nós, que somos os principais reprodutores dessa ideologia. Assim, nos deparamos, portanto, com nossa própria ignorância ao pensar soluções para essa

urbanidade doente. Soluções eficazes dificilmente surgirão de dentro da cosmovisão que causou a crise climática que estamos vivendo. Se faz necessário não só que a discussão aconteça, mas que aconteça com a presença de outras cosmovisões.

Todo começo também é um fim
e todo fim é um recomeço.

Eu tenho medo do fechar

Do firmamento

Do movimento

Do andar

Do tempo assim

Do que em mim

Do ficar

Do desalento

Do sofrimento

Do faltar

Do tempo enfim

Baladeira - Alessandra Leão.

1. | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS |

ALAMBERT, Zuleika. **Mulher**: uma trajetória épica. Brasília, 1997.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMANDOZ, Almandoz. **Notas sobre historia cultural urbana**: uma perspectiva latinoamericana. Perspectivas urbanas/Urban Perspectives, Barcelona, ETSAV, v. 1, n.1, p. 29-39, 2002. In CASTRO, Ana Claudia Veiga de. **Figurações da cidade**: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2016, v. 24, n. 3.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. IPHAN, 2015.

BARROS, Raquel Rocha de Almeida. **Solitários no paraíso**: produção cultural e expressões de isolamento em Maceió. Maceió: Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, n. 093. São Paulo, Portal Vitruvius, fev. 2008
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>>.

____ *et al.* **Laboratório urbano**: pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022.

____. **Pensar por Montagens**. In JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva. (Orgs.) *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 206-235.

BEZERRA, Edson. **Manifesto Sururu**: por uma antropofagia das coisas alagoanas. Maceió: Viva Editora, 2014.

_____. **Configurações em torno de uma Identidade Ornamental**: a emergente identidade cultural alagoana. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Mimeo.

BITTENCOURT, Ednor. **Corrupio**: Memórias 2. Maceió: SERGASA, 1992.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e Lagoas**. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 1999.

_____. **A mineralogia e a geologia dos canais e das lagoas**. Ebook da Palestra dada em 12 de outubro de 1917.

BRESCIANI, Maria Stella. **Literatura e cidade**. In CARDOSO, Selma Passos; PINHEIRO, Eloísa Petti; CORRÊA, Elyane Lins. (Orgs.) Arte e cidade: imagens, discursos e representações. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 9-40

_____. **Pensar por Associações**. In JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva. (Orgs.) Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 18-45.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 2015.

CASADO, Camila Antunes de Carvalho. **A invenção da praia e o viver nas alturas em Maceió-AL**. Curitiba: CRV, 2022.

CASTRO, Ana Cláudia Veiga de. **Figurações da cidade**: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2016, v. 24, n. 3 [Acessado 8 Novembro 2022] , pp. 99-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0304>>. ISSN 1982-0267. <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0304>.

CAVALCANTI, Verônica Robalinho. **La production de l'espace à Maceió (1800-1930)**. Tese (Doutorado) - Universidade de Paris I, Panthéon, Sorbone, 1998.

COSTA, Craveiro. **História de Alagoas**. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

_____. **Maceió**. 2 ed. Maceió: Sergasa S/A, 1981.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados**: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de hoje. Porto Alegre, 2007, v.42, n. 4, p.18-31.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. **Pelejas de Catirina**: (des)(re)cartografias de cidades | no | do | com | para | entre | sob | sobre | anti | pro | fora | nordestes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. São Paulo: Editora Hucitec; NUPAUB, 2008.

DUARTE, Rubens de Oliveira. **O protagonismo e a sedução do mar e da laguna em Maceió e o imaginário das águas na cidade**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, 2019.

FARIA, Geraldo M. G; SILVA, Luiz G. O. **Metamorfoses do espaço da cidade de Maceió**: 1. Bairros da Planície Litorânea Central: Metamorfoses do espaço dos bairros Ponta Verde, Jatiúca e Mangabeiras. Relatório de pesquisa, 1ª etapa, mimeo, Núcleo de Estudos Morfologia dos Espaços Públicos (MEP)/UFAL/Fapeal, Maceió, 2017.

FERRARE, Josemary. **Marechal Deodoro**: um itinerário de referências culturais. Maceió: Edições Catavento, 2002.

FORTES, Cynthia Nunes da Rocha. **Destino Jaraguá**: um porto atlântico colonial da América portuguesa e a gênese da cidade de Maceió. Edufal, 2023.

GASTAL, S. A., & Neto, E. V. da S. **Turismo e Cultura**: O Carnaval na Cidade de Maceió (Brasil). Revista Lusófona De Estudos Culturais, 8(1), 221–239, 2021. <https://doi.org/10.21814/rlec.2691>

GUTEMBERG, Luiz. **O anjo americano**. 2 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras**. 5 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2015.

JUNIOR, Oseas Batista Figueira. **A ordem médica sobre o alagadiço**: Higienismo e epidemias na Alagoas Oitocentista (1850-1882). Curitiba: CRV, 2022.

JÚNIOR, Manuel Diégues. **O banguê nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

JÚNIOR, Félix Lima. **Maceió de outrora**: obra póstuma. Org. Raquel Rocha. Maceió: EDUFAL, 2001.

_____. **Maceió de outrora**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LINDOSO, Dirceu. **A utopia armada**: rebeliões de pobres nas matas do tombo real. 2 ed. rev. Maceió: EDUFAL, 2005.

_____. **Marená**: um jardim na selva: saga amazônica do sertanista Antônio Cotrim Soares e outras antropologias. Maceió: Companhia de Empreendimentos Intermediação e Parcerias de Alagoas, 2006.

_____. Uma cultura em questão: A Alagoana. [Entrevista concedida a] Jorge Barboza. **Urupema**: revista de cultura alagoana, Maceió, n. 1, p. 25-36, dez. 2006a.

_____. **Interpretação da Província**: Estudo da cultura Alagoana. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 2015.

_____. **Formação de Alagoas Boreal**. 2 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Eduneal: Fapeal, 2019.

LIMA, Ivan Fernandes. **Maceió, a cidade restinga**: Contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2010.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MAJELLA, Geraldo de. **Panorama cultural de Maceió**. Maceió: Instituto Lumeeiro, 2016.

_____. **Maceió em Guerra**: Exclusão social, segregação e crise da segurança pública. Maceió: Bagaço Design Ltda, 2019.

MARQUES, Isabela Camargo. **Viver a cidade**: reflexões sobre cotidiano, vitalidade e permanência no bairro da Jatiúca – Maceió/AL. 2018.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.21 – n. 1, p. 69-86, Jan-Abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100006> . Acesso em 30 de jan. 2024.

PEDROSA, José Fernando de Maya. **Histórias do Velho Jaraguá**. Maceió: Talento, 1998.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território**: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. São Paulo: ANPUR e PPGAU-UFBA, 2019.

RAMOS, Benedito. **Maceió**: a configuração de uma vila setentista e seu franco desenvolvimento no século XIX e início do século XX. Maceió: Viva editora, 2021.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 61 ed. Rio, São Paulo: Record, 2005.

- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- SANTOS, Milton. "**O retorno do território**". In: Santos, Milton; Silveira, Maria Laura e Souza, Maria Adélia (orgs.) Território – Globalização e Fragmentação. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994 pp. 15-20.
- SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 jan. 2024.
- TAVARES, M. Gonçalo. **Atlas do Corpo e da Imaginação**. Alfragide/PT: Editorial Caminho, 2013.
- TICIANELLI, Edberto. **Cheia de 1924 em Maceió**. 31 maio 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/cheia-de-1924.html>. Acesso em: mar. 2024.
- _____. **A Boca de Maceió**. 19 jul. 2015a. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-boca-de-maceio.html>. Acesso em: mar. 2024.
- _____. **A tromba d'água de 1949 em Maceió**. 24 maio. 2015b. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-tromba-dagua-de-1949.html>. Acesso em: mar. 2024.
- _____. **Levada de Maceió, o porto da cidade restinga**. 16 maio 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/levada-de-maceio-o-porto-da-cidade-restinga.html>. Acesso em: mar. 2024.
- _____. **Riacho Reginaldo, o Salgadinho de Maceió**. 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/riacho-reginaldo-o-salgadinho-de-maceio.html>. Acesso em: mar. 2024.
- _____. **Os violentos Pastoris de Maceió no século XIX**. 25 dez. 2018b. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/os-violentos-pastoris-de-maceio-no-seculo-xix.html>. Acesso em: mar. 2024.

_____. **Avenida da Paz, o aterro de Jaraguá.** 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/avenida-da-paz-o-aterro-de-jaragua.html>. Acesso em: mar. 2024.

_____. **Destruição e morte no temporal de 1928 no porto de Jaraguá em Maceió.** 6 jun. 2022. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/destruicao-e-morte-no-temporal-de-1928-em-jaragua.html>. Acesso em: mar. 2024.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Maçaió-k, Maçayó, Maceió.** Maceió: Editora CESMAC, 2019.

TREVISAN, Ricardo. **Pensar por Atlas.** In JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva. (Orgs.) *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar.* Salvador: EDUFBA, 2018. p. 18-45.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). *A aventura sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. P. 36 a 46.

WALBEECK, Johannes & MOUCHERON, Henrique de. Relatório, 1643. In: **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.** N. 33-34. Recife, 1887.